



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

MARCELO DE PAULA PEREIRA PERILO

“ROLÊS”, “CLOSES” E “XAXOS”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE
JUVENTUDE, (HOMO)SEXUALIDADES E CIDADES

CAMPINAS

2017

MARCELO DE PAULA PEREIRA PERILO

“ROLÊS”, “CLOSES” E “XAXOS”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE
JUVENTUDE, (HOMO)SEXUALIDADES E CIDADES

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de doutor em Antropologia Social.

Orientadora: Regina Facchini.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELO ALUNO MARCELO PERILO E
ORIENTADA PELA PROF(A) DR(A)
REGINA FACCHINI.

CAMPINAS

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): FAPESP, 2012/24254-9

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

P418r Perilo, Marcelo de Paula Pereira, 1984-
"Rolês", "closes" e "xaxos" : uma etnografia sobre juventude,
(homo)sexualidades e cidades / Marcelo de Paula Pereira Perilo. – Campinas,
SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Regina Facchini.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Juventude. 2. Homossexualidade. 3. Espaço. 4. Visibilidade. 5. Mudança
social. I. Facchini, Regina, 1969-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: "Rolês", "closes" and "xaxos" : an ethnography about youth,
(homo)sexualities and cities

Palavras-chave em inglês:

Youth

Homosexuality

Space

Visibility

Social change

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Doutor em Antropologia Social

Banca examinadora:

Regina Facchini [Orientador]

Júlio de Assis Simões

Roberto Marques

Isadora Lins França

Carolina Branco de Castro Ferreira

Data de defesa: 19-06-2017

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos em sessão pública realizada em 19 de junho de 2017, considerou o candidato Marcelo de Paula Pereira Perilo aprovado.

Prof^a. Dr^a. Regina Facchini

Prof. Dr. Júlio de Assis Simões

Prof. Dr. Roberto Marques

Prof^a. Dr^a. Isadora Lins França

Prof^a. Dr^a. Carolina Branco de Castro Ferreira

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

Dedico esta tese para Elvis Stronger e para Kayo Eduardo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Regina Facchini, que me acolheu de várias maneiras, orientou minha pesquisa e compartilhou tanto comigo. O que entendo sobre generosidade, rigor e engajamento na pesquisa acadêmica diz muito sobre o que aprendi com Regina em mais de quatro anos de convivência.

A Carolina Branco, Isadora Lins França, Júlio Simões e Roberto Marques por atenderem o convite para compor a banca de defesa de minha tese e por suas arguições brilhantes.

A Bibia Gregori, Guita Debert e Vanessa Leite por atenderem o convite para serem suplentes na banca de defesa da tese.

A Isadora Lins França e Júlio Simões pelas sugestões, críticas e debate fundamentais na banca de meu exame de qualificação.

A Isadora Lins França por todos os diálogos sobre pesquisa antropológica e sobre a tese.

A Roberto Marques por todas as sugestões ao longo do desenvolvimento de minha pesquisa de doutorado e pela parceria na escrita de artigos.

A Bruno Puccinelli por todos os debates sobre minha tese e pela parceria na escrita de artigos.

A Guita Debert, que teceu questões e comentários inspiradores sobre a pesquisa em minha entrevista no processo seletivo para a turma de 2013 do PPGAS Unicamp.

A Eros Sester, que é antropólogo e amigo, e por tudo o que essa combinação significa em minha vida além de poesia e pólvora.

A Kelvin Castro, que é namorado e bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, e por tudo o que esse arranjo fez surgir em minha vida além dos mapas que elaboramos juntos para a tese.

A Eros Sester e Ricardo Gamboa por compartilharem histórias e informações que me orientaram a iniciar o trabalho de campo em São Paulo.

A Márcia Giovanetti (*in memoriam*) por me apresentar dados e pessoas que me favoreceram a identificar Barretos como cidade onde eu poderia realizar trabalho de campo.

Aos integrantes do grupo de estudos na Unicamp coordenado por Regina Facchini e Isadora Lins França no qual apresentei vários textos escritos a partir de minha pesquisa. Agradeço então a Alexandre Olviedo, Ana Paula Araujo, Andrea Lacombe, Bruna Mantese, Bruno Cesar Barbosa, Bruno Puccinelli, Bruno Ribeiro, Eros Sester, Fernanda Kalianny, Fernando Ramírez, Guilherme Passamani, Íris do Carmo, Jadir Marques, Lilyth Grove, Matheus Oliveira, Michele Escoura, Natalia Negretti, Roberto Efrem, Rubens Mascarenhas, Sara Rossetti, Stephanie Lima, Thiago Falcão e Vinícius Zanolli.

A todas as pessoas que me hospedaram contribuindo para que minha pesquisa se tornasse exequível. Agradeço a Marco Monteiro por me hospedar em Barretos. E agradeço a Ana Paula Araújo, Andrea Ponce Garcia, Francisco Barganian, Guilherme Antunes, Sarah Rossetti e Vinícius Zanolli pela hospedagem em Campinas.

A Guilherme Passamani e Roberto Marques pela parceria na proposição e coordenação do simpósio temático "Gênero, sexualidade, espacialidades: intersecções em diferentes escalas do urbano", que foi realizado em 2016 no VIII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura.

A Bibia Gregori e Andrea Lacombe, que me supervisionaram em meu estágio de docência em 2013 na Unicamp e com as quais aprendi muito sobre aprender e ensinar.

Aos meus amigos Alair Perilo, Ana Maria Perilo, Camilo Braz, Carlos Gutierrez, Débora Melo, Fátima Regina, Guilherme Antunes, Gustavo Perilo, Janaína Duque, Jaqueline Santos, Kelly Rodrigues, Luciano Perilo, Marino Torre e Ronaldo Gomes.

A Tales Gubes pelo minucioso trabalho de revisão desta tese.

À FAPESP pela bolsa de doutorado e pela reserva técnica fundamentais para realização de minha pesquisa e para minha formação como antropólogo.

Às vezes eu falo sozinho
Misturo cachaça com vinho
Queria sair pelado na rua
Eu queria fazer batucada na Lua
Escrever um poema na linha do horizonte
Eu só não quero virar rinoceronte

Caixeiras do Divino lá do Maranhão
Carlos Drummond de Andrade, Itamar Assumpção
Maurício Pereira, eu peço a você
Rinoceronte eu não quero ser

Manuel de Barros, Fernando Pessoa
Dona Adélia Prado, te peço numa boa
Plínio Marcos, Tom Zé, Juçara Marçal
Ser rinoceronte não vai ser legal

Lavradores, professores, cortadores de cana
Zito, Madalena, Seu Geraldo, Silvana
Quero matar minha sede na água da fonte
Eu só não quero virar rinoceronte

(“Canto para não ser rinoceronte”, de Isadora Títto
e Jonathan Silva, da peça “Canto para rinocerontes
e homens” da companhia Teatro do Osso)

RESUMO

Nesta tese de doutorado tenho por objetivo refletir sobre processos de mudança em regimes de visibilidade da homossexualidade no Brasil contemporâneo e suas implicações na produção de espaços, relações e pessoas. Para tanto, realizei trabalho de campo a partir das cidades de São Paulo e de Barretos entre 2013 e 2016. Nesse processo, pude estabelecer contato e acompanhar os trânsitos, ou “rolês”, de interlocutores, em geral adolescentes ou jovens com condutas homo ou bissexuais, de estratos populares e moradores de periferias. Esse contato permitiu que eu observasse o modo como eles elaboravam espaços; constituíam relações; e produziam a si mesmos considerando restrições financeiras, dispositivos urbanos segregacionistas e possibilidades de represália em função da visibilidade de si e de suas relações. Possibilitou, ainda, uma análise de transformações sociais cujos efeitos se tornaram mais expressivos a partir da década de 1990 no Brasil, como a crescente visibilidade da homossexualidade na esfera pública; a proposição de políticas governamentais destinadas a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais; e a ascensão e especificação de um mercado voltado a tal população. Em meio aos trânsitos por/entre espaços junto a meus interlocutores, identifiquei algumas das maneiras pelas quais eles elaboravam e experimentavam as cidades pelas quais o “rolê” os levava, seja compondo distintos estilos corporais, investindo em carreiras artísticas, tornando-se militantes ou articulando redes de suporte e de proteção (como as “famílias LGBT”). A visibilidade de si e de suas relações, a composição de estilos corporais e o trânsito em grupos compõem o “close”, que não raro é marcado por situações de violência contra esses adolescentes e jovens ou entre eles, os “xaxos”. A reflexão sobre meus interlocutores, a partir de etnografia focada em seus deslocamentos pelo espaço urbano e atenta aos diferentes regimes de visibilidade em que se inseriam, contribui para o conhecimento sobre processos de constituição mútua de espaços, relações e pessoas e sobre mudanças nas convenções sociais de gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: juventude; homossexualidade; espaço; trânsitos; regimes de visibilidade; mudança social

ABSTRACT

In this doctoral thesis I aim to reflect on processes of change in regimes of visibility of homosexuality in contemporary Brazil and its implications on the production of spaces, relationships and subjects. Thus, I developed fieldwork from São Paulo and Barretos between 2013 and 2016. In this process I was in contact and I followed the mobilities, or "rolês", of interlocutors who were usually young people with homosexual or bisexual conducts of popular strata and residents of low-income outskirts. This contact allowed me to observe the way they produced spaces, established relationships and produced themselves by considering financial constraints, segregationist urban apparatus and possibilities of reprisal because of the visibility of the self and the visibility of their relationships. It also allowed an analysis of social transformations whose effects became more expressive from the 1990s in Brazil, such as the increasing visibility of homosexuality in the public sphere, a growing demand for government policies aimed at lesbians, gays, bisexuals, travestis and transsexuals and the rise and specification of a market aimed at this population. Among the transits through spaces with my interlocutors, I identified some of the ways in which they elaborated and experimented cities through which the "rolê" took them, whether composing different body styles, investing in artistic careers, becoming political activists or articulating support and protection networks (such as "LGBT families"). The visibility of the self and the visibility of their relationships, the composition of corporal styles and the mobility in groups produce the "close", which is often marked by situations of violence against these young people or among them, the "xaxos". The reflection about my interlocutors, based on ethnography focused on their mobilities through urban space and attentive to the different regimes of visibility in which they were inserted, collaborates to the knowledge about processes of mutual constitution of spaces, relations and subjects and about changes in social conventions of gender and sexuality in contemporary Brazil.

Keywords: youth; homosexuality; space; transits; regimes of visibility; social change

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Mapa da cidade de São Paulo	22
Imagem 2	Encontros do Tatuapé	28
Imagem 3	<i>Vieira</i>	45
Imagem 4	O Largo do Arouche e a <i>Vieira</i>	47
Imagem 5	<i>Augusta</i>	52
Imagem 6	A Peixoto Gomide e a <i>Augusta</i>	55
Imagem 7	<i>Tatuapé</i>	61
Imagem 8	A Praça Coronel Sandoval de Figueiredo e o <i>Tatuapé</i>	64
Imagem 9	Mapa da cidade de Barretos	66
Imagem 10	Praça Francisco Barreto	67
Imagem 11	Detalhes da Praça Francisco Barreto	69
Imagem 12	Concentração do ato em memória de Kaique dos Santos	77
Imagem 13	Pessoas andando a cavalo em Barretos durante a Festa do Peão	123
Imagem 14	Monumento no Parque do Peão	127

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

AIDS: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

APOGLBT: Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros

CADS: Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual

CPFL: Companhia Paulista de Força e Luz

DST: Doença Sexualmente Transmissível

EAD: Escola de Arte Dramática

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

GCM: Guarda Civil Metropolitana

GLS: gays, lésbicas e simpatizantes

HIV: *human immunodeficiency virus*

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFCH: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

LGBT: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais

MPF: Ministério Público Federal

PM: Polícia Militar

PPGAS: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

PRDC: Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

UFG: Universidade Federal de Goiás

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

USAID: *United States Agency for International Development*

USP: Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. Introdução	14
1.1. Elaboração da pesquisa	15
1.1.1. Identificando cidades para o trabalho de campo	20
1.1.2. Encontro do Tatuapé	25
1.2. Procedimentos metodológicos	32
1.3. Sobre ética em pesquisa e estabelecimento de relações em campo	34
1.4. Estratégias narrativas e divisão dos capítulos	38
2. Nos espaços e <i>rolês</i> com adolescentes e jovens	39
2.1. Atrás do Mercado das Flores	43
2.2. Entre você e a Frei Caneca	51
2.3. <i>Tatuapé</i> são muitos	59
2.4. Uma praça central	65
2.5. Epílogo	71
3. Nas redes dos <i>xaxos</i> e <i>amizades</i>	74
3.1. <i>Famílias LGBT</i>	75
3.1.1. Os caminhos dos <i>rolês</i>	81
3.1.2. Luto em <i>família</i>	83
3.2. Redes a partir de Barretos	87
3.2.1. Na cadência da estrada	87
3.2.2. <i>Pegar amizade</i>	92
3.3. Epílogo	98
4. Nos trânsitos entre o <i>close</i> e o <i>respeito</i>	101
4.1. Rearranjando objetos e roupas	105
4.1.1. Entre <i>hominho</i> e <i>dragzinha</i>	105
4.1.2. <i>Rolê</i> com <i>respeito</i>	110
4.2. Festas	112
4.2.1. Festas <i>de menor</i>	112
4.2.2. Festa do Peão	121
4.3. Bloco na rua	130
4.5. Epílogo	134
5. Considerações finais	136
6. Referências	140

1. Introdução

Nesta tese de doutorado busco contribuir para a discussão sobre mudanças em regimes de visibilidade da homossexualidade no Brasil contemporâneo e as implicações deste processo na produção de espaços, relações e pessoas. Desenvolvo essa reflexão ao longo do texto tendo em vista a relação entre adolescentes e jovens¹ com condutas homo ou bissexuais² e o espaço urbano a partir de trabalho de campo realizado nas cidades de São Paulo e de Barretos.

A atenção a trajetórias de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais e sua relação com o espaço urbano auxilia a análise de processos que se tornaram mais intensos a partir da década de 1990 no Brasil, sobretudo em grandes centros urbanos do país, como a crescente visibilidade da homossexualidade na esfera pública; a proposição de políticas governamentais destinadas a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais; a ascensão e especificação de um mercado voltado a tal população; a ampliação de espaços para encontro e convivência em ruas, praças, parques, largos, boates, bares e, ainda, em espaços de interação em plataformas e redes sociais *online*³ (PERILO, 2014).

Considerando os processos indicados, nesta tese busco refletir sobre seus impactos e implicações em cidades distintas em termos de escala. As trajetórias de meus interlocutores em Barretos e São Paulo são colocadas em perspectiva para que se observe como adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais que acompanhei a partir destas cidades elaboravam espaços, elaboravam relações e elaboravam a si mesmos.

O trabalho de campo em Barretos favorece que esta tese contribua com reflexões sobre cidade e sexualidade a partir de um município que não corresponde a um grande centro urbano. O que identifiquei em Barretos estimula questões relativas a diversidade sexual e de gênero distintas daquelas que apreendi em São Paulo e oferecem um desafio à própria escrita sobre processos e relações concernentes a espaço.

¹ Considero o termo "adolescente" de maneira contingencial para fazer menção a quem tenha entre 12 e 18 anos incompletos, assim como consta no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Atribuo o termo "jovem" àqueles que tenham entre 15 e 24 anos de idade, tendo em vista o recorte etário adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1999).

² Considero a aceção de conduta sexual formulada por John Gagnon (2006). Quando menciono condutas homo ou bissexuais, estou indicando que os interlocutores com quem convivi em geral vivenciaram esse tipo de relação ao menos em algum momento em suas vidas. A utilização desse termo corresponde a um recurso interessante para que eu não utilize alguma categoria que não seja auto atribuída por meus interlocutores a fim de fazer menção a sua sexualidade.

³ Utilizo palavras ou expressões em *itálico* quando elas não são de língua portuguesa e quando se trata de termo *ênico*.

Uma das questões sobre as quais discuto nesta tese diz respeito às condições que meus interlocutores dispõem para agenciar visibilidades de si e visibilidades de suas relações no espaço público. Dessa forma, observo motivações e modos pelos quais esses adolescentes e jovens se deslocam pelo espaço e entre espaços lidando com atores sociais diversos em momentos em que estão alheios a compromissos de trabalho e estudos.

O objetivo desta tese e da pesquisa que a originou é contribuir para a discussão sobre mudanças em regimes de visibilidade da homossexualidade no Brasil contemporâneo e as implicações deste processo na produção de espaços, relações e pessoas. Os objetivos específicos que orientaram a elaboração da pesquisa e a escrita desta tese são os seguintes:

1. analisar processos políticos e sociais relacionados à crescente visibilidade da homossexualidade no Brasil contemporâneo;
2. analisar a produção de espaços para encontro e convivência entre adolescentes e jovens identificados como homo ou bissexuais;
3. identificar processos e atores sociais que estimulam ou constroem a presença de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais pelo espaço urbano; e
4. analisar estratégias de agenciamento nos deslocamentos espaciais de adolescentes e jovens identificados como homo ou bissexuais.

Realizei a pesquisa que deu origem a essa tese enquanto estive vinculado como doutorando ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas⁴. Pude contar com a orientação de Regina Facchini e com bolsa de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Na próxima seção indico como desenhei e desenvolvi a pesquisa, bem como os temas que apresento e discuto.

1.1. Elaboração da pesquisa

Esta tese é tributária de um extenso debate e de uma extensa produção bibliográfica nos campos de estudos sobre gênero e sexualidade, sobretudo aqueles que problematizam cidade e espaço urbano. Nessa seção busco destacar autores e aspectos de

⁴ Estive vinculado ao PPGAS Unicamp de março de 2013 a junho de 2017.

tal debate a partir da produção socioantropológica brasileira a fim de indicar como pude elaborar minha pesquisa e esta tese de doutorado⁵.

Em recentes revisões bibliográficas sobre as Ciências Sociais no Brasil se registra um expressivo crescimento de estudos relacionados a sexualidade⁶ e gênero⁷ (GROSSI, 2010; CARRARA, SIMÕES, 2007; CITELI, 2005). A efervescência dessa produção acadêmica no país pode ser consultada em duas importantes coletâneas⁸ publicadas na última década e que se destacam por apresentarem um balanço sobre os principais debates, perspectivas analíticas e correntes teóricas nesses campos de estudos.

Os prefácios a essas coletâneas indicam que tem havido nas sociedades ocidentais contemporâneas um gradual deslocamento de fronteiras com relação aos saberes sobre sexualidade e gênero e, ao mesmo tempo, uma constante recriação de normas, moralidades, hierarquias e limites éticos (PISCITELLI, 2009a; PISCITELLI, GREGORI, CARRARA, 2004).

Considerando a efervescência desses campos de estudos no Brasil, qualquer destaque a autores e debates é arbitrário. Ciente disso, destaco um texto fundamental para minhas reflexões e consultas bibliográficas. Refiro-me ao ensaio de Peter Fry publicado em 1982 no qual este autor discute sobre sistemas de conhecimento relativos a sexualidade masculina tendo em vista transformações na sociedade brasileira no final da década de 1970.

Fry (1982) identifica no país a emergência de um modelo “moderno” de classificação caracterizado pelo ideário de relações igualitárias e simétricas. Esse modelo coexistiria com outro que o autor identifica como “tradicional” ou “popular”.

O que o autor identifica como “tradicional” seria um modelo baseado na hierarquia entre parceiros situados a partir de seus atributos de gênero e sua posição ativa ou passiva em relações sexuais (FRY, 1982). O modelo “moderno” teria como base

⁵ A reflexão proposta nesta tese demandou a mobilização de ampla literatura sobre sexualidade, gênero, espaço e cidade. As referências pertinentes a esse debate estão oportunamente mobilizadas ao longo dos capítulos, sendo que algumas delas constam destacadas nesta seção.

⁶ As referências pertinentes à discussão proposta nesta tese são aquelas que concebem sexualidade em perspectiva histórica e não naturalizada (FOUCAULT, 1988; RUBIN, 1989). Essa perspectiva permite que sexualidade seja considerada como “uma chave para o entendimento das convenções culturais e das estruturas de poder mais amplas” (CARRARA, SIMÕES, 2007, p. 76).

⁷ Entendo gênero como um eixo de diferenciação social que favorece a análise de desigualdades e hierarquias, sendo estas relacionadas a homens e mulheres, a masculinidades e feminilidades e, ainda, cada uma dessas construções articuladas a outros eixos de poder (PISCITELLI, 2009b; BUTLER, 2002).

⁸ A primeira, publicada em 2004 com o título “Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras”, organizada por Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara. A segunda, publicada em 2009 e intitulada “Prazeres dissidentes”, organizada por María Elvira Díaz-Benítez e Carlos Fígari.

classificatória o sexo dos parceiros em detrimento de seus atributos de gênero. Essa perspectiva igualitária, presente também no movimento feminista da década de 1970, seria peculiar à classe média em expansão nos grandes centros urbanos do Brasil, constituindo-se como elemento fundamental do ideário que a instituiu.

No contexto onde ocorriam as transformações identificadas por Fry (1982), também ocorria no país um processo de redemocratização após vinte anos de governo militar. Paralelo à abertura política a partir do final da década de 1970, surgiam os primeiros grupos do então intitulado Movimento Homossexual Brasileiro, sendo o Somos, criado em 1978 e sediado na cidade de São Paulo, uma das primeiras entidades a promover ações e reivindicar políticas relacionadas à homossexualidade (SIMÕES, FACCHINI, 2009; FACCHINI, 2005; MACRAE, 1990).

Além das ações dos grupos de movimentos sociais, na década de 1980 as pessoas com condutas homo ou bissexuais recebem um amplo destaque na esfera pública em função da epidemia de aids. O pânico moral produzido por discursos médicos sobre as relações entre aids e homossexualidade estimulou a divulgação de uma série de estereótipos relativos a práticas sexuais entre homens. Por outro lado, a epidemia de aids se tornou um grande mote para a implementação das primeiras políticas públicas especificamente voltadas a essa população (PERILO *et. al.*, 2010; FACCHINI, 2005).

Nesse período, observa-se a homossexualidade constantemente em pauta em diversos veículos de comunicação. Esse processo ocorre concomitante ao aumento da visibilidade da homossexualidade no espaço público por conta da ampliação e diversificação de espaços de encontro e de convivência elaborados por pessoas com condutas homo ou bissexuais.

Em São Paulo especificamente, surgiram na década 1980 diversos bares, boates, saunas e demais estabelecimentos comerciais destinados a essa população. Esses empreendimentos eram localizados majoritariamente na região central, onde também existiam ruas, largos, praças e demais logradouros públicos notavelmente frequentados por pessoas com condutas homo ou bissexuais. Esses espaços no Centro constituíam o que Edward MacRae (2005 [1983]) identifica como “gueto gay paulistano”.

Ainda na década de 1980, Néstor Perlongher (2008 [1987]) identificou que os espaços de encontro e de convivência entre pessoas com condutas homossexuais em São Paulo passavam por transformações. Ele observou a existência de espaços para além do

Centro, inclusive em bairros e regiões com populações de estratos socioeconômicos médios e altos⁹.

As transformações destacadas se intensificam na década de 1990. A partir de então, os grupos de movimentos sociais passaram a promover constante diálogo com o Estado e ampliaram suas redes nacionais de instituições parceiras. Nessa década há inclusive o marco da criação da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (SIMÕES, FACCHINI, 2009; FACCHINI, 2005).

Diversos grupos e instituições passaram a reivindicar ações governamentais que atendessem a pessoas com condutas homo ou bissexuais para além do combate e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e aids. Ainda na década de 1990 outras políticas públicas destinadas a essa população começaram a ser desenhadas nas esferas municipal, estadual e federal (MELLO *et. al.*, 2010).

Observando relações entre mercado e consumo, Isadora Lins França (2010; 2006) sinaliza que a partir da década de 1990 surge uma crescente oferta de bens e serviços destinados a pessoas com condutas homo ou bissexuais. No Brasil esse processo ocorre mais intensamente em grandes centros urbanos, como São Paulo.

Nota-se o surgimento de diversos estabelecimentos comerciais, tais como clubes de sexo; vários eventos para públicos específicos, como festas para homens praticantes de BDSM¹⁰; e produtos, como revistas e pacotes de agências de viagens. Ocorre nesse período uma grande segmentação de público, o que demanda atenção aos consumidores desses espaços, eventos e produtos considerando-se diversas estratificações para além de sexualidade e gênero (SIMÕES, FACCHINI, 2009; FRANÇA, 2010; 2006).

Na década de 1990 amplia-se o acesso à internet e então surgem diversos espaços *online* sobre diversos temas, inclusive para busca e troca de informações entre pessoas com condutas homo ou bissexuais. Essa rede mundial de computadores passou a ser utilizada como instrumento pedagógico e difusor de estilos de vida relacionados à homossexualidade (PISCITELLI, 2009a).

A partir de diversos *sites*, *blogs*, salas de bate-papo e redes sociais ampliaram-se possibilidades de interação social, sendo que encontros *online* poderiam estimular a articulação de encontros presenciais. Essas inovações passam a ser acessíveis a amplo

⁹ Ainda segundo Perlongher (2008 [1987]), as constantes mudanças na distribuição territorial dos grupos de “gays” e “travestis” que se encontravam na região central de São Paulo eram ocasionadas por estímulos ou constrangimentos que sofriam por meio distintos atores sociais, inclusive a polícia.

¹⁰ Trata-se de um acrônimo para *bondage*, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo.

público em função de novas plataformas de interação e da massificação do acesso à internet na década de 2000 (PARREIRAS, 2008).

Os processos indicados produziram nas últimas décadas uma crescente visibilidade da homossexualidade na esfera pública, a ampliação de políticas estatais para pessoas com condutas homo ou bissexuais e uma diversificação no mercado de bens e serviços destinados a tal população. Esses seriam alguns dos efeitos dos processos ligados a transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil contemporâneo¹¹. A fim de analisar essas mudanças e seus efeitos torna-se estratégico identificar a homossexualidade como lugar social. Sérgio Carrara auxilia a essa reflexão ao afirmar que

A homossexualidade não é certa disposição orgânica ou psicológica, nem apenas um certo conjunto de práticas sexuais, nem somente um estilo de vida, nem talvez uma identidade social, mas sim um “lugar” simbólico, aberto a múltiplas incorporações, imagens e personificações. Um “lugar” que, se fala de estigma, de preconceito e de aprisionamento identitário, fala também de prazer, de potência, de irreverência, de transgressão, de mobilidade, de migração, de deriva, de uma contínua e árdua transformação de si e dos outros (CARRARA, 2005, p. 23).

A partir desse argumento, Regina Facchini (2008) reflete que esses processos identificados no final da década de 1970 e intensificados a partir de 1990 vêm modificando o lugar social da homossexualidade no país. Considerando a visibilidade sobre a homossexualidade, a autora indica que “nunca se falou tanto e tão abertamente sobre o assunto e esse é um processo que, muito provavelmente, ainda deve se estender pelos próximos anos” (FACCHINI, 2008, p. 99).

Nesse contexto de transformações no país, realizei entre 2010 e 2012 uma etnografia quando estive vinculado como mestrando ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Nesse período, por meio de trabalho de campo que realizei a partir de Goiânia, escrevi uma dissertação de mestrado na qual pude refletir sobre espaços de encontro e de convivência elaborados por adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais.

¹¹ Considerando novamente as transformações identificadas por Peter Fry (1982) com relação a sistemas de classificação da sexualidade, algumas etnografias produzidas em grandes centros urbanos no Brasil junto a pessoas com condutas homo ou bissexuais têm indicado a expansão do modelo “moderno”, bem como a existência de diversas recombinações entre os modelos “moderno” e “tradicional” (PERILO, 2014; BRAZ, 2010; FRANÇA, 2010; FACCHINI, 2008).

Em minha pesquisa de mestrado pude identificar interlocutores que eram majoritariamente adolescentes e jovens pretos e pardos¹² de baixa renda e moradores de periferias de Goiânia. Eu os acompanhei em parques, praças e demais logradouros públicos onde eles se encontravam com outros adolescentes e jovens em momentos em que estavam alheios a compromissos de trabalho e estudos (PERILO, 2014).

Observei que meus interlocutores se deslocavam pelo espaço a partir das regiões onde moravam para, assim, ocuparem logradouros públicos em áreas centrais da cidade, o que lhes rendia ao menos duas possibilidades: 1) demonstrar afeto em público junto a pessoas mesmo sexo em regiões distantes daquelas onde moravam, estudavam ou trabalhavam; e 2) elaborar espaços de encontro e de convivência onde estariam menos suscetíveis a situações de violência ou represália ao serem identificados ou apresentarem-se como “gays” ou “lésbicas” (PERILO, 2014).

Na ocasião de minha defesa de mestrado, cuja banca era composta por Camilo Braz e Regina Facchini, foi sugerida a mim uma possibilidade de continuidade e aprofundamento das reflexões que eu havia desenvolvido na dissertação. O debate na banca demandava que eu analisasse como e quais processos estariam ocasionando mudanças em convenções sociais sobre gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo. Essa reflexão poderia considerar a crescente visibilidade da homossexualidade no país e os impactos dos processos indicados em novas gerações de adolescentes e jovens.

Em meio às reflexões, considerei a possibilidade de acompanhar interlocutores a partir de trabalho de campo em diferentes cidades. Naquele momento tornou-se pertinente a elaboração de um projeto de pesquisa que me permitisse observar os processos que têm impactado adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais moradores de cidades distintas em termos de escala.

1.1.1. Identificando cidades para o trabalho de campo

Em 2012 passei a elaborar um projeto de doutorado em que eu considerava a possibilidade de fazer trabalho de campo junto a adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais a partir de duas cidades. Com isso eu poderia observar diferentes

¹² Os termos preto e pardo são utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Eu os menciono em caráter contingencial para destacar cor/raça de meus interlocutores na pesquisa que realizei durante o mestrado.

intensidades e diferentes modos pelos quais ocorriam os processos de transformação em debate nas referências socioantropológicas que eu havia consultado.

São Paulo é uma das cidades que eu considerei para a realização do trabalho de campo. Essa escolha foi orientada pelos seguintes motivos: 1) a existência de um amplo conjunto de estudos sobre sexualidade e sobre espaço produzidos a partir dessa cidade e que sinalizavam questões relevantes para a reflexão que eu buscava elaborar; 2) a possibilidade de acessar diversos atores sociais relacionados aos processos que eu gostaria de analisar, seja grupos do movimento LGBT, órgãos governamentais com políticas específicas, estabelecimentos comerciais com produtos elaborados para tal público; e 3) a conveniência de residir na cidade e, com isso, as possibilidades que dispunha para acompanhar interlocutores de pesquisa.

Eu precisava me informar sobre onde poderia ter contato com adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais em São Paulo. Então fiz consultas a pesquisadores e membros de grupos de movimentos sociais que atuavam na cidade e também realizei um levantamento de pesquisas relativas aos campos de estudos socioantropológicos sobre gênero e sexualidade cujos trabalhos de campo foram em parte ou integralmente realizados em São Paulo¹³.

Essas consultas me favoreceram identificar espaços que em certos dias da semana e em períodos específicos eram compostos por centenas de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais. Esses espaços remetiam a logradouros públicos na cidade, sendo que neles eu teria uma oportunidade de entrada em campo para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Um dos logradouros públicos era o Largo do Arouche, no distrito da República (zona central de São Paulo), que aos domingos nos períodos vespertino e noturno era ocupado por até 700 pessoas.

Outro logradouro correspondia às imediações do cruzamento da Rua Peixoto Gomide com a Rua Frei Caneca, no distrito da Consolação (também na zona central de São Paulo), que era ocupado por cerca de 400 pessoas nas noites de sábado e madrugadas de domingo.

¹³ Conferir as etnografias de Facchini (2008), Vega (2008), Puccinelli (2013) e Rocha (2013). Destaco outros trabalhos no capítulo “Nos espaços e *rolés* com adolescentes e jovens”.



- (1) Tatuapé
- (2) República
- (3) Consolação

Imagem 1. Mapa da cidade de São Paulo. Imagem elaborada em parceria com o bacharelado em Arquitetura e Urbanismo Kelvin Castro a partir de minha etnografia e mapa de domínio público.

O terceiro logradouro era a Praça Coronel Sandoval de Figueiredo, localizada no distrito do Tatuapé (zona leste de São Paulo), ocupado por cerca de 300 pessoas nas noites de sexta-feira.

Recorrendo a esses logradouros públicos eu teria chance de ir ao encontro de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais sem que eu precisasse de qualquer pessoa ou instituição que mediasse tal contato. Se eu precisasse recorrer a escolas ou a matinês realizadas em boates, por exemplo, minhas condições de acesso a potenciais interlocutores seriam muito diferentes. Nesses casos eu teria que primeiramente acessar essas instituições e estabelecimentos comerciais para então tentar ir ao encontro de adolescentes e jovens.

Caberia considerar os logradouros públicos indicados porque neles eu encontraria potenciais interlocutores em momentos em que estariam alheios a compromissos relativos a trabalhos e estudos. Em tais logradouros esses adolescentes e jovens tornariam visíveis suas relações com pessoas do mesmo sexo por conta de suas demonstrações de afeto em público, o que inclui beijos, abraços e mãos dadas.

Nesse momento eu já estava decidido a realizar trabalho de campo em São Paulo e tinha referências sobre os espaços onde eu buscaria contato com potenciais interlocutores. Contudo, estava pendente a identificação de outro município eu pudesse realizar trabalho de campo para minha pesquisa de doutorado.

Eu buscava identificar uma cidade que atendesse aos seguintes critérios: 1) deveria ser consideravelmente diversa de São Paulo em termos de escala; 2) deveria permitir um questionamento aos processos que eu poderia identificar em São Paulo, então seria interessante um município onde não houvesse grupos de movimento LGBT, órgãos governamentais com políticas específicas e tampouco um mercado com produtos específicos para a população LGBT; e 3) deveria ser uma cidade também situada no estado de São Paulo, pois assim eu teria condições financeiras e logísticas de acompanhar eventuais trânsitos de interlocutores entre as cidades onde eu realizaria trabalho de campo.

Novamente consultei pesquisadores e membros de grupos de movimentos sociais. Muitas cidades me foram sugeridas, mas, apesar disso, faltava alguma orientação mais precisa a fim de que eu pudesse vislumbrar possibilidades de entrar em campo. Como me foram indicados municípios onde eu não tinha conhecidos, seria importante contar com alguém que me favorecesse contato com potenciais interlocutores.

O cenário de imprecisão quanto à cidade a ser considerada foi alterado quando consultei Márcia Giovanetti, uma técnica de saúde na área de prevenção às DST, HIV e

aids¹⁴. Ela me sugeriu algumas cidades do estado de São Paulo que atendiam a meus critérios e, dentre tais cidades, a que mais se apresentou viável para minha proposta de pesquisa foi Barretos.

Nessa cidade havia um Programa Municipal de DST/HIV/Aids que realizava ações focadas em adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais. Márcia Giovanetti me informou o contato de técnicos que trabalhavam nesse programa municipal, então em Barretos eu teria chance de ter acesso a potenciais interlocutores por intermédio de pessoas desta cidade cujo contato eu já tinha em mãos.

Outro fator que tornava Barretos interessante para minha proposta de pesquisa é a Festa do Peão de Boiadeiro, um evento anual que atrai milhares de turistas e que faz esta cidade ganhar destaque em um circuito internacional de atividade relativas a rodeios¹⁵. A realização de trabalho de campo junto a adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais no período em que esse evento estivesse sendo realizado poderia render ampla oportunidade de reflexão.

Alguns dados relativos a área, população e densidade demográfica de São Paulo e de Barretos me auxiliaram na identificação de alguns contrastes entre estes municípios, assim como apresento na tabela abaixo¹⁶.

	Barretos	São Paulo
Área total da unidade territorial	1.566,161 km ²	1.521,110 km ²
População no Censo demográfico de 2010	112.101 pessoas	11.253.503 pessoas
Densidade demográfica no Censo demográfico de 2010	71,60 habitantes por km ²	7.398,26 habitantes por km ²

Ainda que Barretos tenha área ligeiramente maior que a de São Paulo, a diferença no número de habitantes e na densidade demográfica entre tais municípios é bastante

¹⁴ Márcia Giovanetti (*in memoriam*) teve um longo histórico de atuação na articulação entre gestores e *militantes* a fim do desenho e promoção de políticas de saúde no âmbito do estado de São Paulo. Em diferentes oportunidades eu a agradei efusivamente pela abertura ao diálogo sobre minha pesquisa.

¹⁵ Sobre esse evento, conferir a seção “Festa do Peão” no capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*”.

¹⁶ Essa tabela foi elaborada a partir de consultas ao *site* do IGBE, especificamente às páginas <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/barretos/panorama> e <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Essas menções ao Censo demográfico de 2010 correspondem ao Atlas publicado pelo IGBE (2013).

expressiva. Barretos e São Paulo, portanto, atendiam aos critérios e motivações para o projeto de conhecimento que eu buscava desenvolver.

Uma vez identificadas as cidades distintas entre si em termos de escala, elaborei um projeto de doutorado. Meu objetivo era contribuir para a produção de conhecimento sobre mudanças em curso nas convenções de gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo com base na análise da relação entre adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais e o espaço urbano.

Em 2012, no processo de composição do projeto, estabeleci contato com alguns jovens que se tornariam meus interlocutores de pesquisa. Dois deles em específico, que aqui chamo de Daniel e Thierry, contaram-me sobre suas experiências relativas a um espaço de encontro em um *shopping* em São Paulo.

As narrativas desses jovens se tornaram muito importantes e orientaram a composição de meu projeto de pesquisa. Em função disso, apresento a seguir o que apreendi a partir das conversas com Daniel e com Thierry sobre esse encontro e sobre suas transformações.

1.1.2. Encontro do Tatuapé

Daniel e Thierry compartilharam comigo, cada qual em uma data, suas memórias relativas ao período em que compareciam a um encontro no Shopping Metrô Tatuapé. A partir dos relatos de Daniel e Thierry apresento uma narrativa sobre a emergência e declínio de um encontro nesse estabelecimento comercial considerando também algumas notícias de jornais que remetem a esse tema¹⁷ e referências bibliográficas.

Daniel¹⁸ passou a frequentar o encontro no Shopping Metrô Tatuapé quando tinha cerca de 20 anos de idade e estava no início de seu curso de graduação em Psicologia. Ele soubera desse encontro no ano de 2002 a partir de algumas pessoas com quem se encontrava em festas *GLS*.

O termo *GLS* advém do acrônimo composto pelas primeiras letras das palavras *gays*, *lésbicas* e *simpatizantes* e torna-se importante nessa reflexão por conta do modo como Daniel o utilizou. Com esse termo Daniel identificava um conjunto de pessoas em

¹⁷ As notícias consultadas constam indicadas em notas de rodapé.

¹⁸ À época de nosso contato, Daniel tinha 30 anos de idade, trabalhava como psicólogo e residia junto a seu *namorado* em um município da região metropolitana de São Paulo.

relação aos espaços onde se encontravam¹⁹. As pessoas que ele conhecia e que estavam em boates e bares *GLS* aos finais de semana também estavam no encontro dentro do Shopping Metrô Tatuapé em outro dia da semana.

Uma das peculiaridades do encontro era o fato de ocorrer às segundas-feiras no período noturno. Daniel inclusive perguntou a um de seus *amigos* sobre o motivo para que os encontros ocorressem nesse dia da semana. Ele então ouviu a seguinte resposta: *Bicha, ninguém mandou você fazer faculdade. Aqui todo mundo é cabeleireira*²⁰.

Daniel não era *cabeleireira*. Em 2002, quando soube do encontro, ele era estudante de graduação no período noturno. Ele só pôde comparecer ao Shopping Metrô Tatuapé no mês de julho, justamente no período em que estava de férias da faculdade. Naquele momento parecia ser uma novidade para Daniel e seus conhecidos de boates e bares que houvesse uma aglomeração *GLS* naquele *shopping* em São Paulo.

Após algumas segundas-feiras, Daniel não pôde mais ser assíduo no encontro. Com o início do semestre letivo ele priorizava ir à faculdade, mas ocasionalmente abandonava alguma aula e comparecia ao *shopping*.

A aglomeração *GLS* nesse estabelecimento comercial atendia ao seguinte expediente: 1) entre o final da tarde e o início do período noturno das segundas-feiras, adolescentes e jovens se aproximavam de algumas mesas da praça de alimentação do último andar; 2) conforme as horas passavam, mais pessoas se somavam àquelas que já estavam próximas às mesas e então emergia uma aglomeração distinta nessa área do *shopping*; e 3) a aglomeração debandava paulatinamente até que o estabelecimento comercial encerrasse suas atividades às 22 horas.

No início, o encontro era composto por dezenas de pessoas. Em alguns meses o encontro cresceu a ponto de ser composto por centenas. A aglomeração de adolescentes e jovens era facilmente notada em função dos ruídos das pessoas concentradas em um ponto específico do *shopping*. Como nas noites de segunda-feira esse estabelecimento comercial tinha um público reduzido em comparação com o público dos finais de semana, o encontro de tantos adolescentes e jovens em um dia de semana se tornavam notórios.

¹⁹ Na década de 1990 o acrônimo *GLS* passou a ser amplamente utilizado por empresários e outros atores relacionados ao mercado a fim de designar produtos a pessoas com condutas homo ou bissexuais (FACCHINI, 2005). Ainda que empresários tenham difundido e popularizado o termo *GLS*, seu uso não é restrito ao mercado. Esse termo também é amplamente utilizado para designar espaços e pessoas, assim como Daniel fez ao pensar sobre a aglomeração de pessoas no *shopping*.

²⁰ Essa afirmação favorece uma reflexão sobre o público que comparecia ao encontro. O pressuposto de que cabeleireiras estão de folga às segundas-feiras pode ser um indicativo, ainda que vago, sobre pessoas com um tipo de trabalho específico ou que não compareciam a escolas ou faculdades – ao menos no período noturno das segundas-feiras.

Concomitante ao crescimento do encontro, a administração do Shopping Metrô Tatuapé tomava medidas que resultavam em constrangimentos à permanência desses adolescentes e jovens no estabelecimento comercial. Esse processo se estendeu de tal maneira que a partir do ano de 2010 o encontro parou de ocorrer no *shopping*.

Em um processo gradual que se estendeu por alguns anos, a aglomeração das pessoas às segundas-feiras migrou para outras áreas e pisos do estabelecimento comercial. Uma vez que o encontro surgiu em um ponto na praça de alimentação, foi transferido para outros pontos da mesma praça de alimentação, depois passou para um dos pátios do *shopping*. Uma vez dificultado o acesso desses adolescentes e jovens ao pátio, eles passaram a se aglomerar nas calçadas do estabelecimento comercial. Por fim, passaram também a ser restringidos do uso dessas calçadas.

Um conjunto de tecnologias de interdição do uso do espaço foi acionado, como as abordagens de seguranças para que as pessoas na praça de alimentação não permanecessem em pé, senão apenas sentadas às mesas; a inserção de faixas divisórias e, posteriormente, construção de obstáculos físicos no pátio; e a implantação de cavaletes nas calçadas, o que segregava os jovens dos demais frequentadores do *shopping*. Esse processo de expulsão do encontro se estendeu por alguns anos e talvez não tenha sido mais célere por conta da intervenção de outros atores nesse enredo.

Em 2007, uma ação conjunta da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APOLGBT), do Ministério Público Federal (MPF), da Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual da Prefeitura Municipal de São Paulo (CADS) e do Conselho Tutelar denunciou a restrição de circulação dos adolescentes e jovens no *shopping*.

A partir da instauração de um Processo Administrativo mediado pela Procuradora Regional dos Direitos do Cidadão, a administração do estabelecimento comercial concordou em promover campanhas de combate à discriminação direcionadas a lojistas e clientes e realizar treinamentos a seus funcionários para que melhor lidassem com o “público homossexual” (PRDC, 2014).

A fim de uma melhor compreensão dos encontros no *shopping* e, ainda, sobre o processo que resultou em transformação e mudanças referentes ao espaço dos encontros, sugiro consulta à figura a seguir.

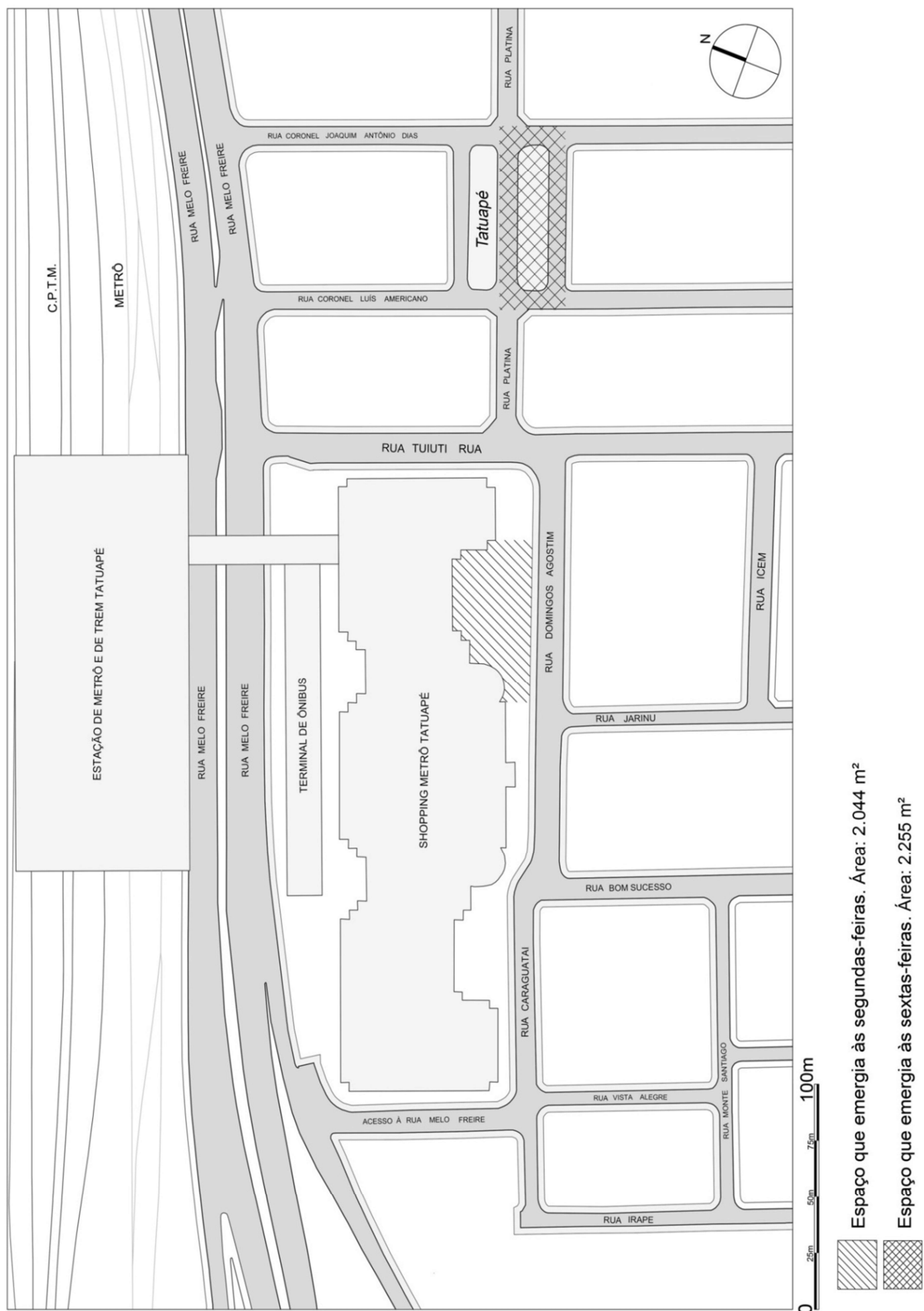


Imagem 2. Encontros do Tatuapé. Imagem elaborada em parceria com o bacharelado em Arquitetura e Urbanismo Kelvin Castro a partir de minha etnografia e dados do Mapa Digital da Cidade de São Paulo.

Daniel, que participava do encontro em 2002, passou novamente a frequentá-lo alguns anos depois. Nesse segundo momento ele comparecia como integrante de um projeto da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo e, dentre outras atribuições, distribuía camisinhas a participantes do encontro em campanhas de prevenção e combate a DST, HIV e aids.

A administração do Shopping Metrô Tatuapé a certa altura passou a restringir a distribuição das camisinhas. Contudo, no período em que o Processo Administrativo foi instaurado, o trabalho de prevenção junto aos adolescentes e jovens continuou em curso.

Nesse momento o encontro não mais ocorria na praça de alimentação, mas em um dos pátios do *shopping* que poderia ser acessado pela Rua Domingos Agostim. A respeito do encontro no período em que ele ocorria nesse pátio, Regina Facchini, em sua tese de doutorado, registra que

Em 2007, cerca de 500 adolescentes e jovens se encontravam semanalmente, às segundas-feiras, num dos pátios externos do Shopping, que parecia um misto de Parada GLBT e pátio de escola em horário de recreio. Nesse espaço, a quantidade de garotas e de rapazes é semelhante, a maior parte de frequentadores vêm de bairros da zona leste e a quantidade de pretos e pardos é superior à de brancos. Os conflitos envolvendo seguranças e a direção do estabelecimento eram constantes entre 2006 e 2007 e se apoiavam no fato de que, embora os pais soubessem que estavam no shopping, muitos não sabiam se tratar de um “encontro GLS”. (...) O clima de paquera no pátio do shopping não passava de alguns casais se beijando e não havia consumo de álcool. (FACCHINI, 2008, 141-142, grifo da autora)

Em se tratando de uma outra área para o encontro no *shopping*, é exatamente neste momento que os relatos de meus interlocutores se cruzam. Enquanto Daniel continuava seu trabalho junto à APOLGBT, Thierry²¹ passou a frequentar o encontro às segundas-feiras.

Era 2008, quando Thierry tinha 16 anos e cursava o Ensino Médio. Ele passou a comparecer ao encontro por conta de ter notado a aglomeração de pessoas às segundas-feiras²² e por ter se interessado por aquele ambiente favorável ao flerte e à demonstração de afeto entre pessoas do mesmo sexo.

Nesse momento, o gradual deslocamento imposto aos adolescentes e jovens estava sendo explicitado por conta do Processo Administrativo. Em paralelo, uma boate

²¹ No período em que dialoguei com Thierry sobre os encontros, ele tinha 20 anos de idade, residia no Tatuapé e estava cursando Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP).

²² O encontro era amplamente visível por conta do número de seus frequentadores, que poderiam ser identificados tanto por quem comparecia ao *shopping* quanto por quem transitava por suas imediações.

intitulada Cabral – situada a um quilômetro do metrô Tatuapé – passou a oferecer festas às segundas-feiras destinadas ao público do encontro²³.

Essa boate ofertava transporte gratuito para os adolescentes e jovens por meio de micro-ônibus desde o *shopping* e, posteriormente, de volta ao *shopping*. Daniel comparecia ao Cabral para continuar o trabalho de prevenção e combate a DST, HIV e aids que realizava a partir da APOLGBT.

Thierry não chegou a frequentar a boate. Enquanto continuava participando do encontro no *shopping*, ele presenciava avanços da administração do estabelecimento comercial em suas táticas de expulsão dos jovens.

Em 2010, o Shopping Metrô Tatuapé já havia restringido a presença das pessoas no pátio. Contudo, passou a interferir também na calçada em que elas se aglomeravam na Rua Domingos Agostim. Os seguranças implantavam cavaletes na calçada de modo a inviabilizar a aglomeração de adolescentes e jovens, que passaram então a utilizar a própria rua para o encontro das segundas-feiras à noite.

A situação do encontro na rua oferecia distintos riscos, sendo que ocorriam alguns furtos e havia ameaça de agressão física, o que estava relacionado à presença ocasional de *skinheads*²⁴. Como havia centenas de adolescentes e jovens, a rua se tornava praticamente intransitável.

A Polícia Militar ocasionalmente intervinha sobre a aglomeração a fim afastar as pessoas da rua. Os relatos dos interlocutores indicam que em algumas situações os militares utilizavam *spray* de pimenta e avançavam com as viaturas contra os adolescentes e jovens.

Nesse período, Thierry parou de frequentar o encontro por conta de seu recém-ingresso em um curso de graduação na USP. Por sua vez, Daniel não mais realizava seu trabalho nas imediações do Shopping Metrô Tatuapé e não mais comparecia ao Cabral.

Esses dois interlocutores não mais estiveram no encontro após o ano de 2010, então não sabem dizer o que ocorreu com a aglomeração de adolescentes e jovens que naquele momento ocorria em frente ao *shopping* na Rua Domingos Agostim. Contudo, é

²³ Daniel e Thierry indicam que aos finais de semana a Cabral recebia um público “heterossexual”. Contudo, em função do encontro no *shopping*, a boate se abria em caráter de exceção para receber este público às segundas-feiras.

²⁴ Thierry me relatou uma cena em que um grupo de homens brancos, carecas, altos e musculosos se aproximaram do local do encontro quando este ocorria na rua. A postura desses homens sinalizava uma potencial agressão aos adolescentes e jovens, sobretudo em função de naquela ocasião portarem facas. A aproximação desses homens foi suficiente para fazer com que quase todos corressem em debandada.

possível aventar que esse contexto relacionado a furtos e agressões físicas por parte de diferentes atores tenha contribuído para que esse encontro não mais ocorresse ali.

Em 2012, no período em que eu escrevia meu projeto de doutorado, não havia mais o encontro nas imediações do *shopping*. Eu pude constata-lo ao realizar o trabalho de campo exploratório para fundamentar minha proposta de pesquisa. Contudo, em minhas visitas à região onde está situado o Shopping Metrô Tatuapé, identifiquei outra aglomeração. Às sextas-feiras no período noturno dezenas de jovens com condutas homo ou bissexuais ocupavam a Praça Coronel Sandoval de Figueiredo, situada a uma quadra do *shopping*, e ali compunham encontros, os quais eles intitulavam *Tatuapé*²⁵.

* * *

As narrativas apresentadas por Daniel e Thierry foram fundamentais para que eu compusesse meu projeto considerando diversos elementos que pude apreender a partir do que ocorreu em relação ao encontro no Shopping Metrô Tatuapé. O que meus interlocutores me contaram alude a processos de produção do espaço, que incluem inclusive uma periodicidade específica (às segundas-feiras no período noturno) e disputas entre diversos atores sociais, como adolescentes e jovens, administração do *shopping*, conselho tutelar, Ministério Público e APOLGBT.

Essas narrativas são complexas e ricas em elementos. Elas apresentam situações de violação de direitos humanos e violência contra adolescentes e jovens. Os relatos também destacam processos de transformação do encontro e seu deslocamento de dentro para fora do Shopping Metrô Tatuapé.

O que Daniel e Thierry relataram me estimulou a delimitar minha proposta de pesquisa para o doutorado. Eu então defini adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais como o recorte empírico para que eu pudesse, a partir de seus trânsitos e trajetórias, pensar como e quais mudanças em regimes de visibilidade da homossexualidade estão em curso no Brasil contemporâneo, bem como implicações deste processo em distintos contextos urbanos.

²⁵ Discuto sobre esse espaço na seção “*Tatuapé* são muitos” do capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens”.

1.2. Procedimentos metodológicos

Realizei trabalho de campo na pesquisa de doutorado entre novembro de 2013 e junho de 2016. Esse trabalho inclui observação participante a partir de logradouros públicos, bem como deslocamentos espaciais a partir de tais logradouros.

Assim como indicado na subseção “Identificando cidades para o trabalho de campo”, em 2012 eu havia realizado algumas visitas de reconhecimento aos logradouros públicos de São Paulo que pude identificar a fim da composição do projeto de pesquisa. Em 2013, portanto, passei a realizar visitas periódicas a esses logradouros para acompanhar adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais em momentos em que estavam alheios a compromissos relativos a trabalhos e estudos.

A partir do segundo semestre de 2014 passei a realizar incursões a campo em Barretos. Desde tal momento, as atividades relativas ao trabalho de campo que realizei em Barretos seguiram em paralelo àquelas que realizei em São Paulo.

As viagens a Barretos permitiram-me a manutenção do contato com adolescentes e jovens que se tornaram meus interlocutores. Durante a pesquisa eu residia em São Paulo, então desloquei-me a Barretos por meio do serviço de empresas de transporte rodoviário em viagens com duração de 6 a 8 horas.

Cada uma das incursões a campo em Barretos durou de 4 a 6 dias e era agendada em função de disponibilidade dos adolescentes e jovens que acompanhei. Eu realizei ao todo sete viagens a essa cidade, sendo quatro em 2014, uma em 2015 e duas em 2016. O trabalho de campo em Barretos permitiu que eu me encontrasse com meus interlocutores e favoreceu que eu fosse apresentado a outras pessoas de suas redes.

Uma vez que constituí interlocutores de pesquisa, eles passaram a me convidar para que eu realizasse deslocamentos espaciais em sua companhia. Estar em trânsito junto a interlocutores em São Paulo e em Barretos tornou-se fundamental e passei a entendê-lo como um procedimento metodológico.

Essa reflexão sobre os trânsitos pelo espaço me foi estimulada a partir de Néstor Perlongher em seu livro “O negócio do michê”. A fim da pesquisa que deu origem ao livro, Perlongher realizou trabalho de campo entre 1982 e 1985 acompanhando homens que realizavam “prostituição de rua” a partir da região central de São Paulo.

Os espaços considerados por Perlongher em sua pesquisa eram de ampla circulação de pessoas com conduta homossexual, mas o destaque a seus interlocutores “prostitutos” estimulava a observação de “micromigrações”. A atenção aos trânsitos

desses interlocutores se tornava ainda mais relevante considerando que eles se deslocavam de periferias até a região central da cidade (PERLONGHER, 2008 [1987]).

As trilhas abertas por esse antropólogo me estimularam a trabalhar com trânsitos como procedimento metodológico e, ainda, como perspectiva analítica. Assim como os interlocutores de Perlongher, os adolescentes e jovens que acompanhei realizavam extensos deslocamentos pelas cidades onde residiam – e para além delas.

Essa ênfase nos trânsitos estimulou-me estar em contato com meus interlocutores ao longo de frequentes e contínuos deslocamentos espaciais. Então convivi com eles em diversos *rolês*, ou seja, em trânsito em espaços e entre espaços²⁶. Um trecho de diálogo com um interlocutor que aqui chamo de Pietro é elucidativo desse processo.

Marcelo: *Você nunca fica parado e a todo o momento eu te vejo em algum lugar diferente!*

Pietro: *É que eu ando fazendo o compasso.*

Marcelo: *E como é o compasso?*

Pietro: *Você coloca um pé no chão, com o outro você roda mirando em qualquer direção e então vai!*

(Diário de campo em 15/6/2014)

Durante a pesquisa estive com meus interlocutores enquanto eles seguiam *fazendo o compasso*. Eu acompanhei seus *rolês* ao longo de Barretos e de São Paulo, o que se tornou menos uma escolha que uma condição para a realização do trabalho de campo.

Eu geralmente recorria a transporte público coletivo a fim de encontrar-me com interlocutores e, ainda, para deslocar-me em sua companhia. Com isso eu compartilhava de condições semelhantes às aquelas que dispunham grande parcela de meus interlocutores para seus trânsitos pelo espaço.

As primeiras pessoas que conheci por meio de trabalho de campo eram adolescentes e jovens pardos e pretos²⁷ com condutas homo ou bissexuais que se identificavam como homens e que mantinham relações afetivo-sexuais com outras pessoas que também se identificavam como homens.

Conforme eu seguia realizando a pesquisa, passei a acompanhar os *rolês* de pessoas cujas trajetórias não poderiam ser englobadas no perfil de interlocutores indicado no parágrafo anterior.

²⁶ O termo *rolê* é muito comum em São Paulo e era frequentemente utilizado por meus interlocutores. Eu então utilizo *rolê* para, ao longo da tese, aludir a trânsitos ou deslocamentos espaciais.

²⁷ As categorias preto e pardo nesta tese têm caráter descritivo e favorecem a identificação de interlocutores da pesquisa. As categorias de identidade ou categorias de classificação étnicas estão em destaque no texto na medida em que meus interlocutores as mobilizam.

Durante o trabalho de campo eu me aproximei de pessoas que se identificavam como mulheres e mantinham relações afetivo-sexuais com outras pessoas que também se identificavam como mulheres; pessoas que se identificavam como homens e mantinham relações afetivo-sexuais com pessoas que se identificavam como mulheres; e pessoas que se identificavam como homens que passaram a se identificar como mulheres.

Os meus interlocutores em São Paulo eram pretos e pardos. Em Barretos eu tive interlocutores pretos, pardos e brancos.

Na rede de pessoas que acompanhei em função da pesquisa havia diversidade sexual, de gênero e racial que me permite compor uma generalização nos seguintes termos: interlocutores adolescentes e jovens de estratos populares que residiam em periferias²⁸ de São Paulo ou de Barretos entre os quais predominavam condutas homo ou bissexuais. As especificidades nas trajetórias de cada interlocutor serão indicadas ao longo da tese nos momentos em que cada qual está em evidência.

O material etnográfico que produzi a partir de minha pesquisa de doutorado foi aquele que pude apreender ao acompanhar interlocutores em seus deslocamentos espaciais e mediante condução de conversas informais em interações presenciais. As conversas e observações a partir de meu contato com interlocutores foram registradas em diários de campo, o que permitiu a produção de um material volumoso que se tornou fundamento para as reflexões nesta tese.

Utilizei o Facebook²⁹ e o WhatsApp³⁰ para manter contato com interlocutores. Esse procedimento auxiliou que eu localizasse adolescentes e jovens a fim de estabelecer contato presencial em trabalho de campo.

1.3. Sobre ética em pesquisa e estabelecimento de relações em campo

A investigação que realizei demandou que eu me aproximasse e, ainda, que eu acompanhasse adolescentes e jovens em seus trânsitos pelo espaço e entre espaços. A fim

²⁸ Adoto a acepção de periferia como “área urbana específica e sujeita a distintos graus de segregação” (FRÚGOLI JR., 2005, p. 12). Considerando uma espécie de gradiente entre as regiões que seriam mais ou menos assistidas pelo poder público, mais ou menos providas de equipamentos urbanos, mais ou menos servidas de diferentes políticas de segurança pública, os bairros onde residem meus interlocutores corresponderiam a regiões menos estruturadas em relação às regiões centrais das cidades onde moram.

²⁹ Rede social *online* que permite a usuários trocas de mensagens e arquivos mediante cadastro prévio.

³⁰ Aplicativo para envio e recebimento de mensagens de texto, bem como arquivos de áudio, imagem estática e vídeo.

da realização da pesquisa eu precisaria estar em contato com essas pessoas primando por manter vínculos com elas no período em que realizei trabalho de campo.

Os desafios que precisei enfrentar para cumprir com essa proposta foram sendo delineados de acordo com vários fatores, como os objetivos, os procedimentos metodológicos, os interlocutores de pesquisa e a intersubjetividade no trabalho etnográfico. As condições que eu dispunha para desenvolver meu trabalho eram totalmente afetadas por esses fatores e por suas eventuais mudanças.

A fim de realizar minha investigação, fundamentei-me em procedimentos éticos tendo em conta o fato de ter mantido contato com pessoas menores de 18 anos de idade. Esse aspecto etário deve ser observado em função dos contextos e dos espaços onde realizei trabalho de campo. Sendo assim, descrevo abaixo os procedimentos éticos que adotei na pesquisa³¹.

Os adolescentes e jovens que acompanhei em seus deslocamentos pelas cidades estavam cientes, tendo sido comunicados verbalmente, que eu era um pesquisador. Eles também estavam cientes da pesquisa que eu realizava, de seus objetivos, de que nosso contato ocorria a partir e por conta de uma situação de pesquisa, de que não seriam identificados individualmente por ocasião da publicação de resultados da pesquisa.

Foi explicitado que, caso tivessem qualquer dúvida ou quisessem que quaisquer informações não fossem consideradas, eles poderiam solicitar esclarecimentos ou me comunicar a qualquer momento. Eu então considerei como interlocutores apenas aqueles adolescentes e jovens que me ofereceram consentimento verbal expresso.

Não houve realização de entrevistas formais na pesquisa. Os menores de 18 anos não foram convidados a qualquer entrevista, apesar de eu os ter observado em grupos e apesar de ter conversado com eles em interações coletivas durante o trabalho de campo.

A solicitação de consentimento aos pais não foi realizada em minha pesquisa de doutorado, assim como não foi realizada em minha pesquisa de mestrado, pois isso poderia trazer mais danos do que benefícios aos interlocutores.

Nessa reflexão eu considero dilemas que o tema da homossexualidade pode trazer em sua interface com a adolescência, como os processos de entender-se e colocar-se

³¹ Quando iniciei meu trabalho de campo em 2013 não havia, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, exigência de submissão de meu projeto de pesquisa a qualquer comitê de ética. Contudo, durante meu curso de mestrado na Universidade Federal de Goiás eu tive que submeter meu projeto de pesquisa ao comitê de ética da referida instituição. Dessa forma, conheci e pratiquei todos os requisitos indicados pelo comitê da UFG. Considerando a pertinência de tais procedimentos éticos, eu os considerei a fim de realizar minha pesquisa a partir do PPGAS Unicamp.

publicamente como alguém cujas condutas e identidade sexual ainda são matéria de reprovação social, inclusive no âmbito das famílias.

O rigor ético e o cuidado com interlocutores também foram observados no momento de composição da tese de doutorado. Utilizei recursos narrativos de modo a não permitir que adolescentes e jovens que acompanhei fossem identificados pelo público externo à pesquisa. A fim garantir a privacidade e resguardar a intimidade de interlocutores, atribui outros nomes em relação aos que eles de fato utilizavam.

Atentei ainda para que em situações de conflito os interlocutores não fossem identificados mesmo no âmbito das próprias redes que eles compunham. Em relação a redes de adolescentes e jovens que identifiquei ao longo do trabalho de campo, as *famílias LGBT*, sua existência é registrada e os nomes das *famílias* citados. Contudo, em situações de conflito, os nomes das *famílias* e as possibilidades de revelação da identidade de integrantes envolvidos foram propositalmente omitidas.

Os modos pelos quais fui interpelado no trabalho de campo durante o doutorado a partir dos espaços onde realizei pesquisa etnográfica favoreceram uma compreensão sobre os próprios adolescentes e jovens com quem convivi. O destaque a estilo corporal, sexualidade e outras de minhas características – pele parda, pelos e os olhos pretos – auxilia à identificação dos sentidos que meus interlocutores atribuem a mim e à relação que estabelecemos.

Nos encontros presenciais com adolescentes e jovens a partir de São Paulo e de Barretos eu geralmente utilizava calça jeans, um tênis e uma camiseta. Eu mantinha um corte de cabelo curto, além de barba e bigode. Quase sempre eu utilizava óculos para realizar trabalho de campo.

Em distintos momentos fui questionado sobre minha sexualidade. Em lugar de responder a essa questão, eu perguntava às pessoas quais seriam suas impressões em relação a mim. Alguns interlocutores afirmavam que eu *não parecia* [gay]; outros afirmavam que eu seria *no máximo bissexual*. Posteriormente eu afirmava a eles que eu me entendia como homem e que mantinha relações afetivo-sexuais com outros homens.

Considerando que nos espaços de encontro e de convivência onde mantive contato com interlocutores havia um franco estímulo ao flerte, o fato de eu estar presente em tais espaços para a realização do trabalho de campo me inseriu em uma espécie de economia da sedução, como sugere Andrea Lacombe (2009).

Nas situações em que fui flertado durante o trabalho de campo, indiquei que por conta dos procedimentos metodológicos e éticos que adotei na pesquisa eu não

estabeleceria nenhum envolvimento afetivo-sexual com interlocutores³². Essa postura não deixou de gerar situações constrangedoras ou limítrofes, como o afastamento de potenciais interlocutores.

Essa reflexão sobre procedimentos éticos a partir de minha pesquisa favorece um diálogo com a discussão de Esther Newton sobre “equação erótica” em trabalho de campo. No texto “My best informant's dress: the erotic equation in fieldwork”³³, de 1993, a autora argumenta que certa escrita antropológica, sobretudo a que ela identifica como “pós-moderna”, tende a silenciar ou escamotear afetividades, desejo sexual e processos de erotização de relações entre antropólogos e interlocutores (NEWTON, 1993).

A autora pondera que o silenciamento ou ocultamento desses processos estão mais presentes na escrita de antropólogos identificados como homens, pessoas com conduta heterossexual, brancos e sem deficiências. Enquanto isso, mulheres, pessoas com condutas homo ou bissexuais e/ou pessoas com deficiências tendem a não silenciar em suas pesquisas os processos de erotização das relações que ocorrem durante trabalhos de campo (NEWTON, 1993).

Ainda no referido texto, Esther Newton indica que admitir e refletir sobre afetividades e, também, admitir e refletir sobre erotização de antropólogos e de interlocutores corresponde a um exercício fundamental para a discussão sobre condições de realização de trabalho de campo. Ademais, dizer e refletir sobre esses temas corresponde a um exercício importante para exposição sobre como sexualidade e erotismo (de antropólogos e de interlocutores) estão relacionados a estratificações sociais e relações de poder (NEWTON, 1993).

Estou de acordo com o argumento de Newton. Contudo, a reflexão que esta autora elabora diz respeito a contextos em que as interações de pesquisa se dão entre adultos e nos quais, portanto, não há restrições legais ao estabelecimento de interações eróticas. Em minha pesquisa acompanhei pessoas com menos e com mais de 18 anos de idade, o que faz meus interlocutores serem assistidos por diferentes marcos legais. Então não ofereci qualquer abertura para envolvimento afetivo-sexuais em campo ainda que as ocasiões de encontro e de convivência das quais tomei parte incluíssem situações de flerte e de paquera.

³² Esse posicionamento foi discutido com minha orientadora e com o/a parecerista que acompanhou o desenvolvimento de minha pesquisa a partir de designação da FAPESP.

³³ Essa referência me foi sugerida pelo/a parecerista designada/o pela FAPESP.

Os procedimentos éticos que mantive foram fundamentais para garantir a exequibilidade de minha investigação tendo em vista restrições legais no contato com meus interlocutores. Além disso, busquei evitar que eventuais *fofocas* envolvendo qualquer tipo de tratamento diferenciado de interlocutores de diferentes idades pudesse prejudicar minha inserção em campo.

O tema das relações eróticas, portanto, impactou diretamente a realização do trabalho de campo, sobretudo para estabelecimento, manutenção e rompimento de vínculos com interlocutores.

1.4. Estratégias narrativas e divisão dos capítulos

Ao longo desta tese defendo que espaços, pessoas e relações são constitutivos um do outro e se produzem mutuamente. A fim de refletir sobre tal proposição, desenhei uma estratégia narrativa que me permitisse a discussão sobre cada processo indicado em um dos próximos capítulos.

No capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens” busco focar espaços. No capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*” busco focar relações. No capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*” busco focar processos de produção de pessoas e de regimes de visibilidade.

A escrita a partir dessa estratégia narrativa rendeu uma profícua relação entre os capítulos. Caso uma situação apreendida em trabalho de campo permitisse reflexão sobre espaços, então ela era trabalhada no capítulo correspondente a tal processo. Se a mesma situação também permitisse reflexão sobre relações, então ela era trabalhada no capítulo correspondente ao processo em questão. Caso a mesma situação também permitisse reflexão sobre processos de produção de pessoas e de regimes de visibilidade, então ela era trabalhada no outro capítulo correspondente ao processo em destaque.

Com essas referências relativas à estratégia narrativa e a divisão dos capítulos, busco favorecer a leitura das páginas a seguir.

2. Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens

Assim como indicado no capítulo “Introdução”, pude estabelecer redes de interlocutores a partir do momento em que passei a comparecer a logradouros públicos onde adolescentes e jovens se encontravam em momentos em que estavam alheios a compromissos relativos a trabalhos e estudos. Aqueles que se tornaram meus interlocutores são pessoas que também compareciam aos logradouros públicos por onde iniciei meu trabalho de campo.

Neste capítulo, busco discutir sobre o surgimento de espaços em meio aos logradouros públicos compostos por meus interlocutores e outros autores. Atenho-me também a indicar como a relação de meus interlocutores com outros atores interferiam em sua experiência nos logradouros públicos e em seus trânsitos pela cidade. Em tal exercício não cabe realizar uma apresentação dos espaços, visto que não os concebo como se existissem aprioristicamente. Trata-se de indicar os espaços como construções, sendo que cada um destes tem características e peculiaridades a depender das relações dentre os atores que o compõem.

Essa abordagem em relação ao espaço me foi possibilitada por conta do acesso a um conjunto de referenciais socioantropológicos relacionados aos campos de estudos sobre gênero e sexualidade que problematizam cidade e espaço urbano. Dessa forma, chamo atenção a alguns textos produzidos nos últimos anos por cientistas sociais brasileiros que pavimentaram esse caminho de reflexão.

Minha intenção aqui não é apresentar um levantamento bibliográfico de estudos sobre gênero e sexualidade produzidos ao longo das últimas décadas no Brasil. Ciente que qualquer recorte ou destaque a autores é arbitrário, os textos que indico são aqueles que me conduziram em um processo de reflexão sobre espaço, gênero e sexualidade a partir de minha pesquisa de doutorado.

Em 2005 foi publicado o livro “Homossexualismo em São Paulo e outros escritos”, que traz uma reprodução da monografia até então inédita de José Fábio Barbosa da Silva³⁴. Integra esse livro um artigo intitulado “Do ‘gueto’ ao mercado”, de Júlio Simões e Isadora Lins França (2005), que é especialmente interessante para minhas reflexões nesta tese por conta da discussão ali empreendida sobre espaços de encontro e de convivência entre pessoas com conduta homossexual na cidade de São Paulo tendo em

³⁴ Nessa monografia, Barbosa da Silva (1960) reflete sobre trajetórias de pessoas com conduta homossexual na cidade de São Paulo a partir de um trabalho de campo realizado na década de 1950.

vista uma considerável ampliação e diversificação destes espaços entre as décadas de 1980 e 2000.

Algumas das referências bibliográficas desse artigo questionam modos de se identificar espaços de encontro e de convivência entre pessoas com conduta homossexual. O artigo dialoga diretamente com o texto “Em defesa do gueto” (MACRAE, 2005 [1983]), onde “gueto” consta como um dos termos a fim da identificação de espaços. Contudo, assim como indicam Simões e França, não cabe a utilização do termo “gueto” para indicar em São Paulo “um espaço fixo marcadamente segregado, de frequência exclusiva ou predominantemente homossexual” (2005, p. 310).

A fim de refletir sobre espaços de encontro e de convivência de pessoas com conduta homossexual em São Paulo, constam nesse artigo de Simões e França (2005) as categorias “mancha” e “circuito”. Esses termos compõem um conjunto conceitual desenvolvido por José Magnani que aludem ao espaço e usos que dele são feitos e correspondem a “unidades significativas para observação e análise” (MAGNANI, 1996, p. 18). A categoria “mancha” faz menção a regiões contíguas no espaço urbano e “circuito” remete a deslocamentos pela cidade e não a algumas regiões específicas, sendo, portanto, uma categoria que indica deslocamentos mais abrangentes que aqueles referentes à “mancha” (MAGNANI, 2003; 1996).

No ano seguinte à publicação do artigo de Simões e França (2005), a dissertação de mestrado de Isadora Lins França avança na reflexão sobre espaço e sexualidade. Nesse trabalho, França (2006) analisa relações entre movimento social e mercado tendo em vista o então intitulado “movimento GLBT” e o “mercado GLS” na cidade de São Paulo. Consta nessa dissertação um mapeamento do mercado destinado a pessoas com conduta homossexual onde as categorias “mancha” e “circuito” também são acionadas.

França (2006) lança mão de tais categorias, considerando que estas são mais interessantes em relação a “gueto”, a fim da identificação de espaços frequentados por pessoas com conduta homossexual em São Paulo. O uso dessas categorias, contudo, passa por duas importantes críticas no trabalho de França (2006): a autora indica que “manchas” não englobam todos os espaços de “sociabilidade homossexual”, visto que há alguns desses espaços que extravasam limites de “manchas”; e, além disso, o uso das categorias “mancha” e “circuito” pode conduzir a uma reafirmação equivocada da relação entre espaço e identidade, sendo, nesse caso, arriscado reificar a relação entre alguns espaços de encontro e seu público presumivelmente “homossexual”.

A crítica à relação entre espaço e identidade é realizada por França (2006) a partir do artigo “Mais além da ‘cultura’: espaço, identidade e política da diferença”, de Akil Gupta e James Ferguson (2000). Os autores desse artigo estimulam a realização de uma análise que dê conta do espaço como experiência socialmente construída e das relações de poder que o conformam. Gupta e Ferguson (2000) também chamam atenção à relevância da desnaturalização e desvinculação entre comunidades e espaços onde estas são imaginadas.

Outra obra que compõe um debate sobre a relação entre espaço e sexualidade a partir dos campos de estudos sobre gênero e sexualidade é a tese de doutorado de Regina Facchini (2008). A autora conduz sua reflexão sobre espaços de encontro e de convivência frequentados por mulheres com condutas homo ou bissexuais na cidade de São Paulo de modo a desvincular a relação entre espaço e comunidade³⁵.

Na tese de Facchini (2008), alguns termos como “mancha” e “circuito” não estão em uso a fim da alusão a espaço, salvo em situações em que são mencionados por alguma interlocutora da pesquisa. A autora argumenta que o uso de categorias como “circuito” pode reificar e circunscrever certos grupos e práticas a determinados espaços na cidade; e, além disso, o uso de “circuito” e categorias análogas passa a ser desinteressante porque não favorecem a identificação de processos e relações em cada espaço e como estes se transformam a depender das dinâmicas e fluxos de pessoas (FACCHINI, 2008).

O questionamento da relação entre espaço e identidade também me foi estimulada por Néstor Perlongher. No livro “O negócio do michê”, o autor identifica como seus interlocutores “prostitutos” e seus clientes são compreendidos de maneiras diversas a depender de suas “micromigrações” pelo Centro de São Paulo. Em sua perspectiva analítica, Perlongher (2008 [1987]) discute sobre territorialidades em lugar de identidades, o que favorece a reflexão sobre como pessoas e suas relações se transformam a depender do espaço onde ocorrem.

Os debates ensejados nas obras em destaque tornam-se ainda mais relevantes para a reflexão sobre espaço, gênero e sexualidade em diferentes escalas de cidade. Se os textos indicados até então instigam ao questionamento da relação entre espaço e identidade, algumas etnografias realizadas em cidades não-metropolitanas permitem a continuidade dessa reflexão somada ao questionamento da polarização entre espaços rural e urbano.

³⁵ Facchini (2008) desenvolve essa reflexão em diálogo com o texto de Gupta e Ferguson (2000) previamente mencionado.

Um desses textos é a tese de doutorado de Roberto Marques, cujo trabalho de campo foi realizado em uma região do estado do Ceará intitulada Cariri. A partir da análise do forró eletrônico e de eventos relativos a esse estilo de música, Marques (2011) pensa como gênero e sexualidade estão associados a estratégias de anunciação de espaços e das pessoas que os compõem considerando narrativas que tencionam referências relativas a urbanidade e a ruralidade.

Guilherme Passamani, por sua vez, elaborou uma tese de doutorado a partir de trabalho de campo em duas cidades da região do Pantanal no Mato Grosso do Sul. O autor discute sobre envelhecimento, memória e sexualidade destacando os modos pelos quais seus interlocutores com condutas homossexuais agenciavam visibilidades e invisibilidades de si e de suas relações afetivo-sexuais considerando restrições e possibilidades que encontravam nas cidades onde viviam (PASSAMANI, 2015).

As etnografias de Marques (2011) e Passamani (2015) estimulam o questionamento da polarização entre espaços rural e urbano ao refletirem sobre gênero, sexualidade e espaço a partir de cidades que, em termos de escala, são bastante diversas de metrópoles. O contato com essas referências me estimulou a problematizar em minhas leituras e em minha própria escrita eventuais alegorias que indicam homossexualidade como uma possibilidade em espaços entendidos como urbanos e heterossexualidade como destino em espaços entendidos como rurais (MARQUES; PERILO, 2014).

O conjunto de etnografias mencionadas me exigiu delinear uma compreensão sobre espaço de modo a considerá-lo como um processo e, portanto, em constante transformação. Dessa maneira, identifiquei em Doreen Massey (2012) uma noção e uma perspectiva analítica coerentes com minhas referências e com o que pude apreender em meu trabalho de campo. Apesar de um entendimento do espaço como mero cenário ou como âmbito bidimensional, chapado e isomórfico, a autora indica espaço como processo de construção aberto, dinâmico e ininterrupto (MASSEY, 2012).

Espaço se constitui como produto de inter-relações e, simultaneamente, é produtor de pessoas e suas relações. Dessa maneira, espaço, pessoas e relações se constituem mutuamente, sendo que tais processos devem ser lidos como imbricados um no outro. É importante apontar as pessoas e relações para que se identifique o espaço enquanto produção contextual e contingencial (MASSEY, 2004).

A fim de dialogar com essa proposição de Massey, neste capítulo eu identifico produção dos espaços considerando um recurso que desenvolvi quando da escrita de

minha dissertação de mestrado³⁶. Um dos pontos de partida para a realização de meu trabalho de campo naquela ocasião era um parque público na cidade de Goiânia conhecido pelo nome Vaca Brava, ainda que seu nome oficial seja Sullivan Silvestre.

A despeito de como o parque era conhecido, os adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais em minha pesquisa de mestrado compunham um espaço a partir desse logradouro público a que eles chamavam de “área fértil”. Esse espaço emergia em dia e períodos específicos – aos domingos nos períodos vespertino e noturno – sempre a partir de uma região no parque delimitada por um conjunto de bancos e de árvores. As dezenas de pessoas que se encontravam nessa região específica produziam a “área fértil” em meio ao parque a cada domingo (PERILO, 2014).

Em função disso foi possível considerar uma relação entre o logradouro público (Parque Vaca Brava) e o espaço (“área fértil”) que emergia quando meus interlocutores e outros atores se aglomeravam em uma região específica do parque. Eu então identifico a produção de espaços neste capítulo considerando essa referência, ou seja, a relação entre o logradouro público e o que nele emerge a partir da presença de interlocutores.

Além dos adolescentes e jovens que acompanhei em minha pesquisa, também destaco os demais atores que coproduziam os espaços aqui considerados. Os atores em questão neste capítulo são aqueles direta ou indiretamente envolvidos no processo de emergência de cada espaço, assim como indico a seguir.

2.1. Atrás do Mercado das Flores³⁷

Encontrei Darci casualmente em um vagão de metrô quando ambos seguíamos rumo à região central de São Paulo. Ele estava em sua casa em Guaianases, na zona leste da cidade, onde ele morava com sua mãe, e aproveitaria a noite de domingo para encontrar amigos e flertar. Era conveniente que ele estivesse sentado no vagão, pois assim teria

³⁶ Realizei minha pesquisa de mestrado entre 2010 e 2012 pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. A partir dessa pesquisa pude refletir sobre produção de espaços para encontro e convivência entre adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais considerando o trabalho de campo que realizei a partir de Goiânia. Convivi com meus interlocutores a partir de parques, praças e boates onde eles se encontravam com amigos e, ainda, onde tornavam visíveis demonstrações de afeto junto a amantes do mesmo sexo (PERILO, 2014).

³⁷ Com esse título, eu faço alusão à música “Freguês da meia noite”, de Criolo. Um trecho da letra diz “Meia Noite / Em pleno Largo do Arouche / Em frente ao Mercado das Flores / Há um restaurante francês / E lá te esperei”. Nesse trecho da canção, Criolo localiza sua audiência em uma região na cidade de São Paulo. A cada verso, o local indicado torna-se mais preciso: desde o olhar panorâmico – “em pleno Largo do Arouche” – até um ponto mais específico – entre o “Mercado das Flores” e “um restaurante francês”.

melhores condições de apoiar o estojo de maquiagem sobre seu colo enquanto delineava seus olhos e lábios.

Ele não saía de casa com o rosto maquiado, tampouco usando salto alto e bolsa, mas estaria utilizando estes itens naquela noite antes mesmo de descer na estação de metrô República para então seguir ao Largo do Arouche.

No largo, Darci se encontrava com outros jovens que também se deslocavam de pontos diversos da cidade utilizando trem, ônibus e metrô e que compartilhavam do interesse em experimentar possibilidades, como apresentar estilos corporais diversos, flertar e beijar. No bairro onde vivia, Darci se destacava por conta das peças de roupa e de seu cabelo com cortes convencionalmente associados à feminilidade, mas no largo ele era apenas um dentre tantos que ali se apresentavam assim.

O Largo do Arouche e suas imediações na região da República são notórios por conta da presença e também por ser região de moradia de pessoas com condutas homo ou bissexuais. Em todos os dias e em variados horários havia ali diversas pessoas, mas especificamente aos domingos emergia uma aglomeração grande o suficiente a ponto de gerar um considerável contraste ao que se percebia em outros dias da semana. Nas tardes e noites de domingo, centenas de adolescentes e jovens coproduziam um espaço que para muitos deles era denominado *Vieira*³⁸.

A aglomeração no Largo do Arouche geralmente se fazia bastante visível e ruidosa às 16 horas de cada domingo. O momento de maior concentração ocorria no período noturno, com cerca de 600 pessoas sendo agentes na produção da *Vieira*. Após as 23 horas a aglomeração passaria a se desfazer mediante a saída das pessoas e muitas delas seguiam até a estação de metrô República.

Outros atores com presença recorrente no Largo do Arouche aos domingos nos períodos vespertino e noturno também coproduziam a *Vieira*. Alguns deles eram a Polícia Militar e vendedores ambulantes.

Havia uma base da Polícia Militar instalada no Largo do Arouche e nela ficavam de plantão ao menos dois policiais. Essa base tinha uma estrutura similar à de um motocasa³⁹ e ficava posicionada em um local não tão próximo àquele onde havia maior concentração de adolescentes e jovens no período em que emergia a *Vieira*.

³⁸ Esse termo advém da Rua Vieira de Carvalho, uma das vias públicas que se estendem a partir do Largo do Arouche. Independente de frequentarem essa rua, eles utilizam tal nome para indicar os encontros a partir do largo.

³⁹ Uma espécie de furgão cujo interior é adaptado para servir como alojamento e que conta com espaço suficiente para conter mobília e, em alguns casos, sanitários.

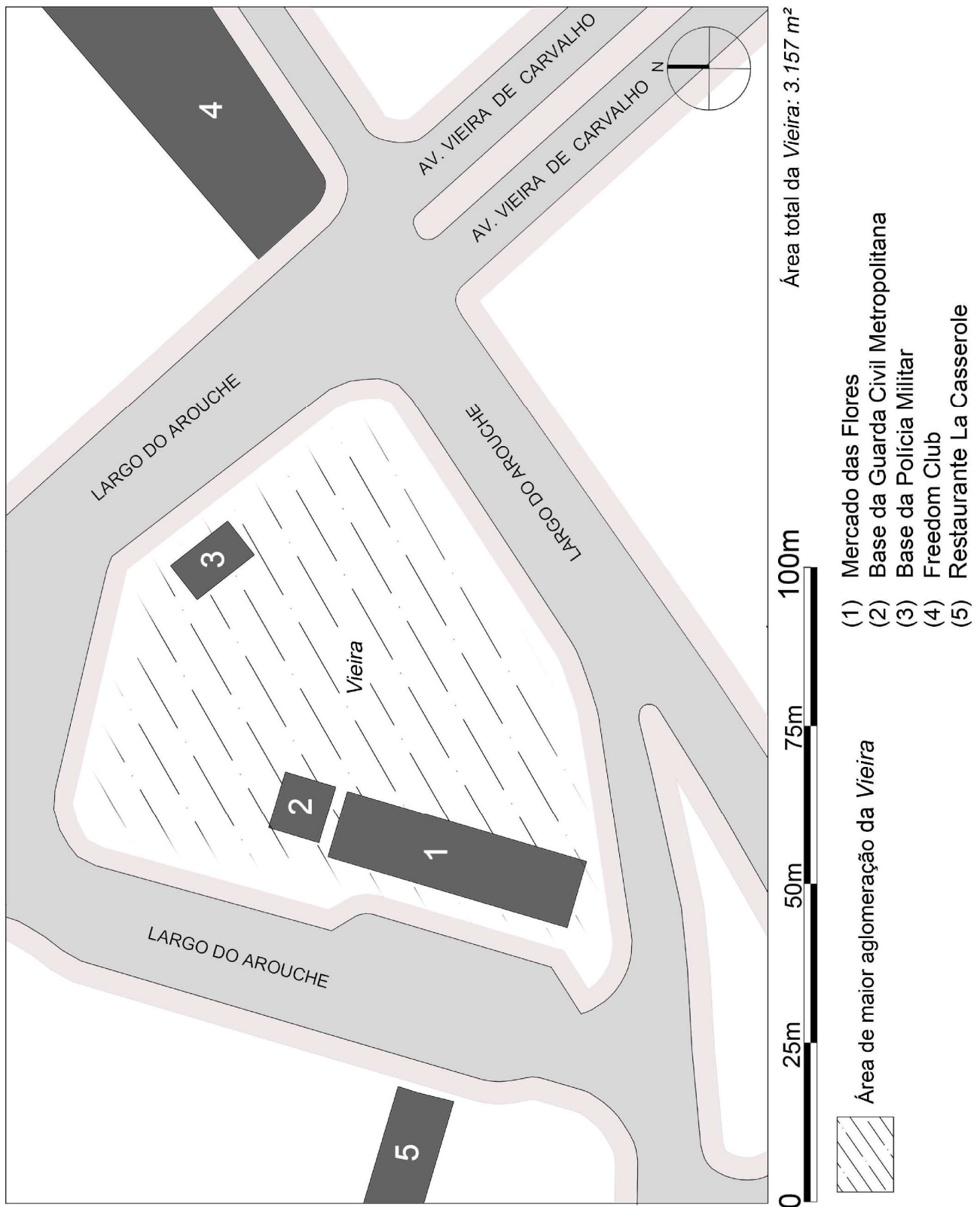


Imagem 3. Vieira. Imagem elaborada em parceria com o bacharelado em Arquitetura e Urbanismo Kelvin Castro a partir de minha etnografia e dados do Mapa Digital da Cidade de São Paulo.

A porta principal do motocasa não era voltada para o centro do Largo do Arouche, mas à rua que margeia esse logradouro público. Os policiais militares na base não tinham a concentração de adolescentes e jovens em seu campo de visão, mas ainda assim é necessário considerar sua atuação na elaboração da *Vieira*.

A presença da Polícia Militar poderia contribuir para a segurança de quem estava nesse espaço, visto que a qualquer momento seria possível recorrer aos agentes de segurança pública. Em diferentes ocasiões tive a oportunidade de acompanhar interlocutores que foram à base quando se sentiram ameaçados por conta de conflitos na *Vieira*. A presença de policiais militares sempre se notava, principalmente quando estes agentes transitavam a pé ou em viaturas pelo Largo do Arouche.

A cada semana também compunham a *Vieira* os vendedores ambulantes que ofereciam produtos no Largo do Arouche e suas imediações. A atividade comercial mais flagrante era relativa a bebidas e alimentos. Havia vendedores que permaneciam parados oferecendo lanches em algum ponto com maior concentração de pessoas e havia também aqueles que transitavam com produtos a fim de abordar eventuais clientes.

Outra atividade comercial no Largo do Arouche era aquela referente a psicoativos ilícitos, mas esta não era tão evidente quanto o comércio de bebidas e alimentos. A presença de pessoas que compunham esse espaço oferecendo discretamente diferentes tipos de psicoativos ilícitos deve ser considerada em função de sua influência sobre outros atores que também produziam a *Vieira*⁴⁰.

Havia alguns atores cuja presença não era recorrente, mas interferiam de maneiras distintas na elaboração da *Vieira*.

Alguns dos que estavam ocasionalmente presentes no Largo do Arouche aos domingos eram atores do mercado de bens e serviços direcionados à população LGBT, tais como promotores de eventos. Em alguns domingos a presença desses atores se fazia muito evidente por conta da distribuição de panfletos informativos sobre festas e, ainda, quando organizavam e conduziam a pé alguns grupos de adolescentes e jovens até boates da região da República garantindo entrada gratuita ou descontos.

Esses grupos de pessoas capitaneadas por promotores de festas saíam do Largo do Arouche em meados das 23 horas, exatamente o horário em que muitos adolescentes e jovens se deslocariam da *Vieira* a fim de seguir rumo a suas casas ou outros espaços antes do fechamento da estação de metrô República. Em função da presença e estímulo dos

⁴⁰ Ainda neste tópico exponho uma situação apreendida em campo que favorece a identificação do potencial que os vendedores de psicoativos podem ter na organização desse espaço.

promotores de festas meus interlocutores se agregavam a esses grupos e passavam a madrugada de domingo para segunda-feira em alguma boate na região⁴¹.



Imagem 4. O Largo do Arouche e a *Vieira*. O primeiro na foto acima; na foto abaixo, o segundo. Fonte da imagem: fotografia de minha autoria para o acervo da pesquisa.

⁴¹ No capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito* “ discuto sobre essas festas e suas implicações para meus interlocutores.

Atores relativos aos governos municipal e estadual de São Paulo também compunham a *Vieira* e estavam ali presentes como resultado de políticas que tinham como públicos-alvo os adolescentes e jovens que frequentavam o Largo do Arouche.

No período que acompanhei a *Vieira* mediante trabalho de campo houve alguns meses em que uma unidade móvel do programa "Quero Fazer" era posicionada no largo exatamente onde havia maior concentração de pessoas. Esse programa⁴² oferecia o serviço de testagem rápida para diagnóstico de HIV, orientação para tratamento de DST e distribuição de camisinhas. Essa unidade móvel se assemelhava a um motocasa, era conduzida até o largo no início do período vespertino e retirada no período noturno.

No segundo semestre de 2015, outro veículo adaptado passou a ser posicionado no Largo do Arouche em alguns dias da semana, inclusive aos domingos. Trata-se de um equipamento da prefeitura de São Paulo denominado Unidade Móvel de Cidadania, que tinha como uma de suas propostas oferecer atendimento a vítimas de *homofobia*. A parte interna desse veículo se assemelhava a um escritório com mesa, cadeiras e computadores. Em uma das laterais dessa unidade móvel havia um toldo e iluminação, o que permitia que fosse criada uma área externa coberta onde eram dispostas algumas cadeiras. Além de prestar atendimento às pessoas que compunham a *Vieira*, a unidade móvel incidia sobre o público deste espaço por conta da música que era reproduzida a partir de sua aparelhagem: vários adolescentes e jovens dançavam ao som de *funk*, que pulsava das caixas de som no veículo.

No espaço onde era posicionada a Unidade Móvel de Cidadania, havia um veículo da Guarda Civil Metropolitana (GCM) e alguns agentes plantonistas. A Unidade Comunitária Móvel da GCM ficava exatamente no local onde havia maior concentração de pessoas na *Vieira* e os guardas tinham condições de observar tudo o que se passava no Largo do Arouche.

Os cerca de 600 adolescentes e jovens e os demais atores mencionados eram alguns daqueles que a cada domingo elaboravam a *Vieira*. Ainda que esse espaço fosse apontado por grande parte de meus interlocutores como possível para experimentações como as de Darci (assim como indicado no início desta seção), as relações entre os atores

⁴² Assim como se lia na lataria e cartazes afixados na unidade móvel, essa era uma iniciativa da Secretaria Municipal de Saúde, da Secretaria Estadual de Saúde, da ONG Associação Espaço de Prevenção e Atenção Humanizada, do Ministério da Saúde e da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

que compunham a *Vieira* favorecem o questionamento da margem de experimentação neste espaço.

Uma ocasião envolvendo uma *família LGBT* auxilia à reflexão. As *famílias* correspondem a redes formadas por adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais. Essas redes oferecem suporte e proteção a seus membros, o que favorece que lhes sejam expandidas oportunidades de deslocamento espacial e lhes sejam ampliadas condições de reação a possíveis represálias⁴³.

Samuel, o fundador da *família* Vallentyne Lawiny, havia agendado uma reunião no Largo do Arouche a fim de encaminhar questões importantes com os membros dessa rede. Era estratégico que a reunião ocorresse no largo, pois ali estaria o maior número possível de pessoas da Vallentyne Lawiny dispostas a dialogar.

Cerca de trinta membros da *família* compareceram à reunião. Dificilmente Samuel conseguiria fazer tantas pessoas daquela rede se agruparem se o encontro fosse agendado em outro espaço e em outro dia da semana⁴⁴.

Quando todos os membros da Vallentyne Lawiny estavam em círculo na *Vieira* observando Samuel propor uma atividade à *família*, um homem e uma mulher que se identificaram como *traficantes* interromperam abruptamente a reunião. Esse homem exigiu aos gritos que a *família* encerrasse imediatamente aquele encontro, sob pena de grave represália. Samuel tentou driblar a situação ao argumentar com sua voz suave que a reunião não demoraria a acabar, mas o homem estava irredutível: depois de alguns meses afastado, ele teria voltado ao Largo do Arouche para *colocar ordem* e para *proteger as pessoas*, mas não toleraria nenhuma *família* interferindo naquele espaço.

Essa foi a primeira vez em que presenciei a Vallentyne Lawiny sendo confrontada sem que houvesse reação imediata e direta por parte de seus membros. Estavam presentes naquela reunião algumas pessoas que geralmente se envolviam em brigas na *Vieira* e em outros espaços. Eu inclusive já havia presenciado membros dessa *família* lançarem pedras e correrem atrás pessoas que lhes insultaram⁴⁵.

Enquanto o auto classificado *traficante* falava intempestivamente, os membros da *família* se entreolhavam como que reconhecendo a dimensão da ameaça que recebiam e então aguardaram algum posicionamento do *pai*. Samuel resolveu então se deslocar da

⁴³ Discuto sobre esse tema no capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*”, especialmente na seção “*Famílias LGBT*”.

⁴⁴ Os vínculos entre os membros da Vallentyne Lawiny geralmente eram fortalecidos quando eles compareciam juntos a festas e outros eventos em contexto de lazer

⁴⁵ Conferir uma discussão sobre essa situação no capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*”.

Vieira junto aos membros da Vallentyne Lawiny, que seguiram em grupo para que realizassem a reunião em outro espaço.

A intervenção dos *traficantes* sobre a Vallentyne Lawiny se somava a outros eventos que (re)ordenavam a *Vieira* aos domingos.

Em trabalho de campo também identifiquei momentos em que houve dispersão massiva e abrupta de adolescentes e jovens por conta de ameaças de agressão praticadas por torcidas de futebol. Situações como essas correspondem a uma série de eventos que precisam ser considerados junto ao que era mais cotidiano e corriqueiro na *Vieira* a fim de que se compreenda o processo de constituição deste espaço.

Era comum que houvesse algum tipo de agressão física entre adolescentes e jovens que compunham o largo. Esse tipo de situação era ocasionado por conflitos na economia dos flertes ou por discussões em redes sociais *online*, por exemplo. As situações em que havia ameaça de agressão verbal e confronto físico eram reconhecidas por meus interlocutores como *xaxo*.

Outros motivadores de *xaxo* eram as tensões entre as *famílias*. Os conflitos poderiam ocorrer por conta de problemas no contato entre membros de *famílias* diferentes ou problemas entre membros de uma mesma *família*. Quando os conflitos resultavam em confronto físico, geralmente os *pais* das *famílias* precisavam intervir⁴⁶.

Essas situações auxiliam a identificação de pessoas e relações que precisavam ser consideradas por aqueles que compunham a *Vieira* a cada semana. Quem passava pelo Largo do Arouche nas noites de domingo poderia ter impressão de que aquele era um logradouro público necessariamente tranquilo e propício a ampla diversão. Contudo, quem elaborava a *Vieira* e era contumaz, como Darci e os membros da Vallentyne Lawiny, não poderia ignorar uma tensão entre violência e diversão que ocorria neste espaço envolvendo seus atores.

Na abertura deste capítulo defendo que os espaços, as pessoas que os compõem e as relações (das pessoas com o espaço e no espaço) se produzem mutuamente. Diversos fatores tornam os espaços distintos entre si, o que demanda explanação sobre o que é produzido, por quem, em que contexto e sob quais condições.

Uma das diferenças da *Vieira* em relação a outros espaços onde realizei trabalho de campo é que adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais eram maioria dentre aqueles que a compunham. Também cabe frisar que na *Vieira* a presença de

⁴⁶ Eu discuto sobre esse tema no capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*”.

adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais poderia ser constrangida mais em função dos *xaxos* entre eles mesmos do que por conta da intervenção de outros atores avessos à sua presença no Largo do Arouche. Não era possível afirmar o mesmo de outro espaço coproduzido por meus interlocutores e por eles denominado *Augusta*, assim como destaco na próxima seção.

2.2. Entre você e a Frei Caneca⁴⁷

A *Augusta* emergia aos sábados à noite e seguia até a madrugada de domingo na Rua Peixoto Gomide. O aglomerado de pessoas no espaço se estendia por 230 metros ao longo de três quadras dessa via pública: desde seu cruzamento com a Rua Augusta e até seu cruzamento com a Rua Herculano de Freitas.

No período noturno de outros dias da semana era possível ver grande movimentação de pessoas nas três quadras da Peixoto Gomide mencionadas, principalmente entre as quintas e domingos. Contudo, a *Augusta* a que eu faço menção diz respeito àquela que emergia aos sábados e faço destaque a este dia justamente porque era quando meus interlocutores compunham este espaço.

No período em que realizei trabalho de campo, era recorrente a seguinte sequência de eventos para o surgimento da *Augusta*. Desde o início do período noturno, inúmeras pessoas atravessavam a Peixoto Gomide e seguiam de um trecho a outro desta rua. Ocasionalmente algumas paravam em algum ponto dessa via pública e, conforme mais pessoas chegavam, as calçadas eram gradualmente tomadas.

O período que se seguia da virada de sábado para domingo até meados de 4 horas era aquele em que se percebia maior aglomeração na *Augusta*. Havia centenas de pessoas. Quase todos os trechos da calçada de ambos os lados da rua eram preenchidos, mas essa aglomeração transbordava as calçadas e inúmeras pessoas ficavam de pé sobre o asfalto. O trânsito de veículos pela rua se tornava bastante lento tendo em vista a ampla margem de choque entre as pessoas e carros, motocicletas e caminhões.

⁴⁷ Com esse título, faço alusão à música “Augusta, Angélica e Consolação”, de Tom Zé. Um trecho da letra diz “Augusta, graças a deus / Graças a deus / Entre você e a Angélica / Eu encontrei a Consolação / Que veio olhar por mim / E me deu a mão”.

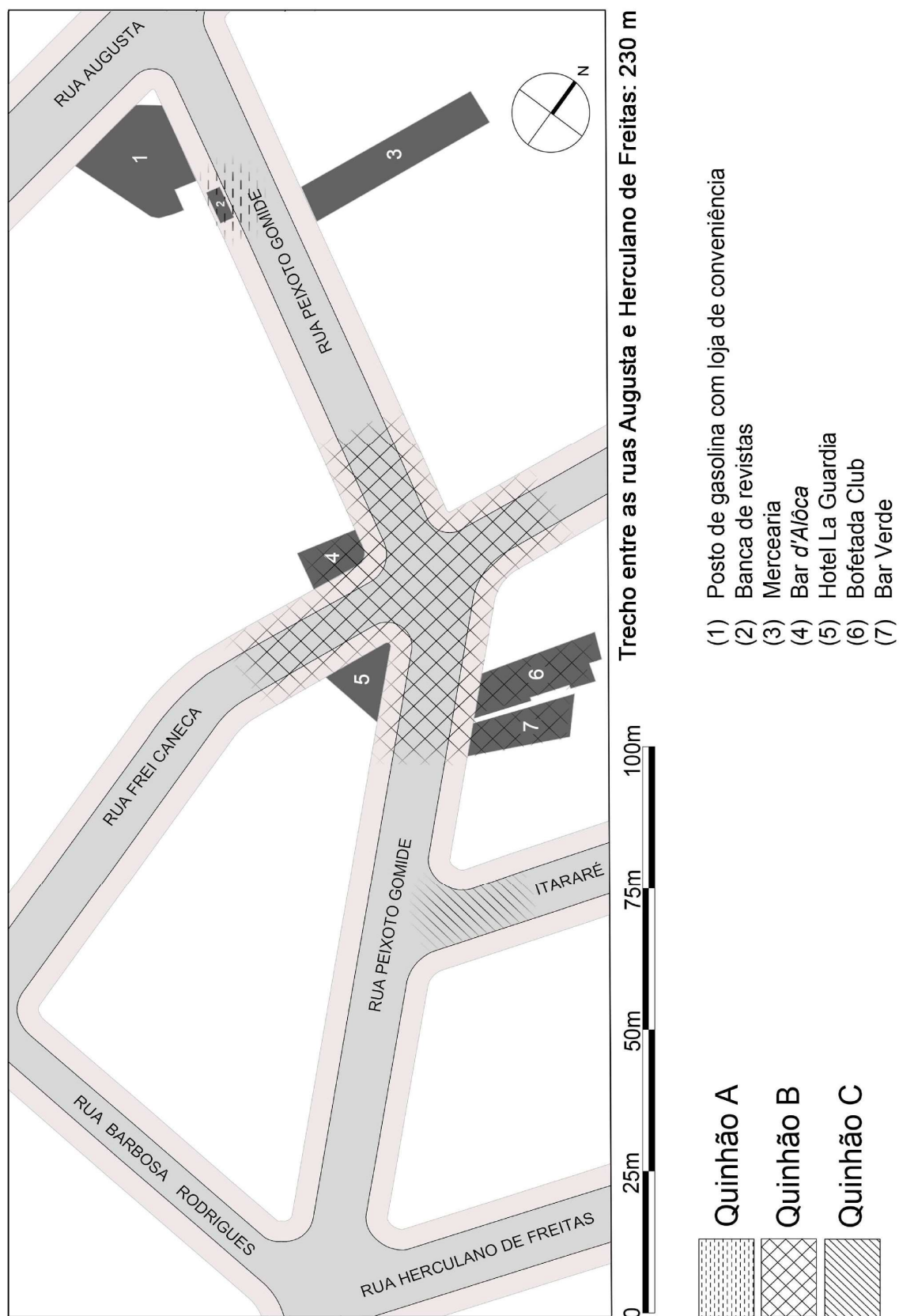


Imagem 5. Augusta. Imagem elaborada em parceria com o bacharelado em Arquitetura e Urbanismo Kelvin Castro a partir de minha etnografia e dados do Mapa Digital da Cidade de São Paulo.

A aglomeração da *Augusta* passava a ser desfeita por volta das 4 horas do domingo. Nesse momento, percebia-se grande deslocamento de pessoas que partiam da Rua Peixoto Gomide e seguiam rumo à estação de metrô mais próxima, a Consolação, que, como todas as estações do metrô e trem de São Paulo, retoma sua operação comercial às 4h40.

Nessa via pública meus interlocutores flertavam e beijavam, encontravam-se com seus conhecidos e compartilhavam bebidas. Eles também poderiam viver experiências que apenas na *Augusta* seriam possíveis, visto a relação que estabeleciam com demais atores neste espaço. Há que se considerar, por exemplo, as atrações dos estabelecimentos comerciais que ali existiam, tais como bares e boates com programação destinada à população LGBT.

Centenas de pessoas se distribuíam pelos 230 metros da Peixoto Gomide coproduzindo a *Augusta*. Certamente grande parte daqueles que compunham esse espaço eram adolescentes e jovens, mas não é possível afirmar que aqueles com condutas homo ou bissexuais eram maioria dentre os atores. Havia grande heterogeneidade na *Augusta* e não seria possível refletir sobre tal espaço sem considerar as ruas Augusta e a Frei Caneca, bem como diferentes modos pelos quais várias pessoas experimentavam estas vias públicas.

Conforme aponta Ane Talita Rocha, a partir dos anos 2000 inaugurou-se um novo momento na Rua Augusta relacionado à presença de jovens de diversos estilos corporais e, ainda, à “efervescência noturna que [ali] se pode encontrar praticamente todos os dias” (ROCHA, 2013, p. 22).

Bruno Puccinelli (2013) discutiu em sua dissertação de mestrado sobre as disputas entre distintos atores sociais em torno de um projeto para que a Rua Frei Caneca fosse reconhecida oficialmente como uma “rua gay”. Independente da oficialização de tal referência para a rua, nas imediações do cruzamento da Frei Caneca com a Peixoto Gomide havia distintos estabelecimentos comerciais frequentados majoritariamente por pessoas com condutas homo ou bissexuais, tais como a boate Alôca, a sauna Labirintus e o bar Frey Café & Coisinhas.

O destaque a essas ruas auxilia a identificação de certas aglomerações de pessoas na *Augusta*. Essas aglomerações eram compostas por diferentes grupos que se distribuíam ao longo de cada trecho da Peixoto Gomide. A fim de sinalizar os distintos atores que

coproduziam a *Augusta*, utilizo o termo quinhão para identificar os espaços em que estavam localizadas tais aglomerações.

Deve-se ter em conta que havia intenso fluxo de pessoas pela *Augusta*. Quando indico a existência de quinhões eu não estou sugerindo que algumas pessoas experimentavam apenas um trecho específico do espaço. Eu indico, isso sim, que os pontos de repouso nos trânsitos das pessoas permitiam a identificação de fronteiras contingenciais entre grupos. Sendo assim, indico a seguir alguns dos quinhões que constituíam a *Augusta*⁴⁸.

Na calçada, em um trecho próximo à esquina das ruas Peixoto Gomide e *Augusta*, havia um quinhão (que na imagem na página 52 identifico como quinhão A) onde se encontravam pessoas que vendiam psicoativos ilícitos. Notava-se com facilidade tal atividade comercial, pois quando se cruzava pelo grupo de pessoas ali posicionadas ouvia-se os nomes dos produtos ofertados: *maconha*, *doce*⁴⁹, *padê*⁵⁰.

Aqueles que vendiam psicoativos ilícitos eram facilmente identificáveis e agiam com pouca discrição para anunciar seus produtos tanto no quinhão indicado quanto em outros trechos da Rua Peixoto Gomide. Ocasionalmente havia operações policiais a fim de combater essa atividade comercial na região, mas as pessoas relacionadas à venda de psicoativos ilícitos continuavam compondo esse quinhão da *Augusta*.

No cruzamento das ruas Peixoto Gomide e Frei Caneca emergia um quinhão (que na imagem na página 52 identifico como quinhão B) composto por centenas de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais e, dentre eles, meus interlocutores. Em se tratando de um cruzamento entre duas ruas com intenso tráfego de veículos, a grande concentração de pessoas localizava-se nas calçadas e, ainda assim, havia muitas ocupando os trechos do asfalto rentes à calçada. Havia certos pontos nesse quinhão em que havia maior concentração de pessoas e estes pontos correspondiam aos trechos da calçada contíguos a alguns bares.

⁴⁸ Apresento apenas alguns quinhões porque não é possível dar conta de todos os grupos e pessoas que elaboravam a *Augusta*. Dessa forma eu me distancio de uma pretensão de esgotar a complexidade nesse espaço sem, contudo, abdicar da tentativa de apontar a densidade de processos e relações que pude apreender mediante trabalho de campo.

⁴⁹ Dietilamida, ácido lisérgico ou LSD.

⁵⁰ Um termo que alude à cocaína. Vale destacar a possibilidade de utilização desse termo na *Augusta*, visto que em outros espaços, como o *Tatuapé*, cocaína não é apresentada como “*padê*”, senão “*pó*” ou mesmo cocaína.



Imagem 6. A Peixoto Gomide e a *Augusta*. A primeira na foto acima; na foto abaixo, o segundo. Fotografias de minha autoria.

Um desses estabelecimentos comerciais, o Bar *d'Alôca*⁵¹, era localizado justamente em uma das esquinas desse cruzamento. Nos sábados à noite – quando emergia a *Augusta* – o trecho da calçada da Rua Frei Caneca contíguo ao bar era tomado por várias pessoas. Muitas delas consumiam produtos do próprio bar, seja bebidas ou comidas, e os colocavam sobre pequenas mesas sem cadeiras dispostas ao longo da calçada. Após o fechamento do bar, o que ocorria aproximadamente à 1 hora de domingo,

⁵¹ O bar se chama ToZé, mas é amplamente conhecido como Bar *d'Alôca* por conta da vizinhança com a boate Alôca.

a calçada do Bar *d'Alôca* continuava cheia de pessoas, que ali conversavam e flertavam entre si ou com quem passava pela rua.

Outro ponto com grande concentração de pessoas era localizado na Peixoto Gomide a alguns metros de seu cruzamento com a Frei Caneca. Havia um trecho da calçada contíguo a dois bares que era tomado de pessoas no sábado à noite. Um desses estabelecimentos comerciais era o Bofetada Club⁵² e o outro era o Bar Verde⁵³.

Esses estabelecimentos comerciais eram frequentados majoritariamente por jovens com condutas homo ou bissexuais. Várias pessoas que se aglomeravam nas calçadas desses bares eram parte do público que neles consumia. Meus interlocutores geralmente não entravam nesses estabelecimentos comerciais porque dificilmente tinham dinheiro para que pudessem pagar pela entrada e pelo consumo de bebidas nesses bares. Contudo, alguns dos adolescentes e jovens que acompanhei pela *Augusta* aglomeravam-se nos arredores de tais estabelecimentos e ali compunham um quinhão junto a várias pessoas com condutas homo ou bissexuais.

Na outra faixa de calçada imediatamente em frente ao Bofetada Club e o Bar Verde havia outro estabelecimento comercial, o La Guardia Hotel. Ele não era frequentado pelo público que elaborava a *Augusta*, contudo tornava-se um ator importante neste espaço por conta da intervenção que promovia. Antes mesmo das centenas de pessoas ocuparem vários trechos da Rua Peixoto Gomide nas noites de sábado, funcionários do La Guardia instalavam uma corrente que obstruía o trecho da calçada contíguo à entrada principal do hotel.

Um contraste se explicitava no momento de maior aglomeração nesse quinhão da *Augusta*: enquanto centenas de pessoas ocupavam a Peixoto Gomide, o trecho delimitado pela corrente instalada pelo hotel permanecia vazio, visto que estava interditado ao trânsito daqueles que não eram clientes desse estabelecimento comercial. O destaque ao hotel permite identificar como alguns atores produziam fronteiras e limitações físicas que precisam ser consideradas nas disputas pelo espaço na *Augusta*⁵⁴.

⁵² Trata-se de uma boate com dois pavimentos: no térreo constava um bar e no primeiro andar havia uma pista de dança.

⁵³ Havia apenas um pavimento nesse bar, no qual havia mesas e cadeiras e, ainda, um pequeno espaço sem mobília que era utilizado como pista de dança.

⁵⁴ A limitação no uso do espaço era um elemento relevante na produção da *Augusta*, visto que após a meia-noite o trecho correspondente ao quinhão em frente ao Bofetada Club e o Bar Verde tornava-se praticamente intransitável para veículos, dada a grande quantidade de pessoas ali presentes.

Havia um quinhão (que na imagem na página 52 identifiquei como quinhão C) que emergia no cruzamento entre a Rua Peixoto Gomide e uma de suas travessas, a Rua Itararé. As esquinas desse cruzamento e as faixas da calçada dessa travessa eram ocupadas por dezenas de adolescentes e jovens que trajavam roupas de tons escuros ou pretos. Esse é um contraste mais evidente desse quinhão em relação àquele que emergia em frente ao Bofetada Club e o Bar Verde, onde as pessoas trajavam roupas diversas e não havia predominância de tons escuros. Não era incomum encontrar adolescentes e jovens sentados em roda no quinhão da Itararé, inclusive cantando músicas no estilo *rock* com acompanhamento de violão.

No trecho de três quadras da Peixoto Gomide onde emergia a *Augusta* quase todos os prédios correspondiam a estabelecimentos comerciais e, dentre esses, a maioria eram bares ou lanchonetes. A intensa atividade comercial relativa a lazer e gastronomia era uma das razões para a grande aglomeração e movimentação de pessoas nesse trecho da rua. O mesmo não ocorria no restante da Peixoto Gomide, visto que o longo trecho que seguia após a terceira quadra dessa via pública era composto majoritariamente por edifícios residenciais e por estabelecimentos comerciais que se encontravam fechados enquanto emergia a *Augusta*.

Grande parte de meus interlocutores não consumia nos bares das ruas Peixoto Gomide, Augusta e Frei Caneca. Eles experimentam a *Augusta* na rua, sobretudo localizados em frente ao Bofetada Club e o Bar Verde. Alguns compravam bebidas alcoólicas a menores preços na loja de conveniências em um posto de gasolina na esquina da Peixoto Gomide com a Augusta ou em uma mercearia próxima a este posto.

Alguns policiais militares ocasionalmente compunham a *Augusta* quando transitavam pela Peixoto Gomide ou quando elegiam algum ponto das três quadras e nele permaneciam até seguirem novamente em marcha pela rua. Não havia, portanto, presença regular de agentes de segurança pública no sábado à noite. Tendo isso em vista e considerando a heterogeneidade dos atores envolvidos na *Augusta*, a experiência de meus interlocutores nesse espaço ao menos em relação à segurança poderia ser bastante diversa quanto ao que experimentavam na *Vieira*.

Essa peculiaridade relativa à segurança estimulava que meus interlocutores observassem com especial atenção alguns atores ocasionalmente presentes nesse espaço, como os *skinheads*.

Um interlocutor mencionou que dez *skinheads* usaram de chutes e socos para atacar várias pessoas em certa noite em que ele estava na *Augusta*. Na ocasião do ataque

ele tentou se abrigar em um bar. Outras pessoas também tentaram entrar em bares ou correram para ruas transversais.

Presenciei uma situação semelhante em uma madrugada de domingo durante trabalho de campo. Enquanto conversava com alguns interlocutores que disputavam as calçadas da Peixoto Gomide com outras centenas de adolescentes e jovens, escutei um estrondo. Era a explosão uma bomba.

Correr era necessário não apenas por conta da possibilidade de explosão de outras bombas, mas para acompanhar o fluxo de pessoas que buscavam proteção e abrigo. Quando segui correndo junto a interlocutores por uma das travessas da Peixoto Gomide, escutei outra explosão. Continuamos correndo e mesmo distantes do local onde ocorreu a primeira explosão conseguimos escutar o estrondo de outra bomba.

Em função da necessidade de correr não foi possível identificar as pessoas que provocaram as explosões na *Augusta*. Contudo, houve interlocutores que atribuíram as bombas a *skinheads*. O termo *skinhead* emergia nos espaços onde realizei trabalho de campo como uma alegoria para quem promovia ações em represália a pessoas com condutas homo ou bissexuais. *Skinhead*, portanto, não diz respeito a quem poderia se afirmar como tal, mas corresponde a um termo atribuído a quem era entendido como uma ameaça a adolescentes e jovens como meus interlocutores.

Imediatamente após a explosão das bombas voltei à Peixoto Gomide para observá-la a partir de seu cruzamento com a Rua Augusta. Nesse momento já não mais havia pessoas correndo e algumas viaturas da Polícia Militar passavam em alta velocidade e com sirenes ligadas. Alguns de meus interlocutores se desvincularam desse espaço e eu também o fiz no mesmo momento. Foi necessário ausentar-me da *Augusta* para prestar cuidados a um interlocutor que estava com uma de suas pernas sagrando por conta de estilhaços das bombas ou algo que lhe atingiu por consequência das explosões.

Essas situações envolvendo as bombas ou os ataques com chutes e socos não eram regulares, mas tampouco eram raras na *Augusta*. Eram ações de forte impacto, mas passageiras. Elas correspondiam a algumas dentre tantas ações de um conjunto de atores que compunham esse espaço.

Apesar do episódio das bombas naquele sábado, várias pessoas compareceram à Peixoto Gomide nos finais de semana seguintes e coproduziram a *Augusta* da maneira que era recorrente: novamente as centenas de transeuntes disputando espaço nas calçadas, novamente a dificuldade para que veículos transitassem pela rua, novamente os quinhões.

Além de episódios como esses envolvendo as bombas, uma ameaça mais frequente àqueles que transitavam pela Peixoto Gomide e arredores nas noites de sábado eram as agressões físicas que rendiam espancamentos de pessoas com condutas homo ou bissexuais. Frente a tais situações, uma das estratégias adotadas por meus interlocutores para lidar com a possibilidade de agressões físicas na *Augusta* correspondia a andar em duplas ou grupos, nunca sozinhos.

Havia dois interlocutores que adotavam tal procedimento desde que saíam das cidades onde residiam na região metropolitana de São Paulo. Adriano e Sônia geralmente se encontravam em alguma estação de trem mais próxima a suas casas e seguiam juntos até a Peixoto Gomide nas noites de sábado. Ambos passavam a compor a *Augusta* desde as 22 horas e permaneciam neste espaço até as 4 horas de domingo, quando então seguiam juntos ao metrô Consolação.

Adriano e Sônia permaneciam quase sempre juntos na *Augusta*, mas em uma das noites de sábado eles se separaram um do outro a fim de que interagissem com outras pessoas. Nessa ocasião Adriano perguntou a Sônia se ela não temia ficar sem sua proteção. Ela, com uma garrafa de cerveja na mão, respondeu: *Você não percebeu que eu tenho uma garrafa de vidro comigo?*

A possibilidade de sofrer agressões físicas estava na ordem de preocupações de meus interlocutores nos espaços que compunham, inclusive na *Augusta*. Os adolescentes e jovens que eu acompanhei mediante trabalho de campo então se organizavam para buscar proteção frente a situações de tensão e conflito, sendo que tal postura marcava o modo como eles coproduziam esse espaço.

2.3. Tatuapé são muitos

Algo comum nos espaços onde realizei trabalho de campo eram os modos pelos quais meus interlocutores experimentavam distintos modos de apresentação de si e diferentes estilos corporais.

Outro aspecto comum nesses espaços diz respeito à intensidade da violência que as pessoas poderiam tanto promover quanto sofrer. Durante o trabalho de campo pude identificar diversas ações em represália aos adolescentes e jovens que acompanhei, mas a margem de ocorrência de tais ações e seus impactos dependia dos atores que compunham cada espaço e das políticas de segurança em cada contexto.

Considerando os espaços em questão na pesquisa, um dos que talvez fossem menos assistidos por políticas de segurança e onde o contato entre distintos atores fosse possivelmente mais conflituoso era denominado por meus interlocutores como *Tatuapé*. Esse espaço emergia nas noites de sexta-feira a partir da Praça Coronel Sandoval de Figueiredo, no Tatuapé (zona leste de São Paulo).

A Praça Coronel Sandoval de Figueiredo tem formato retangular, sendo margeada por uma rua e simultaneamente dividida ao meio por outra rua. Isso faz com que a praça corresponda a dois grandes retângulos: em um deles há alguns pontos de ônibus e as pessoas que ali se posicionam geralmente aguardam a saída de algum veículo de transporte público; no outro retângulo não há pontos de ônibus ou demais elementos em sua estrutura que dificultem a aglomeração e trânsito de pessoas. O *Tatuapé* emerge especificamente no segundo retângulo.

A maioria dos edifícios situados imediatamente à frente da Praça Coronel Sandoval de Figueiredo são estabelecimentos comerciais e, além destes, há algumas residências. É praxe que às 18 horas dos dias de semana quase todos os estabelecimentos comerciais encerrem seu expediente e fechem suas portas, sendo que apenas os bares e lanchonetes continuam abertos. Com o encerramento das atividades das demais lojas o trânsito de pessoas pela praça diminui.

Na sexta-feira a partir das 19 horas, contudo, diversas pessoas ocupavam a Praça Coronel Sandoval de Figueiredo. Em um intervalo de duas horas, o logradouro público era preenchido por centenas de pessoas. Essa ocupação ocorria no perímetro de um dos retângulos e transbordava às ruas que o cercavam.

A aglomeração do *Tatuapé* era desfeita aproximadamente às 23 horas. A partir daí muitas pessoas se deslocavam da praça, sendo que parte considerável destas seguiam rumo às estações de metrô e trem Tatuapé – localizadas a uma quadra da Praça Coronel Sandoval de Figueiredo. À meia noite, poucas pessoas continuavam no retângulo antes ocupado por centenas, sendo que um número ainda menor de pessoas passava a madrugada por ali.

Havia grande heterogeneidade dentre os atores que compunham o *Tatuapé* a cada sexta-feira, sendo que estes disputavam uma praça relativamente pequena (em comparação ao Largo do Arouche, a título de exemplo⁵⁵).

⁵⁵ Conforme indicado nos mapas do *Tatuapé* e da *Vieira*, a área do primeiro espaço chega a 2.255 m² enquanto a área do segundo espaço alcança 3.157 m².

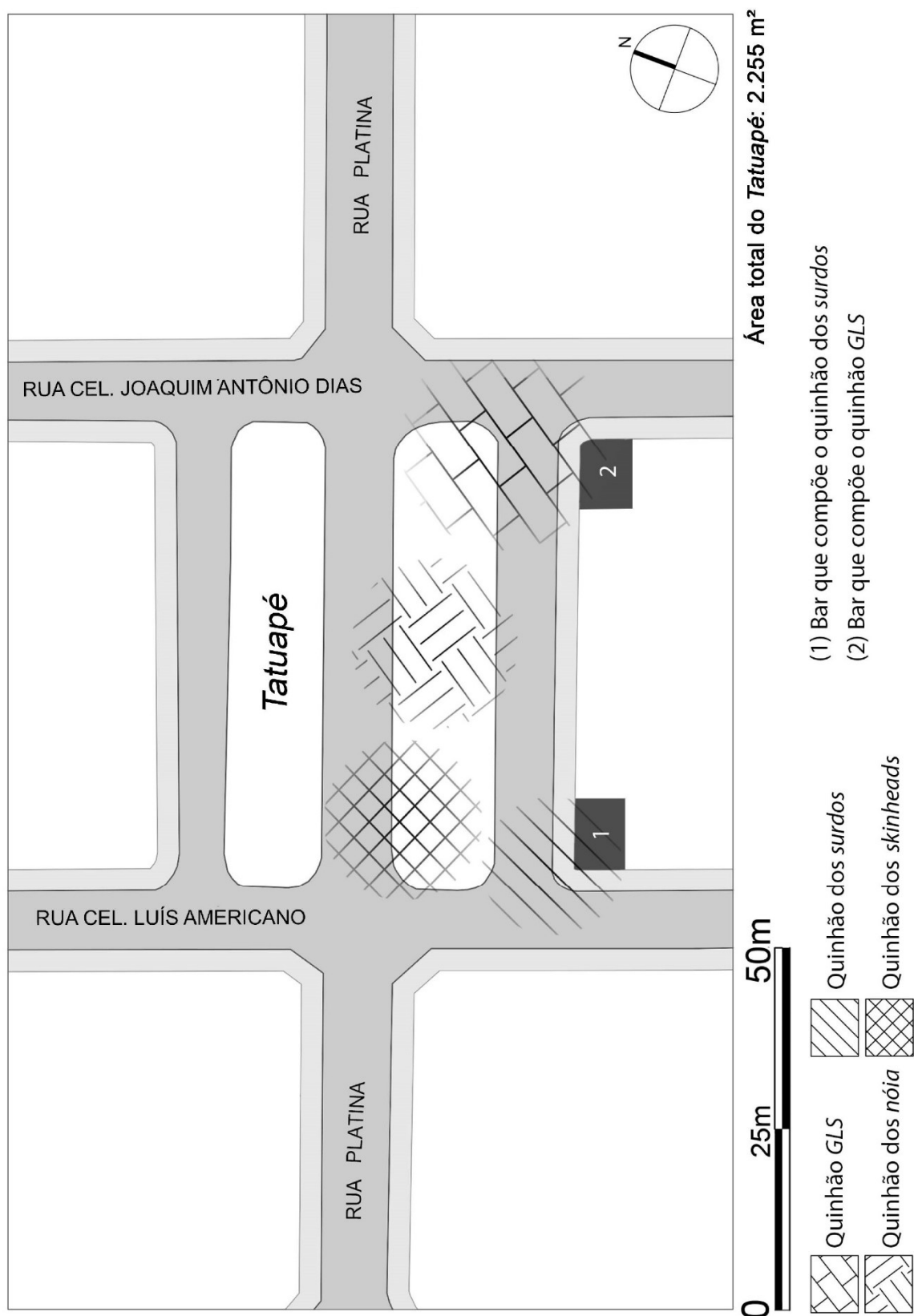


Imagem 7. Tatuapé. Imagem elaborada em parceria com o bacharelado em Arquitetura e Urbanismo Kelvin Castro a partir de minha etnografia e dados do Mapa Digital da Cidade de São Paulo.

Emergiam nesse espaço alguns quinhões e cada um deles apresentava fronteiras menos porosas que talvez pudessem apresentar os quinhões da *Augusta*. A atenção aos quinhões e suas fronteiras tornava-se importante às pessoas que coelaboravam o *Tatuapé*, inclusive para que soubessem em que regiões da praça poderiam se posicionar e que trânsitos eram possíveis neste logradouro público nas noites de sexta-feira.

O quinhão *GLS* era coproduzido por dezenas de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais e, dentre estes, meus interlocutores. Esse quinhão emergia em uma região que envolve uma das esquinas da praça, o Bar Vermelho (na faixa da calçada em frente a esta esquina) e, ainda, o trecho de rua entre a esquina e o bar.

O Bar Vermelho era aberto diariamente, exceto aos domingos, e seu expediente seguia das 18 horas à meia-noite, o que coincidia com o momento de emergência do *Tatuapé*. Nesse estabelecimento comercial trabalhavam quatro mulheres que se apresentavam como *lésbicas*, sendo este destaque importante para que se observe o tipo de atenção que elas ofereciam às pessoas que compunham o quinhão *GLS*.

As funcionárias do bar auxiliavam na divulgação de *festas gays* e decoravam o bar com cartazes e faixas que aludiam positivamente à homossexualidade, incluindo uma Bandeira do Orgulho.

Havia um constante fluxo de pessoas entre o Bar Vermelho e a Praça Coronel Sandoval de Figueiredo. Era possível que bebidas ou alimentos fossem consumidos nas mesas dispostas dentro do estabelecimento comercial ou no trecho da calçada contígua a ele. Contudo, sentar à mesa do bar naquele contexto, naquele dia e naquele horário permitiria uma associação entre a pessoa e o quinhão *GLS*. Muitas pessoas compravam bebidas no bar, contudo, apenas aquelas que desejavam ou não importavam com o vínculo contextual ao *GLS* as consumiam ali.

O *GLS* era um dos maiores quinhões do *Tatuapé* em número de pessoas. As dezenas de adolescentes e jovens entre a esquina da praça e o bar perfaziam um aglomerado que causava impactos no trânsito pela rua que margeia a Coronel Sandoval de Figueiredo, tornando-a praticamente intransitável para veículos.

O quinhão *Skinhead* congregava um grupo heterogêneo de dezenas de pessoas, tais como homens que ali se encontravam para conversar escutando músicas a partir de autofalantes de carros estacionados na rua que cortava os dois retângulos da praça. Nesse quinhão também havia pessoas que adotavam estilo corporal cujas peças de roupa tinham tons predominantemente escuros ou pretos. Ainda que nesse quinhão houvesse certa heterogeneidade, no *Skinhead* as pessoas do *GLS* não eram acolhidas.

Aqueles que compunham o *GLS* em geral não compunham o *Skinhead* e cada um desses quinhões emergia em esquinas diametralmente opostas na praça. Um dos contrastes mais evidentes produzidos na relação entre esses dois quinhões diz respeito à possibilidade de demonstração de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Assim como me afirmou um de meus interlocutores do *GLS*, no *Skinhead* não era possível que dois homens trocassem sequer beijos no rosto⁵⁶. O mesmo interlocutor sinalizou que no *GLS* esse tipo de demonstração de afeto era possível e geralmente ocorria.

O quinhão *Surdos* era coproduzido por dezenas de deficientes auditivos que se concentravam em uma das esquinas da Coronel Sandoval de Figueiredo. As pessoas nesse quinhão não ofereciam ameaças a meus interlocutores ou tampouco lhes auxiliavam diretamente, mas eram alguns dos atores que disputavam um dos retângulos da praça nas noites de sexta-feira.

O quinhão *Noia* emergia no centro desse retângulo da praça e era composto por jovens que comercializavam psicoativos ilícitos e também por quem os consumia. Esse quinhão era um ponto de repouso para aqueles que vendiam esse tipo de produto, visto que ocasionalmente eles também transitavam pelo *Tatuapé* oferecendo haxixe, maconha e cocaína.

Aqueles que compunham o *Noia* não formavam um aglomerado denso com muitas pessoas. Cerca de vinte pessoas se distribuíam nesse quinhão, que era delimitado pelo *GLS*, pelo *Skinhead* e pelo *Surdo*. Muitas pessoas evitavam transitar pelo *Noia*, pois nesse quinhão havia grande possibilidade de que transeuntes fossem assaltados. Durante o trabalho de campo eu presenciei assaltos no quinhão *Noia*.

As disputas e segregações espaciais realizadas por esses atores na Praça Coronel Sandoval de Figueiredo faziam com que o *Tatuapé* não fosse apenas um, mas vários.

Os adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais, os jovens que vendiam psicoativos ilícitos e as pessoas vinculadas a estabelecimentos comerciais eram alguns dos atores que também estavam presentes na *Vieira* e na *Augusta*.

Vários de meus interlocutores compunham o *Tatuapé* cientes da possibilidade de serem assaltados, tendo em vista que tais situações eram recorrentes neste espaço (e não apenas no quinhão *Noia*). Ocasionalmente também havia arrastões, ou seja, assaltos simultâneos promovidos por um grupo de pessoas sobre outras pessoas.

⁵⁶ Cabe destacar que não apenas no *Skinhead*, mas demonstração de afeto entre pessoas do mesmo sexo em diferentes quinhões do *Tatuapé* para além dos limites do *GLS* podia ser arriscado. O risco correspondia às represálias em função das demonstrações de afeto de adolescentes e jovens tais como meus interlocutores.

A Polícia Militar comparecia ao *Tatuapé* geralmente quando havia alguma solicitação por conta de roubos ou outras infrações que ocorriam neste espaço. Não havia, contudo, uma ação preventiva de agentes de segurança pública tendo em vista esses tipos de ocorrências. Distinto do que se passava na *Vieira*, no *Tatuapé* não constava uma base da Polícia Militar ou uma base da Guarda Civil Metropolitana.



Imagem 8. A Praça Coronel Sandoval de Figueiredo e o *Tatuapé*. A primeira na foto acima; na foto abaixo, o segundo. Fonte das imagens: fotografias de minha autoria para o acervo da pesquisa.

Em função dos inúmeros assaltos e arrastões, principalmente os que ocorriam no quinhão *GLS*, as funcionárias do Bar Vermelho tentaram solicitar reforço de segurança pública. Essa era uma iniciativa para que fosse garantida a manutenção do fluxo de clientes do bar, visto que em função dos assaltos e arrastões ocorria uma progressiva diminuição de consumidores desse estabelecimento comercial.

Durante a realização de meu trabalho de campo houve um período de alguns meses em que agentes do Corpo de Bombeiros Militares passaram compor o *Tatuapé*. Compareciam ocasionalmente um conjunto de dois a seis agentes às sextas-feiras e eles não dispunham de viaturas. Quando compunham o espaço, os bombeiros se posicionavam em duas das extremidades do retângulo onde ocorria a grande aglomeração de pessoas. Contudo, mesmo quando esses agentes estavam presentes não identifiquei mudanças nas dinâmicas relativas a assaltos e arrastões no *Tatuapé*.

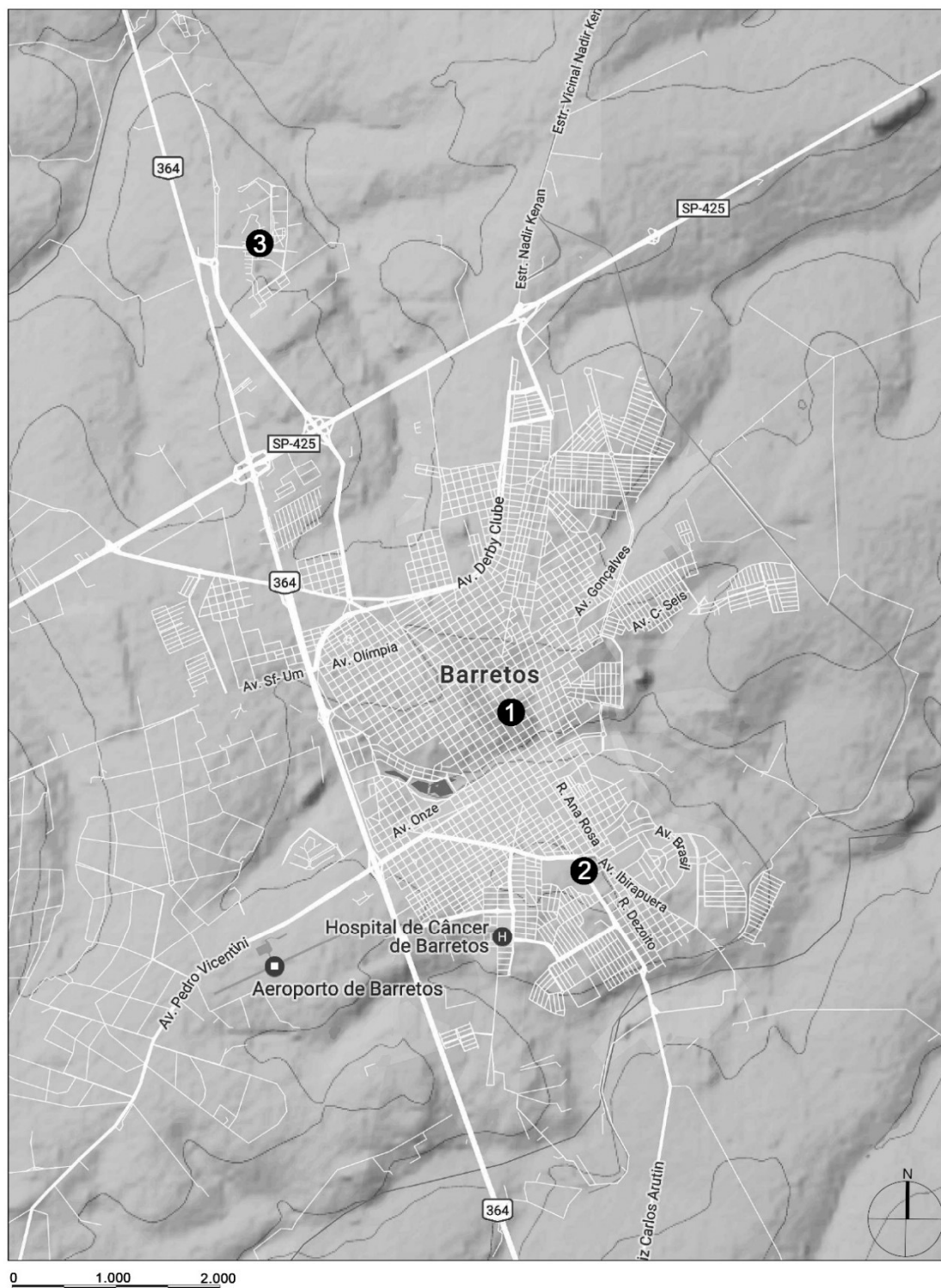
Situações como assaltos e arrastões, além de represálias a demonstrações de afeto a pessoas do mesmo sexo eram algumas das situações que faziam com que alguns adolescentes e jovens que eu acompanhava evitassem o *Tatuapé*. Ainda assim havia interlocutores que compunham esse espaço semanalmente porque nele tinham chance de experimentar paquera e constituição de redes de amizades.

2.4. Uma praça central

O trabalho de campo que realizei em Barretos me permitiu identificar diferentes modos, condições e implicações para a produção de espaços.

Além das diferenças que eu havia percebido entre a *Vieira*, a *Augusta* e o *Tatuapé*, o que pude observar em Barretos estimulou que eu atentasse a outros contextos e atores sociais na reflexão sobre a constituição mútua entre espaços, relações e pessoas. A fim de discuti-lo, destaco situações que observei a partir da Praça Francisco Barreto.

Esse logradouro público é localizado no Centro de Barretos, sendo um ponto de passagem privilegiado entre distintas regiões da cidade. Nessa praça havia maior circulação de pessoas, melhor iluminação e maior presença de agentes de segurança pública em relação às ruas e demais praças na região central. Ali constavam pontos de ônibus e pontos de táxi, além de alguns quiosques que comercializavam comidas e bebidas e seguiam abertos de madrugada.



- (1) Praça Francisco Barreto
- (2) North Shopping Barretos
- (3) Parque do Peão.

Imagem 9. Mapa da cidade de Barretos. Imagem elaborada em parceria com o bacharelado em Arquitetura e Urbanismo Kelvin Castro a partir de minha etnografia e dados do Google Maps.

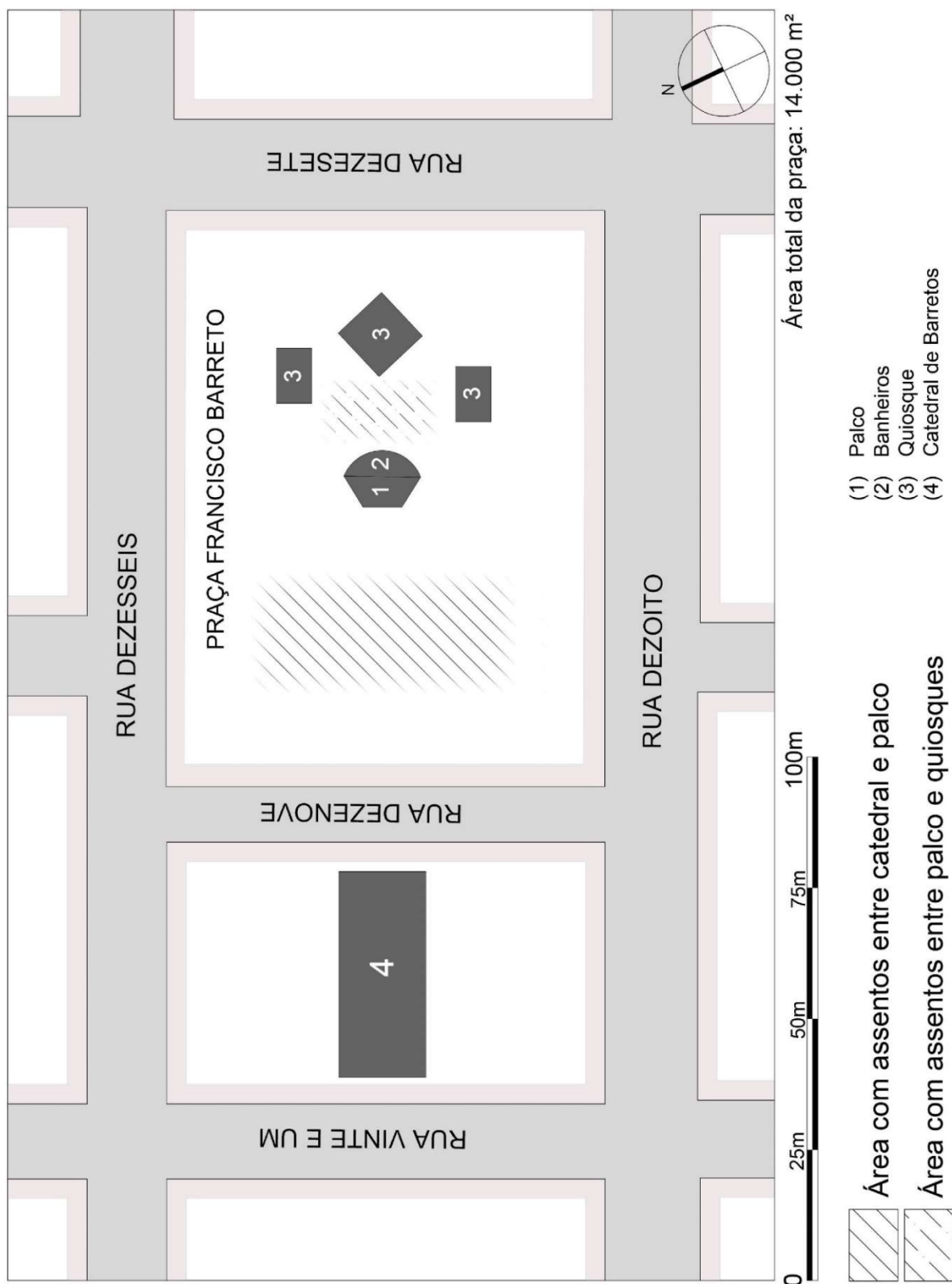


Imagem 10. Praça Francisco Barreto. Imagem elaborada em parceria com o bacharelado em Arquitetura e Urbanismo Kelvin Castro a partir de minha etnografia e dados do Google Maps.

Na Francisco Barreto havia um dos poucos banheiros públicos ainda em atividade na cidade; os bancos de madeira em pontos iluminados e não iluminados favoreciam encontros para flerte; e havia também um palco elevado e fixo no centro da praça. Atores sociais diversos compunham a Francisco Barreto, incluindo adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais.

Eu nada sabia sobre a Praça Francisco Barreto antes de realizar o trabalho de campo. Aliás, eu não dispunha de nenhuma informação sobre como, onde e quando encontrar potenciais interlocutores em Barretos. Ainda assim eu passei a realizar viagens a essa cidade a fim de identificar a viabilidade de conduzir a pesquisa a partir dali.

Em minha primeira incursão a campo em Barretos eu fiz uma ligação telefônica para um técnico de saúde desse município que me fora indicado em São Paulo⁵⁷. Nessa ligação eu buscava uma oportunidade de contato a fim de mais informações sobre onde, como e quando eu eventualmente encontraria adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais nessa cidade.

Ao telefone, esse técnico de saúde me encorajou a frequentar a Praça Francisco Barreto. Eu perguntei onde eu deveria me posicionar na praça, mas com um tom um tanto enigmático ele apenas recomendou que comparecesse e observasse.

Eu atendi à sugestão e em uma manhã quente de terça-feira segui à praça e me sentei em um dos quiosques de lanches e bebidas que ali constavam. Cogitei que o técnico de saúde com quem falei tinha se referido ao banheiro público como algo potencialmente interessante à pesquisa, mas em meu primeiro dia de observação na praça ninguém entrava ou saía dos sanitários.

Não tardou para que seis pessoas que caminhavam juntas se sentassem próximas à mesa onde eu estava, de modo que pude notar que conversavam sobre os amantes de um dos homens nesse grupo. Junto àquelas pessoas havia uma que era interpelada como *travesti*, o que me fez cogitar que pessoas com condutas homo ou bissexuais e com distintas expressões de gênero poderiam elaborar espaços de encontro e de convivência nessa praça.

Em outro momento de observação, notei três homens jovens sentados em um dos bancos de madeira na Francisco Barreto. Dois desses jovens estavam encostados um no outro e utilizavam, cada qual, um anel prateado idêntico em suas respectivas mãos

⁵⁷ Ele havia sido sugerido a mim por técnicos da área de saúde que eu conhecia em São Paulo.

direitas. Na possibilidade de ter próximo a mim um casal de homens eu pensei em alguma modalidade de aproximação. Contudo, não sabia como fazê-lo sem ser invasivo.

Aguardei alguns minutos observando de longe os três jovens quando, repentinamente, um homem que passava pela praça se aproximou daquela região dos bancos de madeira e em tom jocoso chamou de *viados* os jovens que portavam anéis.

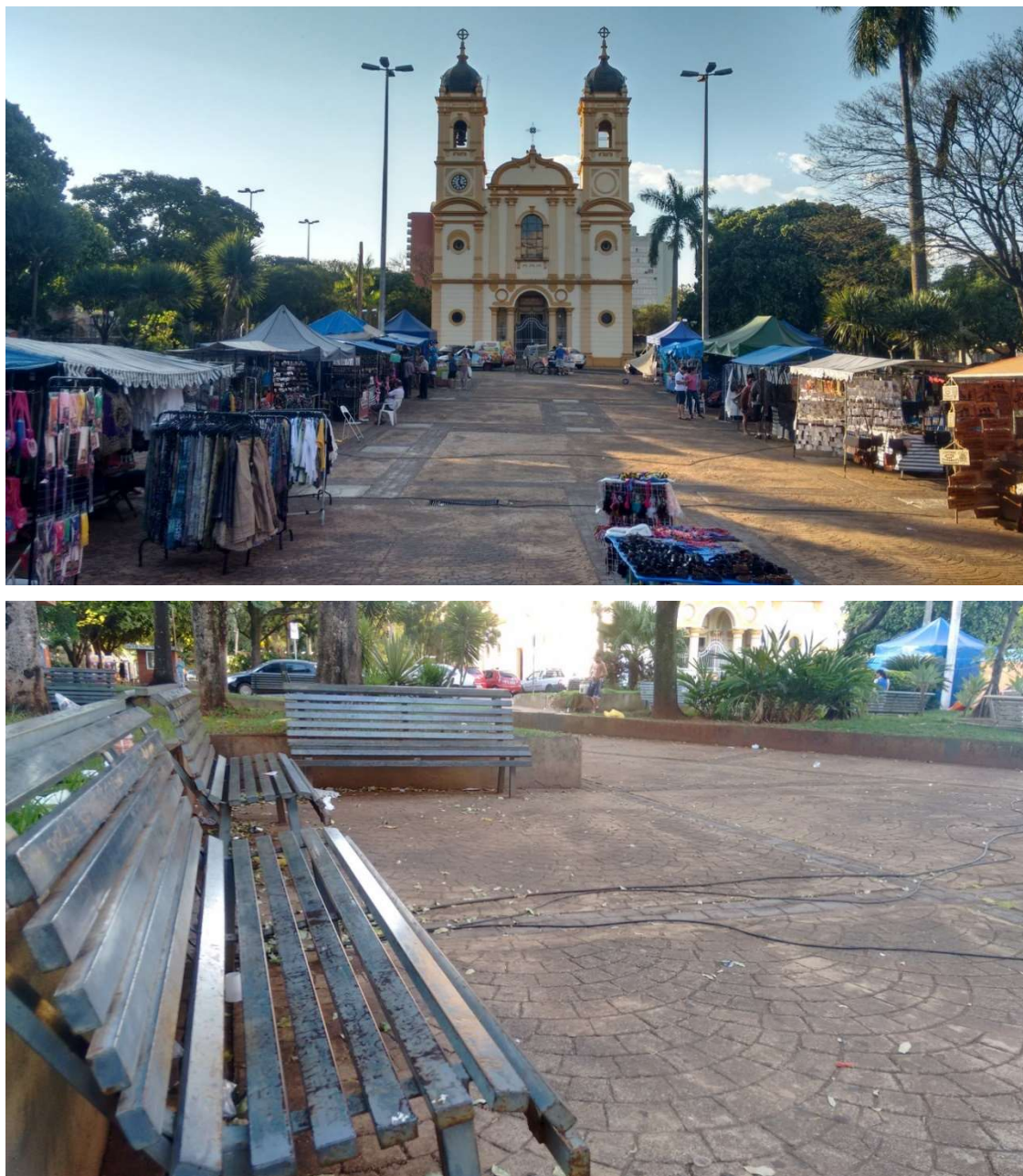


Imagem 11. Detalhes da Praça Francisco Barreto. Na primeira a catedral está em destaque; na foto abaixo, um dos assentos da praça. Fonte das imagens: fotografias de minha autoria para o acervo da pesquisa.

Esse homem seguiu seu caminho e então pude considerar essa situação como mote para uma conversa com os jovens. Eu me aproximei e tomei a iniciativa do diálogo.

Marcelo: *Escuta, eu percebi que aquele homem passou por aqui xingando vocês.*

Lucas: *Sim, ele é muito conhecido aqui na cidade.*

Marcelo: *Mas foi uma situação homofóbica?*

Lucas: *Não, ele só estava brincando.*

Marcelo: *Ah, sim. Pensei que ele estivesse discriminando vocês.*

Lucas: *Não, eu conheço ele.*

Marcelo: *Entendi. Posso me sentar com vocês?*

(Diário de campo em 29/7/2014)

Foi assim que conheci Lucas e Júlio, que se apresentaram como um casal, além de Janos, um amigo do casal. Em nosso diálogo eu indiquei o que me levava a Barretos e sinalizei quais eram meus objetivos com a pesquisa. Naquela ocasião estabeleci contato com jovens que eu encontraria em outras incursões a campo, sendo que, dentre eles, Janos se tornaria um de meus principais interlocutores de pesquisa.

As situações que observei a partir da Francisco Barreto relativas ao grupo de pessoas nos quiosques e ao que se passou com Lucas, Júlio e Janos nos bancos de madeira permitiram-me observar aspectos que eu não identificara no trabalho de campo em São Paulo.

Os encontros entre pessoas que se apresentavam ou eram identificadas por terceiros como *gays* compunham espaços que emergiam sem que houvesse periodicidade e horários específicos. Trata-se então de um primeiro contraponto ao que observei na *Augusta*, que emergia entre noites de sábado e madrugadas de domingo, por exemplo.

Na Francisco Barreto os encontros eram geralmente menos duradouros em relação ao que observei na *Vieira*, por exemplo, cujos encontros duravam algumas horas entre tardes e noites de domingos.

Os encontros de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais nessa praça geralmente agregavam duplas, trios ou grupos ligeiramente mais numerosos de pessoas. Esse então é outro contraste frente ao que observei na *Augusta* e na *Vieira*, por exemplo, visto que nestes espaços pessoas se aglomeravam às centenas.

Outra diferença entre os espaços onde realizei trabalho de campo está relacionada ao modo como as pessoas e suas demonstrações de afeto se tornavam visíveis em cada contexto: dois homens na Praça Francisco Barreto sentados rentes um ao outro com anéis idênticos podiam ser bastante notáveis, assim como dezenas de casais se beijando na *Vieira* ou na *Augusta*.

A observação acima é fundamental para a reflexão que pude desenvolver mediante trabalho de campo em São Paulo e em Barretos. O que está em questão nesta tese não são apenas diferenças de escala, mas como diferentes escalas produzem diferentes regimes de visibilidade⁵⁸. Nos capítulos seguintes eu me ateno a essa reflexão a partir do destaque à produção de relações e à produção de pessoas.

Outra reflexão importante relativa ao trabalho de campo a partir das duas cidades em questão corresponde à observação dos modos pelos quais encontros geram espaços. Esse é um contraponto fundamental que meu trabalho de campo demandou que eu considerasse em relação a outros estudos socioantropológicos preocupados em refletir sobre espaços de sociabilidade.

Tendo em vista o levantamento realizado por Facchini, França e Braz (2014), há nas Ciências Sociais brasileiras um grande número de trabalhos que tematizam espaços de sociabilidade. Um desses estudos é minha própria dissertação de mestrado, na qual pensei sobre sociabilidade de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais⁵⁹.

O que identifiquei junto a interlocutores em minha pesquisa de doutorado me orientou a considerar diferentes modos pelos quais pessoas e relações fazem emergir espaços. Sendo assim, em lugar de espaços de sociabilidade, nesta tese aposto em uma perspectiva que me permite observar relações produzindo espaços, que, por conseguinte, devem ser entendidos como abertos e em contínua transformação (MASSEY, 2004).

2.5. Epílogo

Neste capítulo pude identificar como os espaços a partir dos quais realizei trabalho de campo eram produzidos por meio de encontros entre distintos atores, pelo modo como tais atores se relacionavam entre si e as maneiras pelas quais eles se relacionavam com cada um dos logradouros públicos em destaque.

Mediante situações apreendidas no Largo do Arouche, na Praça Coronel Sandoval de Figueiredo, na Rua Peixoto Gomide e na Praça Francisco Barreto pude identificar meus interlocutores como alguns dos atores que intervinham e tinham experiências

⁵⁸ Agradeço a Roberto Marques pelo destaque a essa questão no momento em que realizava sua arguição na banca de defesa de minha tese de doutorado.

⁵⁹ Naquela ocasião me parecia pertinente refletir sobre espaços de sociabilidade (PERILO, 2014). Essa outra abordagem em relação a espaço faz com que a análise que realizo em minha tese de doutorado seja um dos principais elementos que a distinguem da análise que realizei em minha dissertação de mestrado.

diversas a partir de cada um destes logradouros, fazendo ocasionar então o surgimento da *Vieira*, do *Tatuapé*, da *Augusta* ou da Praça Francisco Barreto.

A ocupação periódica de logradouros públicos implicava na emergência contingencial e temporária de espaços a depender dos atores que os reivindicavam, disputavam e negociavam. Então foi então possível observar que o processo de coprodução de espaços é afetado pelos vínculos entre aqueles que os compõem⁶⁰.

As condições de acesso a logradouros públicos, a presença (ou ausência) de agentes de segurança pública e a capacidade de articulação em redes de proteção e de suporte interferiam diretamente nas oportunidades que meus interlocutores dispunham para coprodução de espaços e, ainda, nas margens de ação que dispunham para seus deslocamentos nos espaços e entre espaços.

Como sinalizei no início do capítulo, os espaços a partir dos quais realizei trabalho de campo não são compostos estrita ou especificamente por pessoas com condutas homo ou bissexuais. Esses espaços são também produzidos por tais pessoas uma vez que neles intervêm e neles estão em contato com outros atores.

Cabe outro destaque a Barretos a fim de demarcar a relevância do trabalho de campo realizado nesta cidade em relação àquele que realizei em São Paulo.

Em sucessivas incursões a campo pude questionar alguns pressupostos relativos a Barretos que interlocutores de pesquisa haviam indicado a mim. Essa cidade sempre me foi narrada como um outro de São Paulo ou como uma espécie de espaço da falta. Ou seja, carência de espaços de encontro, carência de oportunidades, carência de redes e grupos de movimentos sociais e carência de órgãos públicos e políticas específicas para a população LGBT.

Quando passei a realizar incursões a campo em Barretos, tive acesso a outro contexto urbano que não pode ser observado como um espaço da falta. Trata-se de um contexto distinto com suas especificidades.

Uma das principais questões que essa cidade me despertou é um questionamento a uma polaridade pressuposta entre rural versus urbano e, ainda, interior versus capital.

Barretos não deve ser concebida e lida nesta tese como uma oposição a São Paulo ou mesmo como uma espécie de outro constitutivo da capital do estado. A depender do interlocutor de Barretos, nesta cidade tal interlocutor poderia experimentar uma relação

⁶⁰ No próximo capítulo identifico como as relações entre distintos atores sociais são desenhadas mediante a produção dos espaços (LOW; SMITH, 2006).

com o espaço próxima àquela que outros interlocutores tinham em seus bairros ou em seus trânsitos pela região metropolitana de São Paulo.

Outro questionamento que me foi favorecido mediante trabalho de campo corresponde à possibilidade de meus interlocutores viverem em Barretos sem que necessariamente tivessem um projeto de migração para outra cidade em função de sua sexualidade. Ainda que alguns desses interlocutores almejassem se mudar para uma *cidade maior* a fim de buscarem uma espécie de vivência supostamente livre da sexualidade, tal projeto não era uma demanda de todos os meus interlocutores de Barretos⁶¹.

O deslocamento a algumas cidades próximas favorecia a meus interlocutores de Barretos acesso ocasional a boates e bares *GLS*. Havia esse tipo de espaço de encontro e de convivência em Ribeirão Preto ou em São José do Rio Preto, por exemplo. Alguns de meus interlocutores que residiam em Barretos deslocavam-se até essas cidades a fim de experiências diferentes daquelas que poderiam acessar no município onde moravam.

⁶¹ No próximo capítulo apresento alguns interlocutores de Barretos e seus projetos de migração a partir desta cidade.

3. Nas redes dos *xaxos* e *amizades*

O capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens” tem como foco a reflexão sobre coprodução espacial tendo em vista as trajetórias de meus interlocutores, bem como as condições e implicações deste processo em seus trânsitos a partir de São Paulo e de Barretos.

Desenvolvi a reflexão indicada acima tendo como referência a proposição de Doreen Massey (2004) concernente à relação entre espaço, pessoas e relações. Conforme aponta a autora, esses elementos devem ser entendidos como processos que se constituem mutuamente. Ainda que seja necessário considerar em conjunto os elementos destacados por Massey (2004), em cada capítulo desta tese dou ênfase a um destes elementos. Neste capítulo, portanto, minha proposta é analisar um conjunto de relações de meus interlocutores e as implicações de tais relações na produção de espaços e de pessoas.

O destaque a relações se torna algo especialmente potente em minha pesquisa. A depender das relações e dos modos pelos quais elas eram elaboradas, tornavam-se distintas as condições de experimentação de espaços e de trânsitos para os adolescentes e jovens que acompanhei. Uma vez que as relações eram diversas, também eram diversas as condições que meus interlocutores dispunham no processo de coprodução de espaços e de si mesmos.

Além das relações entre meus interlocutores, neste capítulo destaco as relações que estabeleci com meus interlocutores. Considerando que relações de antropólogos são ferramentas de investigação (STRATHERN, 2005), a reflexão sobre meu contato com adolescentes e jovens durante a pesquisa emerge à análise para que eu pense nas implicações da realização do trabalho de campo e, em específico, nas implicações de meu convívio com eles.

A reflexão proposta demandava o desenvolvimento de uma estratégia narrativa pela qual eu pudesse apresentar as relações de meus interlocutores sendo elaboradas em cada situação e, por conseguinte, em funcionamento. Pude desenvolver essa escrita a partir da leitura de James Mitchell (1974), considerando a sugestão do autor para o uso analítico do termo rede a fim da reflexão sobre relações sociais em situações sociais.

O termo rede (incluindo sua flexão de número, redes) corresponde a uma referência potente para a reflexão que busquei realizar. Esse termo alude a uma malha intrincada composta por aqueles que são seus membros e as relações que compõem.

Mediante o termo rede faço destaque a conjuntos de relações que, por conseguinte, remetem a um conjunto de ações.

Considerando rede como parte de meu instrumental analítico, torna-se possível identificar uma estratégia narrativa pertinente ao debate neste capítulo. Então me inspiro na reflexão proposta por John Barnes (2010) sobre a relação entre ação e conexão. Ou seja, a depender das ações em destaque em cada situação é possível identificar a conformação de distintas relações. Não cabe, contudo, considerar ações isoladas, senão conjuntos de ações que então conformam conjuntos de relações (BARNES, 2010).

A estratégia narrativa que desenhei para este capítulo surge a partir de uma articulação possível entre o que Mitchell (1974) e Barnes (2010) sugerem. Apresentarei conjuntos de ações que conformam conjuntos de relações e, assim, terei condições de analisar redes sociais em funcionamento.

Nesse intento busco colocar em destaque os termos êmicos utilizados por meus interlocutores para aludir às relações que constituem e para pensar sobre elas. A atenção a esses termos torna-se especialmente relevante neste capítulo, pois mediante o uso de termos as conexões passam a ter vida social (STRATHERN, 2005).

3.1. Famílias LGBT

Eu iniciei o trabalho de campo de minha pesquisa de doutorado em novembro de 2013 e desde então me tornei uma das pessoas que produziam regularmente a *Vieira*, a *Augusta* e o *Tatuapé* (sobre esses espaços, consultar o capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens”). Mediante incursões a campo em São Paulo, aproximei-me de interlocutores e observei suas relações com outras pessoas que também compunham esses espaços.

Nesse processo pude identificar meus interlocutores em interação com amigos, amantes e familiares; e pude identificar como suas relações alteravam o modo como eles elaboravam espaços e o modo como eles elaboravam trânsitos entre espaços. Sendo assim, alguns meses após o início de meu trabalho de campo pude ter conhecimento sobre uma modalidade de relação distinta daquelas que eu observara.

O que me permitiu observar outra modalidade de relação durante o trabalho de campo foi a divulgação de uma manifestação cujo título era *Ato por justiça no caso Kaique e pela criminalização da homofobia e transfobia*. Esse evento foi organizado em

função da morte de Kaique dos Santos, que tinha 17 anos de idade quando seu corpo fora encontrado com inúmeras lesões em 11 de janeiro de 2014 sob o viaduto 9 de Julho, no Centro de São Paulo.

A causa da morte de Kaique dos Santos motivou intensa especulação por parte de diferentes atores sociais. Algumas pessoas das redes desse adolescente indicaram que o teriam visto pela última vez em uma festa que ocorrera em uma boate localizada no Centro de São Paulo próxima ao local onde seu corpo foi encontrado. A Polícia Civil apresentou a hipótese de suicídio para o caso de Kaique. Por sua vez, *militantes* e organizações relacionadas ao movimento LGBT defenderam que se tratava de um *crime de ódio* motivado por *homofobia*. Esse caso obteve ampla repercussão a partir da cobertura jornalística de diversos veículos de comunicação, como portais de internet e emissoras de televisão.

A manifestação sobre a qual comentei anteriormente estava agendada para 17 de janeiro de 2014 e foi divulgada por vários de meus interlocutores em seus perfis de redes sociais *online*. Esse evento havia sido proposto como um ato público organizado por aqueles *militantes* e organizações que contestavam a hipótese de suicídio de Kaique e que reivindicavam uma investigação policial rigorosa tendo em vista a gravidade do que ocorrera com este jovem⁶².

A manifestação teria como ponto de partida o Largo do Arouche e seria realizada a partir das 18 horas na data mencionada.

Compareci ao ato a fim de realizar trabalho de campo e me solidarizar com alguns interlocutores que estavam bastante mobilizados e abalados por conta do que ocorrera e por conta da repercussão do caso. Nesse processo soube que alguns adolescentes e jovens que eu acompanhei durante o trabalho de campo conviviam com Kaique.

No dia do ato, 17 de janeiro de 2014, havia pessoas concentradas no Largo do Arouche horas antes do início das atividades. Às 18 horas iniciaram-se discursos de *militantes*, gestores públicos, pesquisadores, artistas e interessados em geral que revezavam um microfone reivindicando políticas públicas à população LGBT, sobretudo em relação a segurança pública.

As pessoas concentradas no Largo do Arouche em função do ato saíram em marcha deste logradouro público às 20 horas e seguiram por algumas vias públicas da região central de São Paulo. O ponto final da marcha foi o viaduto 9 de Julho, de onde

⁶² Quando o corpo de Kaique foi recolhido sob o viaduto pela polícia, havia traumatismo craniano, fratura exposta em ao menos uma de suas pernas e vários de seus dentes e dedos estavam quebrados.

Kaique teria sido arremessado. Às 21h30 o ato foi encerrado por sua comissão organizadora, que inclusive orientou o público presente que caminhasse em grupo para que se protegessem de eventuais represálias pelo comparecimento ao evento.



Imagem 12. Concentração do ato em memória de Kaique dos Santos. Imagem registrada no Largo do Arouche. Fonte da imagem: fotografia de minha autoria para o acervo da pesquisa.

Durante o ato soube que Kaique compunha uma rede de adolescentes e jovens denominada Vallentyne Lawiny. Membros dessa rede e de outras similares estavam mobilizados enquanto comissão organizadora do ato em questão e outros tantos que ocorreram posteriormente⁶³. Nessa ocasião eu soube que essa rede correspondia a uma *família LGBT* e soube também que existiam outras redes similares, como as denominadas Stronger e a D'Matthah.

Famílias LGBT correspondem a redes de adolescentes e jovens que, em geral, são pretos ou pardos de estratos populares residentes nas periferias da cidade de São Paulo ou região metropolitana entre os quais predominam condutas homo ou bissexuais. Esses adolescentes e jovens não têm vínculo por consanguinidade e não coabitam, mas mantêm distintos tipos de vínculos entre si mediante alguma afinidade.

⁶³ A investigação seguiu com intensa cobertura da imprensa. Contudo, algumas semanas após a morte de Kaique, sua mãe admitiu a tese da Polícia Civil que indicava que este jovem havia se suicidado. Após esse episódio pouco foi noticiado sobre a morte de Kaique, mas outras manifestações foram realizadas por quem defendia que ele fora assassinado.

Essas redes têm ao menos um fundador, que é denominado *pai* (caso se entenda homem) ou *mãe* (caso se entenda mulher). Geralmente os fundadores das *famílias* criam e implementam as orientações que regem a convivência de seus *filhos* ou *filhas*. Há *famílias* que admitem a existência de mais de um *pai* ou *mãe* simultaneamente mesmo que estes não tenham sido fundadores de tais redes.

Esses termos referentes às *famílias*, tais como *pai* e *mãe*, indicam vínculos entre membros de tais redes e devem ser entendidos contextualmente. Uma mesma pessoa pode ser *pai* em uma dessas redes e *filho* em outra, por exemplo. A hierarquia indicada pelas relações *pai/filho*, *tio/sobrinho* e *avô/neto* não tem relação com idade cronológica, senão com diferentes critérios elegidos em cada *família* para indicação de quais pessoas e quais relações são possíveis (PERILO; PUCCINELLI, 2017, s/p).

Um *avô* pode ter a mesma idade que seu *neto* enquanto um *filho* pode ser mais velho que sua *mãe*. Em algumas *famílias* há possibilidade de que alguém se torne *pai* caso possa proteger outros membros, inclusive em confrontos físicos. Em outras dessas redes há quem possa se tornar *pai* caso seja assíduo em encontros e bem-relacionado junto a outros membros.

O termo *família* foi utilizado de maneira recorrente por meus interlocutores no período em que realizei trabalho de campo, mas observei que outros termos ocasionalmente eram utilizados para alusão a essas redes. As pessoas com alguma afinidade ou vínculo com o movimento LGBT (referente a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) utilizavam o termo *família LGBT*.

Havia quem utilizasse *família GLS* e havia também quem utilizasse *família da noite*, sendo que a alusão à noite diz respeito a redes de pessoas que interagiriam principalmente no período noturno, ou seja, em momentos em que estariam alheios a compromissos relativos a trabalhos e estudos.

Há distintas *famílias* e entre elas há diferenças em relação ao número de pessoas que as compõem, às regras que orientam o ingresso, permanência e saída de membros, às modalidades de organização e gestão e, ainda, atividades que seus membros realizam conjuntamente. Contudo, parece ser comum a todas as *famílias* que seus membros ofereçam proteção uns aos outros.

O indicativo das *famílias* como referencial de proteção também foi observado por Eros Sester e Maria Eugênia Calixto (2012) em um artigo escrito a partir de trabalho de campo que realizaram no Largo do Arouche. Como indicam os autores, essas redes

“serviriam especialmente como garantia de proteção a possíveis agressões sofridas pelos membros” (SESTER; CALIXTO, 2012, p. 8).

Cada *família* elege um nome cuja referência de escolha marca sua criação, bem como o pertencimento dos membros dessas redes. O *pai* da *família* D’Matthah, por exemplo, desejava um nome que não existisse e que remetesse apenas a esta rede quando alguém buscasse por tal termo no Google.

O ingresso de membros em *famílias* é denominado *adoção*⁶⁴. Quando alguém é *adotado* como membro de uma *família* passa a contar com o suporte de dezenas ou centenas de pessoas. Isso pode diminuir ou intensificar tensões nos espaços de encontro e de convivência e nos trânsitos desses adolescentes e jovens pela cidade.

A permanência em apenas uma *família* se apresentou como mais recorrente nas trajetórias de meus interlocutores, mas não era incomum que algumas pessoas saíssem de uma *família* para ingressar em outras e, ainda, que estivessem vinculadas a mais de uma destas redes. Quando alguém transitava entre *famílias* ou tinha vínculo a mais de uma destas redes, não raro havia conflito.

Os conflitos relativos aos adolescentes e jovens com múltiplos pertencimentos a *famílias* geralmente ocorriam em função de divergências entre as redes das quais eram membros. Uma das *famílias* em que estivessem vinculados poderia ser favorável ao consumo de bebidas alcoólicas enquanto a outra poderia restringir o consumo destas bebidas, por exemplo. Os conflitos relativos à transição de adolescentes e jovens entre uma *família* e outra geralmente ocorriam quando estas redes não eram informadas ou não reconheciam as mudanças de vínculo de seus membros.

As *famílias* se reuniam em distintos espaços em São Paulo, contudo, o Largo do Arouche merece destaque. Os membros das *famílias* eram muitos daqueles que compunham a *Vieira* a partir do logradouro público em questão.

Diversas *famílias* surgiram na *Vieira* e, além disso, vários membros dessas redes tinham tal espaço como um dos principais a que recorriam em seus trânsitos pela cidade. Na *Vieira*, portanto, muitas dessas redes eram produzidas, reforçadas e mantidas.

Dentre as *famílias* com as quais pude estabelecer contato mais próximo a partir da *Vieira*, duas delas parecem sinalizar diferentes referências para organização e, ainda, para o estímulo ao encontro e à convivência entre os membros de tais redes.

⁶⁴ Discuto sobre *adoção* nas *famílias* LGBT na seção "Bloco na rua" do capítulo "Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*".

A primeira delas é a *família* Vallentyne Lawiny, com dez anos de existência e cujo fundador e *pai*, bem como seus *filhos*, estavam em contato geralmente em festas ou nos encontros na *Vieira*. As regras da Vallentyne Lawiny eram transmitidas oralmente por seu *pai*, Samuel, e dentre outras coisas indicavam que o consumo de drogas por seus membros era expressamente proibido. Outra regra indicava que os membros dessa *família* não poderiam participar de outras *famílias*.

A essas regras existiam exceções. Cabia necessariamente a Samuel avaliar o que deveria ser feito se e quando seus *filhos* infringissem as referências para a convivência entre os membros dessa *família*. Caso os membros da Vallentyne Lawiny desejassem fundar outras *famílias*, por exemplo, Samuel deveria avaliar se apoiaria tal iniciativa.

Havia uma *mãe* na Vallentyne Lawiny, a Fernanda, mas ela não comparecia aos encontros da *família* na mesma frequência que Samuel. Ademais, havia alguns *tios*, cuja função era substituir o *pai* em caso de ausência em alguma atividade da *família*.

A Vallentyne Lawiny tinha um *bonde*, ou seja, um grupo de adolescentes e jovens que ensaiavam coreografias ao som de músicas estilo *funk*. Esse *bonde* ocasionalmente fazia apresentações em boates, o que permitia que seus membros ganhassem ampla visibilidade nesse tipo de evento.

A *família* D'Matthah, por sua vez, com doze anos de existência e cerca de 230 membros, tinha características próximas às da Vallentyne Lawiny no que se refere à ênfase nos encontros na *Vieira* e em boates como forma de reforçar os vínculos entre seus membros. Contudo, há alguns anos houve uma mudança nessa *família*, o que fez com que ela se comprometesse com a formação política de seus membros e retirasse o foco do investimento em encontros em contexto de lazer.

A D'Matthah realizava um acompanhamento cotidiano de seus membros, o que incluía a observação de suas trajetórias escolares e, ainda, intermediação de conflitos entre adolescentes e jovens e seus responsáveis legais. Com relação à formação política, a *família* se diferenciava de outras destas redes por conta de estimular que seus membros passassem por capacitações relacionadas a temas como orientação sexual, identidade de gênero, história do movimento LGBT, legislação e políticas públicas com foco na população LGBT e doenças sexualmente transmissíveis.

Também caracterizava a D'Matthah a relação com a *militância*, visto o envolvimento de vários de seus membros junto a organizações não governamentais ou ações relacionadas a combate à *homofobia* e promoção de direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Cabe mencionar que a D'Matthah não era gerida

apenas por Carlos, seu *pai* e fundador, pois havia distintos conselhos que faziam gestão da *família*. A atuação desses conselhos era fundamentada em um código escrito por eles intitulado *Regra D'Matthah*.

3.1.1. Os caminhos dos *rolês*

Rodrigo residia em Itaquaquecetuba, cidade que compõe a região metropolitana de São Paulo. Ele geralmente trajava bermuda, camisa gola polo e tênis quando estava alheio a compromissos relativos a trabalhos e estudos. Convivi com esse interlocutor mediante trabalho de campo quando ele tinha vinte anos de idade e trabalhava como organizador de festas e eventos, especialmente *baladas GLS*.

Até meados de 2013, Rodrigo não se deslocava para muitos espaços que não fossem relacionados ao seu trabalho. As festas e eventos lhe tomavam bastante tempo, inclusive aos finais de semana. Contudo, um convite de Samuel, o *pai* da Vallentyne Lawiny, favoreceu que o cotidiano de Rodrigo fosse alterado.

Samuel e Rodrigo não se conheciam. Contudo, em 2013 Samuel observou no Facebook uma série de mensagens ofensivas entre Rodrigo e outro jovem. Esse outro jovem era assíduo na *Vieira* e era um desafeto de Samuel. Mediante observação dessas mensagens ofensivas no Facebook, Samuel constatou que ele e Rodrigo tinham um desafeto em comum. A partir dessa situação, Samuel entrou em contato com Rodrigo a fim de lhe convidar para a Vallentyne Lawiny. Esse convite foi prontamente aceito.

A situação que motivou o convite para que Rodrigo ingressasse à *família* permite identificar que a proteção e o suporte oferecidos por esse tipo de rede não estão relacionados apenas a interações presenciais, mas a interações *online*. Uma vez participante da Vallentyne Lawiny, Rodrigo passou a contar com a proteção dos membros da *família* tanto na *Vieira* quanto no Facebook.

O pertencimento à *família* ocasionou uma modificação no cotidiano de Rodrigo, sobretudo no que se refere a seus trânsitos pela região metropolitana. Ainda que entre sua casa em Itaquaquecetuba e o Largo do Arouche em São Paulo lhe fossem demandadas ao menos duas horas de deslocamento espacial por meio de metrô, trem e ônibus, Rodrigo tornou-se assíduo na *Vieira* e passou a coelaborar outros espaços na companhia de outros membros da *família*.

Assim como Rodrigo, outros integrantes da Vallentyne Lawiny podiam vivenciar cotidianamente o suporte e a proteção oferecidos por esta *família*, o que implica tanto na

ampliação de seus trânsitos pela região metropolitana de São Paulo quanto na diversificação de atividades que poderiam realizar conjuntamente.

Em janeiro de 2014 observei outra situação que me permitiu observar algumas das implicações do pertencimento à Vallentyne Lawiny. Nesse período, Samuel me convidou para uma festa em que muitos dos membros dessa *família* compareceriam e que ocorreria na boate Kosowo⁶⁵, em Itaquaquecetuba. Acatei o convite e avisei a Samuel que estaria com a *família* na festa.

O que importa destacar em relação a essa atividade é a estratégia adotada pela Vallentyne Lawiny a fim do deslocamento espacial de seus membros para irem à *balada* e, ainda, para seu retorno após encerramento da festa. A orientação oferecida por Samuel era que os membros da *família* que desejassem ir à festa o fizessem de trem, de modo que todos se encontrassem no mesmo vagão para conformarem um grupo. O *pai* e alguns *tios* da Vallentyne Lawiny estariam presentes nesse vagão de trem desde a primeira estação da linha correspondente ao caminho para a *balada*.

Esse plano foi executado sob atenta organização de Samuel, que se comunicava com seus *filhos* utilizando celular. A cada parada no itinerário do trem outros membros da *família* entravam em um vagão específico onde estavam presentes o *pai* e seus *filhos*. Quando chegamos à estação mais próxima à boate éramos dez pessoas no vagão. Depois que saímos do trem nos encontramos com outros vinte membros da *família* que aguardavam para agregarem ao grupo e, então, seguirem juntos à *balada*.

A festa seguiu por toda a madrugada e ainda antes do amanhecer os membros da Vallentyne Lawiny se organizaram para saírem da balada e seguirem novamente juntos rumo à estação de trem mais próxima. Eu também acompanhei a *família* nesse momento, sendo que partimos da boate por volta das 4h30 em um grupo de cerca de vinte pessoas.

Quando chegamos à estação de trem, cerca de quatro jovens que perceberam nossa movimentação nos chamaram de *viados* utilizando tom jocoso. Artur, um dos *tios* da Vallentyne Lawiny interpelou esses jovens de maneira questionar a ofensa proferida à *família*. Após troca de ofensas verbais, não tardou para que os membros da Vallentyne Lawiny presentes passassem a correr atrás daqueles jovens que, por conseguinte, saíram em fuga.

Depois de alguns segundos de corrida intensa, os quatro jovens pararam para arremessar em nossa direção algumas pedras que encontraram no caminho, mas até onde

⁶⁵ Zelando pelo sigilo a meus interlocutores, menciono nesta tese um nome que não corresponde àquele utilizado pelo estabelecimento comercial em questão.

pude ver nada alcançou nosso grupo. Rapidamente alguns membros da *família* passaram também a arremessar pedras sobre aqueles jovens, que continuaram correndo. Com o distanciamento do grupo que nos havia ofendido os membros da *família* interromperam a perseguição e então todos finalmente entramos na estação, onde cada um tomou o trem correspondente a seu destino.

Esse caso da Vallentyne Lawiny sinaliza mudanças que as *famílias* ocasionaram nos trânsitos de meus interlocutores por São Paulo. Um primeiro aspecto a ser destacado diz respeito à possibilidade de proteção que essas redes poderiam oferecer a adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais frente a eventuais represálias por conta de suas expressões de gênero e por conta de suas demonstrações de afeto junto a outras pessoas do mesmo sexo.

Outro elemento diretamente relacionado a esse destacado acima diz respeito à ampliação e à diversificação dos trânsitos de meus interlocutores. As *famílias* favoreciam e estimulavam que seus membros comparecessem a atividades em distintas regiões da cidade e de sua região metropolitana. Ainda que a *Vieira* fosse um ponto de encontro importante entre aqueles que compunham as *famílias*, os membros destas redes teriam chance de ousar na busca por expansão de seus itinerários por São Paulo tendo em vista que poderiam contar com a proteção e o suporte de várias pessoas.

3.1.2. Luto em *família*

As *famílias LGBT* ocorriam nas vidas de meus interlocutores em paralelo a outras redes de pessoas, como aquelas compostas por seus genitores e/ou responsáveis legais. A fim de diferenciar e nomear essas redes considerando a reflexão que desenvolvo neste capítulo, utilizo um recurso elaborado por Kate Weston.

A partir de um trabalho de campo realizado na área da baía de São Francisco, Estados Unidos, de 1985 a 1987, Weston (1991) buscou analisar como “gays” e “lésbicas” com os quais teve contato compreendiam “sentidos de família”. Em sua etnografia, portanto, a autora identifica como “família de origem” a rede de pessoas com as quais seus interlocutores tinham vínculos por consanguinidade ou/e vínculos reconhecidos legalmente. Por sua vez, ela identifica como “família de escolha” a rede de pessoas com as quais seus interlocutores tinham vínculos por afinidade. As “famílias de escolha” poderiam ser compostas por um conjunto de pessoas que mantivessem diferentes vínculos entre si, como amantes, amigos e, eventualmente, pessoas das “famílias de origem”.

Na esteira da reflexão de Weston (1991), utilizo a expressão “família de origem” para identificar as redes compostas por genitores e/ou responsáveis legais dos adolescentes e jovens que acompanhei durante a pesquisa; e utilizo a expressão “família de escolha” para aludir às redes compostas por pessoas com as quais meus interlocutores mantinham vínculos por afinidade em diferentes modalidades e intensidades, tal como ocorria nas *famílias LGBT*.

A *família* com a qual tive mais contato é denominada por seus membros como Stronger⁶⁶. Fundada em 2006, trata-se de uma das *famílias* mais antigas dentre as que existiam durante a realização de meu trabalho de campo.

A Stronger admitia a existência de mais de um *pai* e nesta rede de fato havia alguns *pais*. Um deles era o fundador da *família*, sendo que os demais eram membros que ascendiam ao posto de *pai* por conta de sua dedicação à *família* e também por conta de serem bem-relacionados nesta rede.

No período em que realizei minha pesquisa a Stronger tinha mais de duzentos membros. Contudo, não havia atividades dessa *família* que favorecessem o encontro de todas essas pessoas. Na *Vieira* era possível encontrar regularmente ao menos vinte adolescentes e jovens dessa rede. Ocasionalmente era possível encontrar um número maior de membros da Stronger reunidos, o que ocorria quando a *família* necessitava demonstrar seu potencial enquanto rede ou quando estava envolvida na realização de algum evento⁶⁷.

Há cerca de três anos ocorreu uma mudança na Stronger similar àquela previamente indicada referente à *família* D’Matthah. Anteriormente os membros da Stronger mantinham vínculos entre si mediante atividades em contexto de lazer, seja na experimentação de festas ou na experimentação da *Vieira*, por exemplo. Contudo, há três anos alguns *pais* da Stronger passaram a estimular que a *família* também promovesse atividades relacionadas à *militância* e formação política de seus integrantes.

As ações promovidas pela *família* se tornaram diversificadas, o que favoreceu o oferecimento de outras modalidades e outras intensidades de suporte e de proteção. A fim de identificar impactos relativos a essa mudança, destaco duas situações relativas à Stronger que observei durante meu trabalho de campo e que geraram diferentes

⁶⁶ O nome da *família* advém do termo *stronger*, da língua inglesa, que pode ser traduzido para a língua portuguesa como “mais forte”.

⁶⁷ Discuto sobre essas atividades referentes à Stronger na seção “Bloco na rua” do capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*”.

implicações no contato entre a “família de escolha” e a “família de origem” de interlocutores.

Uma das situações remete ao velório e ao sepultamento do pai da “família de origem” de Alan, um de meus interlocutores que compunham a Stronger. Tive condições de prestar solidariedade a fazer companhia a esse jovem porque fui convidado por seu *pai* da “família de escolha” a comparecer ao cemitério na região metropolitana de São Paulo onde ocorreria o funeral.

Durante o velório, Alan era assistido tanto por sua mãe e irmãs da “família de origem” quanto por membros da “família de escolha”. Após dez horas de vigília sobre o corpo do pai de Alan, foi iniciada a transição do caixão para o local do sepultamento. Quando o caixão foi lacrado, quem literalmente manteve Alan de pé ante a ameaça de um desmaio foram os dois *pais* da Stronger ali presentes. Eles apoiaram Alan pelos ombros e assim o conduziram até o jazigo onde seria alocado o caixão.

Diferentes membros da “família de escolha” consolavam e também sustentavam de pé a mãe e as irmãs da “família de origem” de Alan. Ao final do sepultamento, todos os presentes na cerimônia, incluindo os membros da Stronger, foram convidados para uma refeição na casa da “família de origem” de meu interlocutor.

A situação observada a partir do velório e do sepultamento do pai de Alan permite compreensão sobre uma intervenção dessas “famílias de escolha” que extravasa o suporte e a proteção relativos a momentos de lazer. Em *famílias* como a Stronger e a D’Matthah era possível observar várias ocasiões em que seus membros eram amparados em seu cotidiano, o que contrasta com a referência de suporte e proteção episódicos ou específicos em finais de semana. Ademais, essa situação relativa a Alan corresponde a um momento de contato entre a “família de origem” e “família de escolha” que resultou bastante favorável e amistoso.

Durante o trabalho de campo também pude identificar situações em que membros de *famílias LGBT* entraram em conflito com membros da “família de origem” de alguns dos meus interlocutores. Uma dessas situações remete a Vitor, membro da Stronger.

Convivi com esse interlocutor durante o trabalho de campo no período em que ele tinha 18 anos de idade e residia com sua mãe da “família de origem” em Santo André, cidade que compõe a região metropolitana de São Paulo. Em dias de semana ele passava parte de seu tempo trabalhando em um supermercado no bairro onde residia e também na escola onde cursava o Ensino Médio. Aos finais de semana ele passava o maior tempo possível junto a seu *namorado* e também comparecia a atividades realizadas pela *família*.

Vitor não era assíduo na *Vieira* e eu inclusive o conheci em uma atividade da Stronger em outro espaço na cidade.

A mãe da “família de origem” de Vitor acreditava que a Stronger exercia uma influência negativa sobre seu filho. Ainda que ele fosse maior de idade⁶⁸, ela não aprovava que Vitor dedicasse seu tempo na companhia de membros dessa “família de escolha” e tampouco aprovava que Vitor estivesse *namorando* com outro homem – que também era membro da Stronger.

Apesar da reprovação de sua mãe, Vitor se envolvia progressivamente com a Stronger. A intensificação do convívio desse interlocutor com membros da *família* intensificava tensões entre sua mãe da “família de origem” e os membros da “família de escolha”, principalmente com os *pais* da Stronger. Cabe destacar que os membros da “família de escolha” apoiavam e celebravam que Vitor se afirmasse *gay* e que mantivesse uma relação afetivo-sexual com um jovem do mesmo sexo.

No início de 2014, essa *família* estava realizando diversas atividades que estimulavam encontros entre seus membros, incluindo reuniões de planejamento e reuniões para formação política. Essas atividades não ocorriam apenas aos finais de semana, mas em dias de semana. Vitor passou a comparecer em algumas dessas atividades, o que desagradou sua mãe da “família de origem”.

O contato da “família de origem” com a “família de escolha” de Vitor já era conflituoso e tornou-se ainda mais após uma das reuniões da Stronger em 2014. Essa atividade ocorreu no período noturno de um dia de semana e teve como propósito a discussão de parcerias e projetos a serem realizados pela *família* no ano que se iniciava. Ao final da reunião, todos os membros dessa rede se deslocaram para suas respectivas casas. Vitor, contudo, não foi para a casa na qual residia com sua mãe da “família de origem” e tampouco a informou sobre seu paradeiro.

Esse interlocutor ficou horas sem responder ou enviar mensagens e não fez chamadas telefônicas para compartilhar notícias, o que se apresentava como um comportamento incomum em seu caso. A mãe da “família de origem” de Vitor então passou a telefonar para alguns dos *pais* da Stronger para cobrá-los sobre o paradeiro de seu filho.

Conforme o tempo passava sem que houvesse notícias de Vitor, ela intensificava a pressão sobre a “família de escolha”. Após horas de espera, Vitor chegou a sua casa

⁶⁸ Discuto sobre maioridade legal na seção “Festas *de menor*” do capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*”.

alegando que não teve condições de manter contato e que teve dificuldades no trânsito pela região metropolitana por conta de problemas na rede de transporte público.

Ainda que nada ocorrera com Vitor, o fato de ele ter comparecido a uma atividade da *família* e ter ficado incomunicável por horas reforçou um processo de tensão entre sua “família de origem” e sua “família de escolha”. A partir de então Vitor precisou articular com maior cautela seu vínculo a cada uma dessas redes, visto que ambas lhe favoreciam acesso a oportunidades que lhe eram caras: o contato com sua *mãe* e a garantia de residir em uma casa, por um lado; e, por outro, o contato com seu *namorado* e com diversas pessoas da Stronger para uma série de atividades que realizavam em conjunto, principalmente relacionadas a formação política.

Os casos discutidos nesta seção relativos à *família* Stronger permitem identificar que diferentes tipos de redes compostas por meus interlocutores poderiam oferecer estímulos ou constrangimentos para suas experimentações pelo espaço urbano. As *famílias LGBT* poderiam oferecer diferentes modalidades de suporte e de proteção tanto em contextos relativos a lazer quanto em demais contextos e, assim, tornavam-se muito importantes para quem integrava estas redes.

A participação em tais *famílias* ocasionava ampla interferência no modo como meus interlocutores poderiam experimentar seus trânsitos pela cidade e no modo como compunham espaços. Dessa maneira, as implicações e mudanças ocasionadas pelas “famílias de escolha” nas trajetórias de meus interlocutores poderiam ser intensificadas ou reduzidas a depender do contato com suas respectivas “famílias de origem”.

3.2. Redes a partir de Barretos

3.2.1. Na cadência da estrada

Em agosto de 2014, em uma de minhas primeiras incursões a campo em Barretos, pude conhecer Santiago, que se tornaria um de meus principais interlocutores.

Meu primeiro contato com Santiago ocorreu em uma tarde de dia de semana na Praça Francisco Barreto, onde ele e demais membros de um *grupo* de dança ensaiavam coreografias. Naquela ocasião havia cerca de quinze adolescentes e jovens utilizando um quinhão da praça arriscando passos em diferentes estilos de danças de rua.

Em função do ensaio do *grupo* de dança, a movimentação na praça se tornou excepcional frente ao que eu tivera oportunidade de observar em visitas anteriores a este logradouro público. Havia um alto-falante ligado com intensidade suficiente para chamar atenção de pessoas em um raio de 100 metros. Os bailarinos dançavam ao som de músicas *pop* de Beyoncé e de Rihanna, sendo que os passos sinuosos que eles ensaiavam eram muito similares aos que constam em vídeos musicais de cada uma destas artistas.

Assisti ao ensaio do *grupo* e em alguns dos intervalos conversei com o coreógrafo e outros bailarinos, o que me fez considerar a possibilidade de ter dentre aquelas pessoas possíveis interlocutores de pesquisa. Soube então que o ensaio ocorria na Praça Central porque a escola onde o *grupo* geralmente se encontrava estava fechada naquela semana por conta da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (sobre esse evento, consultar o capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*”). Era necessário manter os ensaios porque o *grupo* estava focado em uma competição de dança que ocorreria em Minas Gerais e, em função disso, os bailarinos recorreram à praça.

Nos diálogos com alguns dos bailarinos eu mencionei o motivo que me levou a Barretos e expliquei sobre como conduzia a pesquisa. Indicaram-me que dentre os homens que compunham esse *grupo* de dança havia *gays* e também *héteros*. Dentre as mulheres, não houve indicação de que alguma mantivesse relações afetivo-sexuais com outras mulheres; e houve uma bailarina que foi apresentada como *trans*.

Nesse primeiro momento de contato com o *grupo* eu então conheci Santiago, com quem mantive contato desde então. Convivi com esse interlocutor no período em que ele tinha entre 18 e 19 anos de idade, apresentava-se como *negro* e mantinha relacionamentos afetivo-sexuais exclusivamente com homens. Santiago nasceu em Barretos e nunca havia se mudado desta cidade, sendo que no período em que realizei a pesquisa ele residia em uma casa com sua mãe e seus dois irmãos gêmeos mais novos.

No período em que cursava o Ensino Médio e presidia o grêmio estudantil em uma escola pública em Barretos, Santiago elaborou um projeto de criação de um *grupo* de dança e um *grupo* de teatro nesta instituição de ensino. Ele foi um dos fundadores desses *grupos* e também participou de suas atividades por alguns meses. Ao final do Ensino Médio o *grupo* de teatro na escola foi encerrado, mas o *grupo* de dança foi mantido. Santiago e os demais membros desse *grupo* de dança estabeleceram contatos com outros bailarinos de Barretos, o que permitiu que concebessem e fundassem em 2013 outro *grupo* de dança, que passaram a chamar de Detroit. O ensaio que assisti em Barretos em 2014 e que me permitiu conhecer Santiago era do Detroit.

Em sua trajetória como bailarino e coreógrafo, Santiago pôde garantir algumas oportunidades de emprego temporário e também pôde viajar a fim de realizar algumas apresentações. Durante o período em que estive em contato com esse interlocutor, ele dedicava bastante tempo em atividades relativas à dança, fosse junto ao Detroit ou em atividades individuais. Com isso, as viagens para apresentações como bailarino se tornaram mais frequentes, de modo que em minhas últimas incursões a campo eu pude estar em contato com Santiago em momentos de preparo para suas viagens e, ainda, durante as próprias viagens.

Em 2015, em um dos momentos em que estive em Barretos, Santiago me informou sobre um convite que recebeu de Aureliano, um amigo, para que se apresentassem como dupla na Parada do Orgulho LGBT da cidade de Pitangueiras. Ambos estavam ensaiando para a apresentação, mas não era certa a possibilidade de conseguirem viajar por conta dos custos no deslocamento. Pitangueiras está a 72 quilômetros de Barretos e a dupla não tinha apoio financeiro da organização da Parada, tampouco tinham dinheiro o suficiente para custear as passagens e a alimentação.

Santiago articulou com sua família a possibilidade de auxílio para a viagem, de modo que sua mãe lhe empresaria o carro e seu irmão mais velho (com quem ele não morava junto) dirigiria em todo o percurso. Com o dinheiro que ele e seu amigo haviam arrecadado era possível pagar o combustível e a alimentação para ambos. Quando se tornou possível a execução do plano de meu interlocutor ele então confirmou a viagem. No carro iriam Santiago, seu irmão e seu amigo. Restavam duas vagas no veículo, então meu interlocutor convidou a mim e a Túlio, outro amigo de sua rede, para seguirmos juntos a Pitangueiras. Ambos aceitamos o convite.

A apresentação ocorreria em um domingo à noite e a proposta de Samuel e Aureliano era que fizéssemos a viagem de ida e de volta no mesmo dia. Assim aconteceu. Levamos cerca de uma hora em cada trecho da viagem, sendo que partimos de Barretos às 17 horas e retornamos às 22 horas. No trânsito entre Barretos e Pitangueiras o irmão de Santiago pouco interagiu conosco, sendo que predominaram na viagem as vozes de Santiago, Aureliano e Túlio.

Os três se conheciam há alguns anos, pois cursaram juntos o Ensino Médio em uma escola pública de Barretos. Uma peculiaridade nas trajetórias desses jovens era o fato de terem seguido uma trajetória em meio às artes: Santiago como bailarino, Aureliano como *drag queen* e Túlio como ator.

No período em que ocorreu a viagem a Pitangueiras os vínculos entre os três ocorriam da seguinte maneira: Santiago e Aureliano eram amigos, mas não tinham uma convivência cotidiana; Aureliano e Túlio não eram amigos, mas ocasionalmente se encontravam por intermédio de amigos em comum; e Túlio e Santiago eram amigos e se encontravam com frequência em Barretos.

O conjunto de ações relativas à preparação da viagem e à viagem em si produziram um conjunto de relações. Por conseguinte, esse conjunto de relações produziu implicações nas trajetórias das pessoas contatadas por Santiago. Uma dessas implicações foi a reaproximação de Santiago, Aureliano e Túlio em uma rede em que o irmão de Santiago e eu também estávamos enredados.

A respeito de Santiago, em específico, as relações constituídas naquele dia produziram um esforço conjunto que alterou as condições que ele dispunha para viajar a partir de Barretos. Esse conjunto de relações resultou na possibilidade de Santiago se deslocar para outra cidade e apresentar uma coreografia que elaborou junto a um amigo.

Há uma relação direta entre possibilidades de deslocamento espacial e o conjunto de relações que Santiago estabelecia em Barretos. Outras situações referentes ao investimento desse interlocutor em sua carreira como bailarino indicam outro conjunto de ações que, por conseguinte, produziam outro conjunto de relações e, então, outras possibilidades de trânsitos para além de Barretos. As oportunidades para deslocamentos espaciais desse interlocutor mudavam em alcance, condições e modalidades quando se tratava de alguma atividade junto ao Detroit.

Em junho de 2016, Santiago e outros membros desse *grupo* de dança tiveram oportunidade de viajar de Barretos à cidade de São Paulo a fim da apresentação de uma coreografia. Essa atividade correspondeu a uma etapa classificatória no Brasil de uma competição internacional de dança intitulada World of Dance.

Os integrantes do Detroit deveriam fretar um ônibus para que pudessem participar do evento. Seria necessário que cada bailarino pagasse uma parte do valor total para o transporte, mas grande parte das pessoas não tinha receita que permitisse esse tipo de investimento. Esse era o caso de Santiago, que teria ainda menos chances de viajar a São Paulo caso fosse necessário pagar por passagens individuais.

Os membros do *grupo* de dança buscaram maneiras de ter sua viagem paga por terceiros. Uma solução encontrada foi contatar um vereador de Barretos e solicitar algum tipo de financiamento. Mediante esse contato o Detroit conseguiu um montante que não

correspondia ao total necessário para a viagem, mas a tornava possível mediante pequenas contribuições em dinheiro de cada bailarino.

O conjunto de ações relativas à organização da viagem favoreceu a um conjunto de relações, o que, portanto, possibilitou o deslocamento espacial de Santiago e dos demais bailarinos. O financiamento advindo do contato com o vereador foi fundamental para viabilizar a viagem, o que foi possível por conta da existência de um contato prévio do *grupo* com este membro da Câmara Municipal de Barretos.

Santiago isoladamente não conseguiria o financiamento do vereador e, portanto, não conseguiria se apresentar em São Paulo. O Detroit também não conseguiria esse financiamento caso alguns de seus membros não tivessem acesso ao vereador e se o *grupo* fosse desconhecido em Barretos. Quanto mais longínquos e dispendiosos eram os deslocamentos espaciais desde Barretos, mais pessoas e redes precisavam ser acionadas para que Santiago e outros bailarinos desse *grupo* pudessem viajar.

No período do World of Dance o Detroit tinha 23 integrantes, contudo apenas dezesseis embarcaram para a viagem. O evento ocorreu durante os períodos matutino e vespertino de um sábado. Os integrantes do Detroit chegaram em São Paulo às 7 horas tendo passado a madrugada dentro do ônibus e voltaram a Barretos no período noturno do mesmo dia.

O montante amealhado pelos bailarinos em Barretos a fim da viagem permitia apenas o pagamento do combustível de um ônibus e o pagamento por um dia de locação deste veículo. Além disso, seria possível pagar por refeições correspondentes apenas ao dia específico da viagem.

Essa foi a primeira vez que Santiago e alguns dos demais bailarinos do Detroit viajaram a São Paulo. Vários integrantes do *grupo* de dança queriam conhecer outros espaços nessa cidade, mas naquele momento não houve chance de fazê-lo porque não havia dinheiro para tal.

A viagem a fim da apresentação do Detroit no World of Dance confirmou o que eu havia observado por ocasião de outras viagens de Santiago, como aquela que o permitiu a se apresentar em Pitangueiras. A principal e mais efetiva margem de possibilidades a que esse interlocutor dispõe para seus deslocamentos espaciais a partir de Barretos são as redes que ele elabora relativas à dança. Esse quadro se confirma a partir do que ele me relatou no dia de sua apresentação junto ao Detroit no World of Dance: *O que tem me levado para além de Barretos é a arte.*

Junto ao Detroit, Santiago teve chance de viajar para mais destinos, percorrer maiores distâncias e experimentar viagens que demandavam orçamentos mais caros em relação às viagens que ele teve chance de realizar em outras ocasiões em que o acompanhei durante o trabalho de campo. Com o Detroit ele pôde viajar inclusive para além do estado de São Paulo. As redes relativas a esse *grupo* de dança são então aquelas que permitiram que Santiago fosse ainda mais além da cidade de Barretos.

3.2.2. Pegar amizade

Em uma de minhas incursões a campo em 2014, Santiago comentou que tinha um amigo chamado Túlio e que poderia apresentá-lo a mim. Ele entendia que seu amigo poderia ser um interlocutor interessante para a pesquisa porque ele também era *gay* e porque ele também residia em Barretos.

Santiago teria um encontro para conversar com seu amigo em uma sorveteria nas imediações da Praça Francisco Barreto. Ele informou que eu estava convidado a comparecer e para tomar sorvete na companhia de ambos. Eu acatei ao convite e então conheci Túlio em uma tarde tipicamente quente de Barretos, sendo que mantivemos contato deste então.

Convivi com Túlio no período em que ele tinha entre 18 e 20 anos de idade. Ele se apresentava como *branco* e mantinha relacionamentos afetivo-sexuais exclusivamente com homens. Túlio nasceu em Barretos e nunca havia se mudado de lá. No primeiro momento em que tivemos contato durante o trabalho de campo ele morava na casa de seu pai; e em outro momento ele passou a morar na casa de sua mãe junto a sua irmã e irmão mais velhos.

Desde que o conheci em 2014, em todas as ocasiões em que estive em Barretos eu me encontrei com Túlio. Ele se tornou um interlocutor fundamental para a pesquisa em função das atividades que realizamos conjuntamente, dos diálogos que tivemos e das pessoas que ele me apresentou.

Ele se tornou o interlocutor com quem eu mais caminhei em Barretos. Suas experiências de deslocamento espacial nessa cidade ocorriam necessariamente a pé, então eu o acompanhava subindo e descendo as ladeiras entre o Centro e os outros bairros.

O deslocamento espacial de Túlio desde a casa de sua mãe até a Praça Francisco Barreto demandava ao menos 40 minutos de caminhada. Ele fazia esse percurso no mínimo duas vezes por dia em função de trabalhos, estudos ou lazer. No período matutino

e vespertino essa caminhada até o Centro era especialmente desafiadora por conta do calor e da incidência intensa de luz solar, o que era comum em qualquer período do ano. A contínua exposição ao sol inclusive imprimiu algumas manchas no rosto e nos antebraços desse interlocutor, que não utilizava creme bloqueador.

Em diversas ocasiões em que Túlio me conduziu em caminhada por Barretos ele pôde me apresentar diversos logradouros públicos de Barretos, inclusive outras praças onde o Detroit ensaiava para além da Francisco Barreto. Eu também conheci sua casa, a escola onde ele fez cursinho pré-vestibular, o centro cultural onde ele fazia aulas dança estilo jazz e o teatro onde ele apresentava peças junto a um coletivo de artes cênicas.

Nesse processo, Túlio e eu tivemos tempo e condições de diálogo sobre inúmeros temas – muito além daqueles que pareciam imediatamente relevantes para a pesquisa. Em uma de minhas incursões a campo em Barretos ele então comentou sobre esse contato que mantínhamos.

Túlio: *Olha, bicha, eu peguei amizade contigo.*

Marcelo: *E o que é pegar amizade?*

Túlio: *É uma expressão comum em Barretos. O povo usa quando duas pessoas estão se tornando amigas.*

Esse destaque sobre o vínculo que mantivemos durante o trabalho de campo é fundamental para a reflexão que realizo neste capítulo. O que busco colocar em questão não são apenas as condições de realização de trabalho de campo oportunizadas a partir do contato com Túlio, mas como eu pude contribuir para o desenvolvimento de um projeto de deslocamento espacial deste interlocutor por meio de nosso contato.

A fim de elaborar essa reflexão, destaco algumas viagens que Túlio realizou à cidade de São Paulo no período em que eu desenvolvia a pesquisa.

O que conduziu esse interlocutor até a capital do estado foi uma oportunidade de prestar um processo seletivo para a Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (EAD-USP). Ele tinha experiência de alguns anos de participação em cursos de artes ciências e de atuação em companhias de teatro, então desejava continuar em formação como ator.

A primeira vez que Túlio participou desse processo seletivo foi em 2014, quando ele estava cursando o 3º ano do Ensino Médio. Optar pelo processo seletivo para a EAD seria um movimento arriscado para Túlio, pois lhe restringiria a possibilidade de fazer as

provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em função de coincidência nos dias em que ocorreriam os processos seletivos em questão⁶⁹.

Ainda assim, Túlio decidiu pleitear uma das amplamente disputadas vagas na EAD. Essa escola se tornava muito atrativa a Túlio por conta de lhe render a possibilidade de estabelecer residência na cidade de São Paulo.

Ele tinha planos de se mudar de Barretos não apenas para fazer um curso de teatro em um prestigiado centro de formação de atores, mas para se distanciar de um contexto no qual ele sofria contínuas agressões por conta de seu estilo corporal e de suas expressões de gênero (sobre esse tema, conferir a seção “Entre *hominho* e *dragzinha*”, do capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*”). Ele então concebia que em São Paulo ele poderia experimentar uma espécie de vivência supostamente livre da sexualidade.

O eventual ingresso na EAD era uma grande aposta de Túlio a fim de tentar viabilizar seu projeto de migração. Além de força de vontade e experiência em artes cênicas, ele não dispunha de muitos recursos para tentar a chance nesse processo seletivo.

Ele então precisaria mobilizar dinheiro para que conseguisse pagar as passagens de ônibus para a viagem entre Barretos e São Paulo. Ele também precisaria buscar recursos para pagar por hospedagem, alimentação e transporte em São Paulo por ao menos dois dias. Ele estava desempregado e, além disso, sua família e outras redes às quais era vinculado eram compostas por pessoas que tinham baixa renda. Ainda assim ele pôde realizar uma campanha de arrecadação, de modo que mobilizou várias pessoas em Barretos a fim de que doassem alguma quantia.

O montante que Túlio conseguiu amealhar para sua viagem a São Paulo no período da primeira etapa do processo seletivo da EAD não permitiria que ele pagasse por hospedagem. Contudo, pernoitar na cidade seria importante para que ele chegasse com ao menos um dia de antecedência e conseguisse ensaiar a cena que apresentaria à banca examinadora do processo seletivo. Eu então ofereci hospedagem ao interlocutor na casa onde eu residia em São Paulo no período da primeira etapa do processo seletivo, em setembro de 2014.

Essa foi a primeira viagem de Túlio à cidade de São Paulo. Eu o acompanhei em seus percursos entre diferentes bairros e regiões. Nessa ocasião não apenas caminhamos,

⁶⁹ Se não obtivesse êxito na EAD, ele teria que esperar um ano para tentar o ENEM ou a EAD novamente. Túlio não tinha condições de pagar mensalidades em instituições privadas de ensino superior, então só teria chance de acessar alguma universidade caso entrasse em alguma instituição pública ou se conseguisse bolsa integral em alguma instituição privada.

pois as longas distâncias nos demandavam utilizar ônibus e metrô. Como sua estadia pôde ser estendida por conta de estar isento de pagar por hospedagem, além de seguirmos à EAD nós também comparecemos a outros espaços que ele gostaria de conhecer.

Um dos interesses de Túlio era experimentar os espaços relativos ao trabalho de campo que eu realizava em São Paulo sobre os quais eu havia comentado em diferentes ocasiões. Em certo momento passeávamos pela cidade justamente no dia e no período em que emergia a *Vieira*. Era uma noite de domingo, então fomos juntos compor esse espaço de encontro e de convivência na região central de São Paulo.

Quando chegamos ao Largo do Arouche observamos o que era recorrente em relação à *Vieira*, ou seja, centenas adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais aglomerados, sendo que em meio a eles alguns conversavam entre si, outros consumiam bebidas, outros se beijavam. Ao observar aquele conjunto de pessoas e suas interações, Túlio reagiu com assombro: *Sangue do cordeiro!*

A experiência de coprodução de um espaço como a *Vieira* não correspondia ao que Túlio vivia em seus trânsitos a partir de Barretos. O que o surpreendeu ao observar esse espaço não foi apenas o número de pessoas nele reunidas, mas a margem que havia para experimentações de estilos corporais e, ainda, para flerte e demonstração de afeto em público entre pessoas do mesmo sexo⁷⁰.

As oportunidades para demonstração de afeto que esse interlocutor dispunha na cidade onde residia eram restritas a poucos espaços, como casas de amigos. Contudo, Túlio não indicava a visibilidade de suas relações em público como uma demanda importante em seu cotidiano.

O que mais lhe era cara era a possibilidade de transitar pelo espaço urbano com diferentes tipos de roupas, acessórios e penteados sem que isso lhe rendesse olhares de estranhamento ou que lhe tornasse alvo de agressões verbais e físicas. Ele então pôde viver essa experiência não apenas na *Vieira*, mas em outros espaços e regiões da cidade por onde transitamos.

Em sua primeira viagem a São Paulo, portanto, Túlio pôde reforçar a pertinência de seu projeto de migração tendo em vista o que viveu na cidade, especialmente em relação à possibilidade de experimentação de estilos corporais. Assim como me relatou, em Barretos ele sentia que era sempre notado pelas pessoas nas ruas, mas em São Paulo

⁷⁰ Sobre o espaço em questão, conferir a seção “Atrás do Mercado das Flores”, do capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens”.

ele se sentiu *apenas mais um* (sobre esse tema, conferir a seção “Entre *hominho e dragzinha*”, do capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*”).

Após dois dias de caminhadas por São Paulo e prestes a embarcar rumo a Barretos, surgiu uma notícia que confirmaria os planos desse interlocutor. A EAD divulgou o resultado da primeira fase de seu processo seletivo e o nome de Túlio constava dentre os aprovados para a próxima etapa da seleção.

Eu pude dar a notícia em primeira mão a Túlio. Sua primeira reação foi incredulidade e, logo em seguida, euforia acompanhada de gritos e lágrimas. Na mesma ocasião afirmei que ele poderia contar novamente com a hospedagem em minha casa no mês seguinte, quando voltaria a São Paulo para a segunda fase do processo. Ele agradeceu o convite e o acatou.

Túlio precisava fazer uma nova campanha para arrecadação de fundos para viajar a São Paulo em outubro. Ele novamente mobilizou sua rede e conseguiu amealhar um montante que lhe permitiria passar dois dias na capital do estado.

Assim como ocorrera em setembro, eu o acompanhei em todo o período em que ele esteve na cidade. O primeiro dia foi dedicado ao processo seletivo na EAD. Depois disso, transitamos juntos por outros espaços que ele desejava visitar. Não por acaso o assunto mais recorrente entre nós era teatro, o que nos levou a dialogar sobre salas de espetáculos e peças de teatro em São Paulo⁷¹.

⁷¹ Oportunamente caminhamos pela Avenida Paulista e observamos peças em cartaz no teatro Eva Herz, da Livraria Cultura, no Conjunto Nacional. Chegamos a esse espaço no período noturno e uma das sessões daquela noite iria começar em trinta minutos. Houve imediato interesse de Túlio em assistir à peça. Tratava-se do espetáculo “A lista”, um monólogo de Clarice Niskier com direção de Amir Haddad e dramaturgia de Jennifer Tremblay. Contudo, o ingresso a 60 reais não era compatível com o orçamento de Túlio na viagem. Aquela seria uma oportunidade para que ele assistisse pela primeira vez uma peça de teatro na cidade de São Paulo. Não fosse naquela noite não haveria outra chance durante aquela viagem, pois em poucas horas ele voltaria a Barretos. Cabe mencionar que assistir a uma peça de teatro seria especialmente relevante para esse interlocutor, pois o que o mobilizou a viajar a São Paulo foi justamente a aposta em seguir carreira como ator. A possibilidade de que eu oferecesse o ingresso a Túlio estava de antemão descartada, pois ele demonstrava se sentir agradecido pelo suporte que eu já havia oferecido e, simultaneamente, incomodado pela possibilidade de que eu também oferecesse os ingressos. Ainda que não pudéssemos assistir juntos à peça por conta de restrições orçamentárias, fomos até o foyer do teatro a fim de conhecer melhor o espaço. A movimentação do público pouco antes do início da peça gerou ainda mais expectativa em Túlio, mas fomos embora porque não teríamos como assistir à sessão. Enquanto caminávamos novamente pela Avenida Paulista eu cogitei a possibilidade de voltar ao teatro para solicitar um ingresso a título de cortesia ou mesmo solicitar isenção pelo valor cobrado. Então Túlio e eu retornamos ao Eva Herz e, antes de arriscarmos a chance na bilheteria, fomos interpelados repentinamente por duas mulheres adultas. Elas perguntaram se assistiríamos à peça que estava para começar e então dissemos que não, pois nos faltavam os ingressos. Elas então disseram que não poderiam assistir à peça e poderiam doar os dois ingressos que estavam em sua posse. Uma das duas mulheres nos perguntou se desejávamos os ingressos. Frente àquele imponderável que parecia uma situação impossível de narrativa ficcional, ficamos estupefatos por alguns segundos sem chance de emitir a resposta mais óbvia. Depois disso, Túlio e eu nos entreolhamos e então dissemos *Sim*. A situação que nos permitiu assistir essa peça foi extraordinária e em todos os encontros seguintes entre Túlio e eu nós nos relembramos do ocorrido.

O resultado da segunda etapa do processo seletivo foi divulgado, contudo, desta vez o nome de Túlio não constava dentre os aprovados.

O projeto de migração deste interlocutor não se concretizou em 2014. Aliás, até o encerramento de minha pesquisa Túlio continuou residindo em Barretos articulando alguma maneira de se mudar desta cidade. Enquanto isso, ele buscou estudar por conta própria a fim de tentar aprovação em alguma universidade pública do estado de São Paulo que oferecesse o curso de Artes Cênicas ou o curso de Letras.

O projeto não concretizado de Túlio oferece elementos importantes para a reflexão proposta neste capítulo. Esse interlocutor não tinha como propósito realizar deslocamentos espaciais ocasionais a partir de Barretos, mas lograr uma mudança em definitivo para outra cidade. Ele então apostou na possibilidade de ingressar na Escola de Arte Dramática da USP a fim de seguir uma trajetória de formação como ator e para experimentar uma referência de experimentação supostamente livre da sexualidade em São Paulo.

Ainda que Túlio estivesse desempregado e não possuísse receita, ele pôde mobilizar suas redes em Barretos a fim de arrecadar fundos para que viajasse a São Paulo para as duas primeiras etapas do processo seletivo da EAD em 2014. Meu interlocutor não ingressou nessa escola, mas os dias que passou em São Paulo permitiram que ele reforçasse a pertinência de seu projeto de deslocamento para eventualmente arriscar efetivá-lo em outro momento.

O conjunto de relações mobilizadas por esse interlocutor estimulou um conjunto de ações que tornavam possível que ele participasse do processo seletivo em São Paulo. Contudo, esse conjunto de ações não favoreceu que ele lograsse seu projeto de mudança. Sua saída de Barretos rumo a uma cidade maior em termos de escala era condicionada à possibilidade de estudar em uma universidade pública e a efetivação dessa proposta esbarrava em limitações, sobretudo relativas a renda.

Na seção anterior eu discuti sobre o Detroit como uma rede que poderia mobilizar recursos diversos para garantir que seus bailarinos pudessem viajar e realizar apresentações em outras cidades. Esse *grupo* tinha condições de acessar inclusive um vereador de Barretos para articular eventuais financiamentos, o que modificava consideravelmente as chances de deslocamento espacial dos membros do Detroit.

Túlio, por sua vez, não poderia mobilizar suas redes a fim de arrecadar quantias maiores que aquelas acumuladas durante o processo seletivo da EAD e também não compunha redes com pessoas que eventualmente pudessem hospedá-lo por longos

períodos em São Paulo ou em outras cidades. O conjunto de ações possíveis a Túlio estava diretamente relacionado ao conjunto de relações que mantinha. Ele, portanto, continuou residindo em Barretos a contragosto.

3.3. Epílogo

Minha proposta neste capítulo era colocar em destaque e analisar um conjunto de relações de meus interlocutores a partir de São Paulo e de Barretos. Nesse exercício foi possível identificar distintas condições de experimentação de espaços e de trânsitos que dispunham os adolescentes e jovens com quem convivi.

O desenvolvimento do capítulo foi orientado pelo questionamento sobre o que as redes de meus interlocutores ocasionariam em suas trajetórias. Foi possível realizar essa reflexão considerando o conjunto de relações de meus interlocutores e o conjunto de ações que delas decorreram. A análise permitiu observar relações em contexto e em funcionamento a partir de diversas situações e cenas apresentadas.

Caso mobilizassem suas redes meus interlocutores teriam diferentes possibilidades de ação em comparação às possibilidades que dispunham com recursos próprios. Uma das principais motivações e implicações na composição das redes observadas em meu trabalho de campo era a ampliação da extensão dos deslocamentos espaciais de meus interlocutores pelo espaço urbano.

Na trajetória de Santiago, a mobilização de suas redes foi fundamental para que houvesse condições financeiras e logísticas para a expansão de seus trânsitos para além de Barretos. Estimulado pela continuidade de sua carreira como bailarino, ele pôde elaborar uma viagem ocasional a Pitangueiras articulando amigos e alguns familiares. Contudo, os deslocamentos espaciais mais dispendiosos e longínquos de Santiago foram possíveis apenas mediante articulação de outra rede composta por um número maior de pessoas relativas ao *grupo* de dança Detroit.

Outra motivação e implicação na composição de redes elaboradas por meus interlocutores corresponde à possibilidade de terem proteção e suporte em espaços que coproduziam e em seus trânsitos entre espaços. Assim como foi possível observar em situações relacionadas à Vallentyne Lawiny, as *famílias LGBT* favoreciam a que diversos adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais pudessem realizar

deslocamentos espaciais contando com o auxílio de dezenas de membros destas redes para se protegerem de agressões verbais e físicas.

As *famílias* não apenas favoreciam, mas estimulavam o trânsito de meus interlocutores desde suas regiões de moradia em periferias até a região central de São Paulo. Rodrigo não precisaria ingressar na Vallentyne Lawiny a fim de ter condições financeiras e logísticas para acessar o Largo do Arouche e compor a *Vieira*. Contudo, ao se tornar um membro dessa *família* ele passou a ser estimulado a se deslocar desde sua cidade na região metropolitana de São Paulo até o Largo do Arouche a cada domingo.

Havia ainda o incentivo das *famílias LGBT* a fim do deslocamento espacial de seus membros entre regiões periféricas da região metropolitana. Foi possível identificar esse estímulo na situação em que a Vallentyne Lawiny se mobilizou para uma festa na boate Kosowo, em Itaquaquecetuba, por exemplo.

As relações e redes que pude observar em trabalho de campo não implicavam apenas ao estímulo a carreiras artísticas e à ampliação da extensão dos trânsitos de adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais. Pude identificar entre meus interlocutores situações em que houve oferecimento de diferentes modalidades de suporte, como no caso do velório e sepultamento do pai da “família de origem” de um dos membros da *família Stronger*.

A reflexão sobre relações de meus interlocutores corresponde a uma maneira de observar com quem e como cada um desses adolescentes e jovens enfrentou contextos em que violências, restrições financeiras e dispositivos urbanos segregacionistas restringiram seus trânsitos pelo espaço. Em cada situação em destaque no capítulo é possível observar as redes de meus interlocutores como elementos fundamentais para as margens de ação que dispunham em suas trajetórias a partir de São Paulo ou de Barretos.

Cabe ainda destacar o desafio que o projeto de migração de Túlio ofereceu a fim do desenvolvimento de minha pesquisa e de minha análise. No capítulo “Introdução” eu indiquei que meu propósito de realização de trabalho de campo em outra cidade além de São Paulo dizia respeito à possibilidade de questionar processos que eu poderia identificar na capital do estado.

Além disso, na seção “Epílogo” do capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens” eu indiquei que o trabalho de campo realizado em Barretos me permitiu questionar narrativas que apontavam esta cidade como um espaço da falta e como um outro constitutivo da cidade de São Paulo. No mesmo capítulo em destaque eu indiquei que o contato com meus interlocutores de Barretos me permitiu observar que

eles não necessariamente tinham um projeto de migração para outra cidade em função de sua sexualidade.

O trabalho de campo em Barretos de fato me ofereceu condições de questionar narrativas que me haviam sido apresentadas sobre esta cidade antes do início de meu trabalho de campo. E eu também convivi com interlocutores que de fato não desejavam se mudar dessa cidade. Contudo, o que Túlio indicou a partir de seu projeto de migração para a cidade de São Paulo se apresenta como um contraponto ao que eu percebi no contato com outros interlocutores.

Túlio desejava se mudar de Barretos para experimentar uma vivência supostamente livre da sexualidade em São Paulo. Ele reforçava a ideia de que em São Paulo ele era *apenas mais um* enquanto em Barretos ele era alvo de olhares de estranhamento em função de seus estilos corporais. E ele ainda destacou sem sutilezas que seu assombro pelas interações que observou na *Vieira* ocorreu por conta de um intenso contraste frente às interações que constituía em seus trânsitos e espaços a partir de Barretos.

Uma de minhas propostas de pesquisa era realizar trabalho de campo em Barretos como uma possibilidade de questionar processos observados na cidade de São Paulo, o que se tornou viável e permitiu a elaboração das reflexões que constam nesta tese. Contudo, não é possível ignorar que tive interlocutores que reforçaram os lugares comuns e narrativas vigentes sobre Barretos acentuando diferenças que, em suas perspectivas, faziam esta cidade menos diversa, interessante e desejável em relação a São Paulo.

Ainda que eu busque problematizar a oposição entre Barretos e São Paulo, há interlocutores que reforçam tal oposição. A diferença de escala, portanto, é apenas uma das que precisam ser consideradas para a reflexão sobre as duas cidades a partir das quais realizei trabalho de campo. Esse não é um desafio que concerne apenas ao meu trabalho de campo e à pesquisa que realizei, mas um desafio relativo ao campo de estudos socioantropológicos que se dedicam a pensar espaço urbano e cidade⁷².

⁷² Agradeço a Júlio Simões e a Roberto Marques pelo destaque a essa questão no momento em que realizavam suas arguições na banca de defesa de minha tese de doutorado.

4. Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*

Assim como discuto no capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens”, identifiquei em Doreen Massey (2004) uma perspectiva analítica pertinente para a leitura de processos e relações que apreendi em trabalho de campo. A autora indica que espaços, relações e pessoas são construções e, como tais, produzem-se mutuamente a depender do contexto e dos atores envolvidos (MASSEY, 2004).

Essa reflexão a partir de Massey contribuiu para que eu desenhasse uma estratégia narrativa para esta tese e para elaborar os capítulos que a compõem. Considerando que em outros capítulos discuti sobre produção de espaços e sobre produção de relações, neste capítulo busco discutir sobre produção de pessoas tendo em vista as trajetórias de meus interlocutores e seus trânsitos pelo espaço.

A discussão que desenvolvo neste capítulo se tornou viável a partir de um caminho de reflexão que me conduziu ao debate de Marilyn Strathern (2005) sobre produção de relações e de pessoas.

Em seu livro “Kinship, Law and the Unexpected” (2005), Strathern discute que elementos que compõem relações – como as pessoas e outras relações – rearranjam-se a depender das interações que mantenham entre si. Uma vez rearranjados, esses elementos produzem outras relações⁷³.

A separação de um casal, por exemplo, é produzida por rearranjos na relação entre as pessoas que o compõem. Com tal rearranjo surgem outras relações, eventualmente outros casais. Não há, contudo, possibilidade de que surjam relações iguais, visto que não são iguais os elementos que as produzem. Cada relação corresponde a um rearranjo específico de elementos, o que as torna únicas.

Na esteira desse argumento, Marilyn Strathern discute que pessoas são constituídas por diversos elementos que se rearranjam constantemente. Mudanças nos elementos que as compõem produzem pessoas diferentes. Na separação de um casal, por exemplo, a alteração em tal relação afeta as pessoas que a compunham. Com o rearranjo da relação, as próprias pessoas que eram parte do casal se rearranjam. Elas se transformam, portanto. Cada pessoa é diferente de outras por conta dos rearranjos que elas se tornam (STRATHERN, 2005).

⁷³ Strathern discute nesse livro sobre parentesco, legislação e biotecnologia para pensar como os estudos sobre relações permitem desvelar processos de produção de conhecimento, principalmente em contextos que ela denomina “euroamericanos”.

Diversas cenas e situações que observei em trabalho de campo estimulam que eu pense sobre a produção de pessoas neste capítulo, sobretudo considerando essa discussão sobre arranjos e rearranjos de elementos. Esse debate se torna ainda mais pertinente para a tese quando articulado a uma questão fundamental em minha pesquisa, a visibilidade da homossexualidade.

Uma situação identificada em trabalho de campo em Barretos favorece que eu apresente a produção de pessoas articulada à reflexão sobre visibilidade. Entra em cena Janos, um dos meus principais interlocutores de pesquisa⁷⁴.

Convivi com Janos no período em que ele tinha entre 21 e 22 anos de idade. Ele residia em uma casa no Centro de Barretos com alguns familiares. Declarava-se *branco* e mantinha relacionamentos afetivo-sexuais exclusivamente com homens. Após concluir o Ensino Médio, passou por trabalhos temporários que lhe complementaram os valores que necessitava para custear suas despesas na cidade.

No início de 2014, Janos conheceu Flávio em uma academia de ginástica na qual ambos treinavam diariamente. Após intensa aproximação, passaram a *namorar*. Eles conviviam na academia e em diversos espaços em Barretos.

Depois de alguns meses de *namoro*, Flávio surpreendeu Janos ao lhe apresentar o par de anéis que havia comprado para simbolizar a relação que mantinham. Ambos passaram imediatamente a utilizar os anéis em suas respectivas mãos direitas, contudo, havia uma diferença no modo como cada um o fazia.

Janos utilizava o anel a todo momento e em qualquer espaço. O objeto prateado em um de seus dedos anunciava a quem pudesse ver que ele mantinha uma relação afetivo-sexual. Janos afirmava a sua família, amigos e demais conhecidos que o anel simbolizava sua relação com Flávio e que ele era seu *namorado*.

Flávio, por sua vez, adotava outro regime de uso do anel. Ele colocava esse objeto em um de seus dedos apenas quando estava fora de sua casa. Antes de passar pelo portão da residência onde morava com sua mãe, Flávio retirava o anel e o guardava em sua carteira. Ele não desejava que sua família soubesse que mantinha relações afetivo-sexuais, tampouco com um homem a quem chamava de *namorado*.

No mês de julho do mesmo ano em que Janos e Flávio se tornaram um casal, ocorreu um grande infortúnio. Flávio foi diagnosticado com leptospirose, sendo que quando esta doença foi notificada ela estava em estágio avançado.

⁷⁴ Eu mencionei Janos na seção "Uma praça central", do capítulo "Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens", quando eu discutia sobre uma de minhas primeiras incursões a campo em Barretos.

Um tratamento de saúde foi iniciado, mas o quadro de Flávio agravou-se rapidamente. Algumas semanas após o recebimento do diagnóstico, faleceu. A causa de sua morte foi uma parada cardíaca.

Entre o período do agravamento da doença e o falecimento de Flávio sua mãe encontrou o anel que ele ocultava. Ao retirar o objeto da carteira ela inferiu que seu filho mantinha uma relação com outro homem, pois constatou o nome “Janos” gravado no objeto prateado.

Apenas nesse momento em que Flávio estava prestes a falecer sua mãe soube quem era o *namorado* de seu filho e pôde conhecê-lo. Ela ofereceu a Janos o anel que Flávio ocultava na carteira. A partir disso, Janos passou a utilizar os dois anéis no mesmo dedo de sua mão direita.

Janos e Flávio sinalizam modos distintos de exposição ou ocultamento de elementos que os associariam à homossexualidade. Ambos tinham a mesma idade e eram moradores de Barretos, mas havia consideráveis diferenças nos modos de tornarem-se (ou não) visíveis como *gays* e de tornarem-se (ou não) visíveis como *namorados*.

Flávio mantinha em segredo a sua família o fato de se relacionar com outros homens. Janos, por sua vez, apresentava-se como *gay* para familiares, amigos e outros conhecidos, e publicava textos em seus perfis de redes sociais *online* no qual afirmava ter orgulho de ser *gay*. Essa situação identificada em trabalho de campo em Barretos permite identificados diferentes regimes de visibilidade da homossexualidade.

Utilizo o termo regime para aludir a modos pelos quais são visibilizadas ou ocultadas relações e condutas associadas à homossexualidade⁷⁵. Janos e Flávio na situação que apresento estão cada qual referenciados em um regime.

Entendo que os regimes são como tipos ideais, assim como faz Ernesto Meccia (2011). Em sua pesquisa junto a homens com condutas homossexuais de Buenos Aires, o autor identificou tipos ideais de experimentação de visibilidade da homossexualidade.

Meccia (2011) discute que ao longo do século 20 até o final da mais recente ditadura argentina (1976-1983) houve ali uma era “homossexual” na qual relações entre pessoas do mesmo sexo eram vividas na clandestinidade e na qual a homossexualidade era relacionada a vergonha, estigma e medo.

⁷⁵ Assim como indiquei na Introdução, busco nesta tese pensar homossexualidade como um lugar social. Então estou atento a analisar convenções relativas à homossexualidade, bem como suas transformações em diferentes contextos e períodos.

Ao final da ditadura nesse país houve a emergência de uma “era gay” na qual as relações entre pessoas do mesmo sexo passavam a ser cada vez mais visíveis e a homossexualidade passava a ser relacionada a referenciais de orgulho, respeito e reconhecimento (MECCIA, 2011).

Os regimes de visibilidade da homossexualidade devem ser considerados como referências para reflexão sobre as diferentes posturas de interlocutores a depender do contexto, dos espaços e das pessoas com quem interagem. Cabe considerar que uma pessoa pode transitar entre diferentes regimes de visibilidade, o que demanda uma análise em perspectiva dinâmica e processual sobre os modos como pessoas podem ser visibilizadas e como podem gerir visibilidades.

Junto aos adolescentes e jovens que acompanhei na pesquisa pude observar como alguns se tornavam visíveis e/ou eram identificados como *gays* e, ainda, outros que evitavam esta visibilidade. Observei também situações em que interlocutores demonstravam afeto em público junto a pessoas do mesmo sexo e, ainda, situações em que eles evitavam demonstrar afeto em público.

Janos, por exemplo. Na ocasião narrada acima ele se apresentava como *gay* e tornava seu *namoro* visível de diversas maneiras, inclusive utilizando um anel prateado em sua mão direita. Contudo, em outra situação indicada ainda neste capítulo ele experimentava situações de ocultamento de suas condutas e relações.

Ao acompanhar adolescentes e jovens a partir de São Paulo e de Barretos foi possível ter em conta como regimes de visibilidade da homossexualidade operavam em uma mesma coorte geracional⁷⁶. O destaque às trajetórias de meus interlocutores estimula a que se pense sobre modos de visibilização de si e modos de visibilização de relações, além de relações entre estas diferentes modalidades de visibilidade. Considerando esses processos, os regimes de visibilidade da homossexualidade e as transições entre eles são articulados neste capítulo a fim da reflexão sobre produção de pessoas.

Alguns desses aspectos relativos a exposição ou ocultamento de elementos que associariam pessoas à homossexualidade podem ser identificados nas próximas seções considerando os trânsitos de meus interlocutores por/entre diferentes espaços e considerando ainda os modos pelos quais agenciavam visibilidades e invisibilidades nos diferentes contextos nos quais cada um se relacionava.

⁷⁶ A fim de identificar um conjunto de pessoas que experimentaram eventos em certo intervalo de tempo utiliza-se o conceito coorte geracional (SIMÕES, 2004).

4.1. Rearranjando objetos e roupas

Em diversas situações em meu trabalho de campo pude identificar os modos como meus interlocutores se trajavam e como a escolha de roupas implicava nas condições que dispunham para seus deslocamentos espaciais. A fim de refletir sobre essa relação entre os trânsitos dos adolescentes e jovens que acompanhei e os modos pelos quais se vestiam, busco nesta seção discutir sobre estilos corporais.

Os estilos corporais correspondem a criações intencionais realizadas a partir do rearranjo de diversos elementos, tais como roupas, acessórios, calçados e penteados (FRANÇA, 2010; FACCHINI, 2008). Essas recombinações produzem estilos corporais e, portanto, produzem distinções entre pessoas e entre grupos (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010; ABRAMO, 1994).

A atenção aos estilos corporais de meus interlocutores em seus deslocamentos espaciais favorece à reflexão sobre produção de pessoas e de regimes de visibilidade. Dessa maneira, destaco a seguir algumas situações observadas em campo a partir de São Paulo e de Barretos a fim de refletir sobre os processos em destaque.

4.1.1. Entre *hominho* e *dragzinha*

Na abertura da seção “Atrás do Mercado das Flores”, do capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens”, faço menção a um interlocutor chamado Darci e ao fato de tê-lo encontrado no metrô em um momento em que ele se maquiava dentro de um vagão. Naquele dia, Darci havia saído de sua casa na zona leste de São Paulo sem nenhum pigmento sobre sua pele e, enquanto seguia por meio do metrô até o Centro, produzia a si mesmo utilizando maquiagens.

Tive diversos encontros com Darci entre seus 18 e 19 anos de idade. Esse interlocutor é pardo e mantinha relacionamentos afetivo-sexuais exclusivamente com homens. Ele residia com sua mãe e cursava o Ensino Médio em uma escola pública em Guaianazes, bairro onde morava. Darci não era seu nome de registro, mas assim ele se apresentava⁷⁷ e assim ele era reconhecido por muitas pessoas de suas redes.

⁷⁷ Ainda que por questões éticas eu utilize para esse interlocutor um nome diferente do que ele apresentava, tentei atribuir algum nome que fosse comum de dois gêneros, assim como era o nome que ele utilizava. Em função disso nesta tese chamo esse interlocutor de Darci, que ao menos no Brasil é um nome atribuído tanto para homens quanto para mulheres.

Pude conviver com Darci em espaços na região central de São Paulo, principalmente na *Vieira*. Eu também pude encontrá-lo em diversas atividades junto às *famílias LGBT* das quais foi membro e em Paradas do Orgulho LGBT realizadas nas cidades da região metropolitana.

Nas primeiras ocasiões em que pude dialogar com Darci ele geralmente utilizava camisetas com estampa, tênis e calças jeans com corte e modelo convencionalmente associados a mulheres. Ele deixava seu cabelo liso e preto crescer apenas até a altura de seus ombros, sendo que sempre o cortava para manter este tamanho.

Nos meses que se seguiram após meus primeiros encontros com Darci eu percebi que ele passou a utilizar com maior regularidade certos tipos de peças de roupa e acessórios, como blusas com corte e modelo convencionalmente associados a mulheres, sapatos de salto e bolsas.

Nas ocasiões em que utilizava esses itens ele se apresentava e poderia facilmente ser entendido como mulher. Esse investimento de Darci no uso de roupas, acessórios, calçados e penteados associados a mulheres tornou-se inclusive uma oportunidade de trabalho quando ele passou a realizar apresentações em boates como *drag queen*.

A depender do contexto, do espaço e de suas expectativas, Darci poderia acionar elementos que poderiam fazer-lhe reconhecido ora como mulher, ora como homem. Contudo, ainda que ele pudesse investir em diferentes estilos corporais, não houve situações em que eu estive com Darci em que ele tenha recorrido a roupas e acessórios estritamente associados a homens.

Apresentar-se menos feminino ou mais feminino não necessariamente exigia muito tempo, energia e dinheiro de Darci. Houve uma ocasião em que ele participou de uma Parada do Orgulho LGBT trajando camiseta, calça jeans, tênis e boné com cores e cortes convencionalmente associados a homens. Nessa ocasião, por exemplo, ele poderia apresentar-se como mais ou menos feminino a depender do modo como utilizava o boné.

Quando deixava o boné em sua cabeça, Darci utilizava este elemento da mesma maneira que muitos jovens relacionados ao hip hop ou inspirados por esse estilo. Refiro-me ao boné não completamente inserido na cabeça, mas levemente pousado, deliberadamente inclinado e com a aba reta⁷⁸. Quando retirava o boné de sua cabeça, Darci deixava visível seu volumoso cabelo com corte e penteado convencionalmente associados a mulheres. O uso desse elemento, o boné, era suficiente para alterar

⁷⁸ O modo como se coloca o boné pode sinalizar uma intenção por parte de quem o usa, seja para identificar uma região de moradia ou/e para expressar algum estilo de vida.

deliberadamente a apresentação que esse interlocutor fazia de si, bem como ele desejava ser entendido pelas pessoas em cada um dos espaços que compunha.

Ele manipulava os itens e recursos a sua disposição a depender do espaço em que estivesse e dos trânsitos que realizaria pela cidade. Como destaquei anteriormente, Darci não saía de sua casa com o rosto já maquiado. Ele aplicava os diversos pigmentos e produtos em seu rosto dentro do metrô enquanto se deslocava ao Centro de São Paulo.

Considerando os estilos corporais e os deslocamentos espaciais de Darci, é possível identificar uma apresentação mais feminina no Centro versus menos feminina em periferias da cidade.

Ele não se apresentava mais feminino em qualquer espaço do Centro, mas onde pudesse se sentir seguro para utilizar maquiagem, salto alto e bolsa. A *Vieira* correspondia a um desses espaços, inclusive por conta de haver ali pessoas que poderiam lhe oferecer suporte e proteção.

Em outras regiões do Centro ou em periferias ele evitava se apresentar mais feminino por conta do receio de sofrer agressões físicas ou verbais, especialmente se estivesse sozinho. Contudo, ele se sentia seguro para experimentar esses estilos corporais em diferentes regiões da cidade caso pudesse contar com suporte e proteção de outras pessoas. Ele então se apresentava mais feminino em diferentes espaços na região metropolitana de São Paulo quando estava com membros da *família* Stronger ou da *família* Fênix, das quais participou em diferentes momentos em que o acompanhei durante meu trabalho de campo⁷⁹.

Darci tinha um cuidado específico em relação a seus estilos corporais quando estava em Guaianases. O uso de maquiagens, sapatos de salto alto e bolsas nesse bairro poderia ser especialmente indesejável para esse interlocutor. Ainda quando estava distante de sua casa ou da escola onde estudava, havia grande possibilidade de que Darci se encontrasse ou fosse visto por familiares, vizinhos e colegas.

Nesse bairro ele então evitava certo rearranjo de elementos e, com isso, apresentava-se menos feminino a fim de reduzir eventuais tensões. O problema dos membros da família de Darci era o fato de reprovarem uma apresentação mais feminina

⁷⁹ Em 2014, quando conheci esse interlocutor, ele era membro da Stronger. Alguns meses depois ele saiu da *família* por conta de conflitos com outros membros desta rede. Darci rapidamente ingressou em outra *família*, a Fênix, para ter chance de contar com o suporte e a proteção de outros adolescentes e jovens que também compunham a *Vieira* e demais espaços que lhe eram importantes. Eu discuto sobre a Stronger na seção "Luto em *família*", do capítulo "Nas redes dos *xaxos* e *amizades*". E na seção "Rolê com *respeito*" deste capítulo eu discuto sobre a Fênix.

deste interlocutor, o que poderia ameaçar sua permanência na casa onde residia. O problema de alguns colegas e de alguns vizinhos de Darci era o fato de reprovarem os estilos corporais deste interlocutor a ponto de lhe agredirem verbal e fisicamente.

Além das situações indicadas a partir da trajetória de Darci, outro interlocutor favorece a reflexão sobre a elaboração de estilos corporais em outro contexto. Então destaco Túlio a fim de pensar sobre a relação entre seus estilos corporais e seus deslocamentos espaciais em Barretos.

Conforme indicado na seção “*Pegar amizade*”, do capítulo “*Nas redes dos xaxos e amizades*”, Túlio se deslocava por Barretos necessariamente a pé. Em grande parte das ocasiões em que estive com este interlocutor, caminhamos. Assim observei seus trânsitos por espaços e entre espaços de modo distinto em relação ao que pude observar junto a outros interlocutores com quem estive em trânsito não apenas a pé, mas utilizando carro, motocicleta, ônibus, trem e metrô.

No período em que o conheci, no segundo semestre de 2014, Túlio trajava em seu cotidiano roupas e acessórios cujos cortes e modelos eram convencionalmente associados a mulheres, tais como calças com estampas e bolsas. Ele mantinha seu cabelo preto encaracolado e longo à altura dos ombros com um penteado que ressaltava o volume dos cachos. Ele também retirava os pelos de sua barba e das axilas, de modo que deixava essas partes de seu corpo totalmente depiladas.

O estilo *dragzinha* – nomeado assim por Túlio – estava relacionado a um contexto de experimentação relativo às artes, visto que ele estava investindo havia alguns anos em sua formação como ator e também havia recém-iniciado um curso de dança estilo jazz.

O estilo, contudo, não era somente ou isoladamente o que estava em destaque em situações de represália sofridas por Túlio. O modo como ele caminhava era convencionalmente associado a mulheres, mas ele não tinha intenção e não buscava ser entendido como tal.

Em função disso, Túlio era interpelado por pessoas que presumiam que ele seria *gay*. A conjugação de estilo e modos de se movimentar rendiam a esse interlocutor uma visibilidade que ele não desejava ou mesmo reivindicava. Ele sentia desconforto por conta de ser frequentemente apontado em vias públicas ou em outros espaços.

Enquanto caminhávamos por Barretos era possível notar olhares de estranhamento direcionados a Túlio e, não raro, pessoas chamavam sua atenção ao gritarem em sua direção. Em uma tarde habitualmente quente nessa cidade, estávamos atravessando a

Praça Central quando alguém – presumivelmente um homem – passou de carro na rua e disse a Túlio com uma voz grave e intempestiva: *Vai virar homem!*

Em 2014, Túlio visitou São Paulo a fim de prestar um processo seletivo para um curso de formação de atores (sobre esse tema, conferir a seção “*Pegar amizade*”, do capítulo “*Nas redes dos xaxos e amizades*”). Caminhamos juntos pelo Centro expandido de São Paulo, onde ele disse ter se sentido à vontade e não se percebeu apontado pelas pessoas. Na região da Avenida Paulista, na Rua Augusta e na região da República, ele comentou que, diferente do que lhe era habitual, ele se sentia *apenas mais um*.

Em seu cotidiano em Barretos, Túlio foi gradualmente modificando seu estilo. Conforme eu realizava incursões a campo nessa cidade entre 2014 e 2015 fui notando que o estilo *dragzinha* foi transitando para um estilo *homenzinho*, como ele nomeou. Túlio foi abdicando do uso de bolsas, cortou seus cachos, passou a manter seu cabelo raspado e não mais depilava seu buço.

Essa transição está relacionada à saída de Túlio de alguns cursos e companhias de teatro dos quais ele fazia parte e, ainda, à tentativa de buscar emprego em Barretos. Como havia concluído o Ensino Médio e não foi possível passar no curso de formação de atores em São Paulo, ele precisava se organizar na cidade onde vivia para seguir estudando e prestar vestibular. Após o Ensino Médio ele também não poderia mais contar com o auxílio financeiro que tinha dos pais, o que tornava necessário que trabalhasse. Essa mudança de estilo, segundo Túlio, favoreceria que ele tivesse mais chances de trabalho na cidade.

Nas ocasiões em que caminhamos juntos em Barretos quando o estilo *homenzinho* era acionado não havia olhares em represália do modo como surgiam no período do estilo *dragzinha*. Contudo, o investimento no estilo *homenzinho* não foi acompanhado por uma mudança no modo com Túlio caminhava. Então, mesmo que menos frequentes e talvez menos agressivos, ainda havia olhares de reprovação a esse interlocutor.

Em outra tarde habitualmente quente em Barretos, estávamos Túlio e eu em um supermercado fazendo compras para que lanchássemos. Uma pessoa – presumivelmente um homem – passou por nós neste estabelecimento comercial e balbuciou *Bicha!* na direção de Túlio em tom de reprovação. Na mesma tarde, enquanto andávamos pela cidade, avistamos um muro onde estava grafitada a frase *Respeita as gay*. Esse interlocutor gostou do que se lia no muro e pediu que eu tirasse uma foto em que ele aparecesse ao lado da frase, tendo o muro como fundo da imagem. Enquanto Túlio se

organizava para a foto, alguém – presumivelmente um homem – passou por ele e comentou em voz alta e em tom de reprovação *Até parece que não é gay!*

A reação de Túlio a essas situações dificilmente era o confronto direto com aqueles que o interpelavam em tom de reprovação. Ele não reivindicava visibilidade por se entender ser *gay* e, mesmo assim, não entendia que a existência de tal visibilidade era um problema. Os modos como ele era apontado ou ridicularizado em seus trânsitos em Barretos em função de tal visibilidade é que se tornava um problema com o qual ele não sabia lidar⁸⁰.

4.1.2. *Rolê com respeito*

Em 2014 pude acompanhar interlocutores pelas paradas do Orgulho LGBT em São Paulo, Santo André e Guarulhos. Além dos adolescentes e jovens que me convidaram a comparecer às paradas em sua companhia, pude encontrar muitos outros nas marchas de cada uma das cidades.

Considerando as paradas como eventos que favorecem intensa visibilização da homossexualidade no espaço público, a participação de alguns interlocutores no evento de Guarulhos permite destaque a como eles podem lidar com exposição ou ocultamento de condutas homossexuais em seus trânsitos pela região metropolitana.

No domingo de setembro em que ocorreria a Parada de Guarulhos, eu me encontrei com Danilo no lugar que havíamos combinado, a estação de metrô República (na região central de São Paulo). O garoto é pardo, tem 22 anos, morava em Embu das Artes, cidade da região metropolitana, trabalhava em uma empresa no Morumbi, na zona sul. Ele fundou a *família* Fênix e era o único *pai* desta rede de adolescentes e jovens.

Quando eu o encontrei, Danilo trajava calça jeans, tênis, boné e uma camiseta estampada, além de portar uma mochila grande em suas costas. Chamava atenção no garoto uma maquiagem cujo desenho preenchia seu rosto inteiro e havia sido inspirada na cabeça de um gato. Ele me pediu ajuda para que pudesse trocar de roupas, calçados e acessórios em um processo que faria surgir o Fênix, uma personagem de sua criação.

Fomos a um espaço com pouca circulação de pessoas na própria estação e eu dei cobertura para que Danilo fosse *guardado na mochila*, como ele mesmo disse. Ele

⁸⁰ Nas situações em que interlocutores eram agredidos verbal ou fisicamente eu oferecia suporte de diferentes maneiras a depender do contexto. Meu posicionamento era elaborado junto aos interlocutores de modo a organizar condições de defesa ou condições de reação a eventuais ataques.

perguntou se eu queria acompanhá-lo mesmo que ele estivesse montado. *Você não tem problema de andar comigo montado? Você não tem vergonha de andar comigo?* Afirmei que estava honrado pela possibilidade de acompanhá-lo daquela forma, naquele dia.

O Fênix surgiu de cartola alta vermelho escuro, blazer preto, calça *legging* preta e bota de cano alto com salto. A partir de então eu carreguei a mochila, pois Danilo não estava mais ali para fazê-lo.

Logo chegaram à estação República um *filho* e a *ex-mãe* da *família* (um garoto que fora *namorado* de Danilo). Eu os acompanhei pelo metrô até uma estação onde pegamos um ônibus que nos levou ao Centro de Guarulhos, onde ocorria a concentração da Parada.

Em todo o caminho pelo transporte público Fênix foi assediado para que tirasse fotos com transeuntes. Ainda que estivesse sofrendo por conta do sapato, que lhe havia sido emprestado e cujo número era dois números menor que o recomendado para seus pés, ele desfilou exibindo a si e a seus *filhos*. Outros membros da *família* se agregavam ao nosso grupo na medida em que nos encontrávamos no percurso da Parada.

Em meio à multidão de milhares, Fênix se portava de modo mais solene com sua indumentária escura sob o sol de uma tarde quente de domingo. Seus *filhos* se demonstravam geralmente eufóricos e dançavam quando em cada um dos trios elétricos tocava *funk* ou *drag music*.

Era noite quando *pai* e *filhos* decidiram ir embora. Eu os acompanhei. Ao chegarmos a um ponto de ônibus para aguardarmos o ônibus que nos levaria a alguma estação de metrô em São Paulo, Fênix se sentou para amenizar a dor em seus pés. Ainda extasiados por conta da Parada, seus *filhos* brincavam e falavam alto. Foi então que dois garotos que eram *namorados* e *filhos* de Fênix arriscaram um beijo em público na presença de seu *pai*. Mesmo com os pés sangrando, Fênix levantou-se e, aos brados, separou o casal de jovens: *se vocês fizerem isso de novo eu vou dar um murro em vocês!*

Inicialmente a fala de Fênix me soou sarcástica, pois não haveria problema em alguma manifestação de afeto por parte de seus *filhos* enquanto estivessem ali reunidos em *família* e, portanto, protegidos de alguma forma.

A afirmação não me parecia séria porque eu havia flagrado situações em que Danilo e outros membros da *família* demonstravam afeto com outros homens nos encontros de domingo no Largo do Arouche. Como o *pai* era dado à zombaria, considerei que seu posicionamento perante o casal correspondia a mais uma de suas brincadeiras.

Contudo, Fênix foi enfático e sério o suficiente para que seus *filhos* entendessem que de fato ali em Guarulhos após a Parada não poderiam se beijar em público.

Em diálogo após o episódio no ponto de ônibus o *pai* da *família* me disse que não se deve deixar de *se dar ao respeito*. O beijo em público entre dois homens naquele espaço e ocasião soaria como uma afronta a *heterossexuais* e intensificaria a possibilidade de agressão aos adolescentes e jovens.

Excetuando a manifestação de afeto em público, Fênix defende e estimula que seus *filhos* deem *close*, ou seja, chamem atenção ou causem frisson por conta de alguma ação extravagante no contexto em que é executada⁸¹. Ele também apoia que seus *filhos* adotem estilos corporais nos quais eles reorganizem roupas e acessórios convencionalmente associados a mulheres.

O caso da *família* Fênix na Parada de Guarulhos favorece a reflexão sobre quais níveis de exposição são desejáveis, por quais agentes e em quais espaços. Em contato com outros interlocutores notei divergência de posicionamentos entre aqueles que seriam mais afeitos à lógica do *respeito* e outros que se mobilizariam na lógica do *close* sempre que houvesse oportunidade ou menor risco de represália.

4.2. Festas

4.2.1. Festas de menor

Na seção “Atrás do Mercado das Flores”, do capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens”, menciono que alguns dos atores que coelaboravam a *Vieira* são relacionados ao mercado de produtos e serviços voltados à população LGBT. Dentre tais atores, constavam os promotores de eventos que divulgavam suas atividades e inclusive conduziam a pé alguns grupos de adolescentes e jovens até boates da região da República.

Ademais, na seção “Os caminhos dos *rolês*”, do capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*”, menciono uma situação em que membros da *família* Vallentyne Lawiny compareceram a uma festa realizada em uma boate na região metropolitana de São Paulo.

Em distintas ocasiões durante meu trabalho de campo, identifiquei a atuação de alguns desses atores envolvidos na organização e divulgação de festas frequentadas por

⁸¹ A expressão *dar close* a partir de vários interlocutores de pesquisa alude à exposição de si e de suas relações afetivo-sexuais. Então *dar close* pode ser compreendido aqui como tornar algo visível ou tornar-se visível.

adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais. Acompanhei meus interlocutores em algumas dessas atividades em boates, principalmente aquelas que eram reconhecidas por eles como festas *de menor*.

Esse termo – *de menor* – era acionado para aludir a festas que permitiam entrada de pessoas cuja idade não as tornariam legalmente aptas a inúmeros afazeres, compromissos e acordos considerando a legislação brasileira⁸². As festas *de menor* não eram destinadas exclusivamente a adolescentes, mas este público era parte considerável dos frequentadores destes eventos.

Nas ocasiões em que compareci a festas *de menor* pude identificar elementos em comum entre elas, ainda que as atrações, seus organizadores e as boates onde ocorressem fossem diversos.

Esses eventos em geral abriam as portas ao público frequentador às 23 horas e o encerramento das atividades ocorria entre as 5 e 6 horas. Não se trata de matinês adaptadas para adolescentes, onde há, por exemplo, restrições à comercialização de bebidas alcoólicas e restrição de funcionamento durante madrugadas⁸³. As festas *de menor* ofereciam atrações e espaços como aqueles oferecidos em festas destinadas exclusivamente a adultos, contudo, os organizadores das *de menor* eram cientes e autorizavam o acesso de adolescentes.

Em se tratando de eventos, as festas *de menor* eram itinerantes e poderiam ocorrer em qualquer espaço. Ocasionalmente a mesma boate poderia ser alugada diversas vezes para o mesmo evento, mas não havia uma associação compulsória entre boate e evento. Ainda que essas festas ocorressem em várias regiões de São Paulo, eram mais frequentes os eventos em boates localizadas nas periferias de São Paulo e da região metropolitana.

O preço cobrado para a entrada nas boates no dia em que ocorriam as festas *de menor* oscilava entre 10 e 20 reais. Em geral havia isenção de cobrança de entrada, o que era chamado de entrada *vip*⁸⁴. Esse era um recurso acessível a quem possuía algum panfleto promocional ou a quem registrava seu nome em listas de frequentadores.

⁸² A comercialização de bebidas alcoólicas e produtos que possam causar dependência física ou psíquica para adolescentes e jovens, por exemplo, não são consideradas atividades legais no Estatuto da Criança e do Adolescente.

⁸³ No trabalho de campo que desenvolvi entre 2010 e 2012 a partir de Goiânia durante minha pesquisa de mestrado, meus interlocutores adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais frequentavam festas matinês em que era interdita entrada, venda e consumo de bebidas alcoólicas; não era autorizado acesso a *dark room*; não era permitida a entrada de pessoas maiores de 21 anos de idade; e atividades eram encerradas até as 22 horas. Conferir Perilo (2014).

⁸⁴ Trata-se de um acrônimo elaborado a partir da expressão *very important person*, que pode ser traduzido como “pessoa muito importante”.

Ocasionalmente havia a opção de pagamento de um pacote chamado *open bar*⁸⁵. Geralmente eram cobrados entre 30 e 40 reais por tal pacote, o que incluía entrada e consumo irrestrito de algumas bebidas.

Dentre meus interlocutores, poucos eram aqueles que dispunham de condições para pagar os preços cobrados para entrada nas boates nos dias de festa *de menor*. Havia ainda menos interlocutores que poderiam pagar o *open bar*. Muitos frequentavam esses eventos apenas se pudessem ter acesso à entrada *vip*.

Os estilos musicais que predominavam nas festas *de menor* eram *funk*, *axé* e *pop*. Músicas relativas a cada um desses estilos eram tocadas em sequência, de modo que era possível observar uma espécie de programa: em certo momento se escutava apenas *funk*; em outro momento, *axé*; então, *pop*.

A atenção à música é importante, pois vários de meus interlocutores frequentavam as festas *de menor* demandando dançar. Era comum que esses adolescentes e jovens passassem a noite completamente suados por conta da intensa movimentação de seus corpos e ocasionalmente por conta do precário sistema de ventilação de algumas boates.

As coreografias associadas às músicas que tocavam nessas festas poderiam ser melhor executadas caso fossem utilizadas roupas decotadas e/ou de tecidos mais maleáveis. Grande parte dos frequentadores desses eventos comparecia com bermudas e com camisetas de manga curta ou cavada.

Em uma das noites em que estive em uma festa *de menor* um interlocutor que estava trajando calça dizia que naquela ocasião ele estava *comportado*. Havia uma queixa em sua afirmação, pois durante a festa ele desejou dançar e não tinha boas condições de fazê-lo por conta de sua roupa. Ele então saiu à procura de pessoas de sua rede consultando-as sobre possibilidade de empréstimo de alguma peça de roupa mais adequada para que ele dançasse. Eu o encontrei posteriormente trajando uma bermuda curta engajado em várias coreografias ao som de *funk*.

Os organizadores de cada festa *de menor* buscavam associar elementos específicos aos eventos a fim de gerar um diferencial entre eles. Uma das festas mais frequentadas por meus interlocutores era a Exilium⁸⁶, na qual realizei algumas incursões a campo.

Ainda que a cada edição a Exilium fosse realizada em uma boate diferente, havia elementos recorrentes: as bebidas comercializadas (catuaba e vinho), os estilos musicais

⁸⁵ Expressão que pode ser traduzida como “bar livre”.

⁸⁶ Eu não indico o nome que de fato era utilizado como título da festa em função de procedimentos éticos na pesquisa.

predominantes (*funk*, *axé*, *pop*), entradas com preços entre 10 e 20 reais e público frequentador (majoritariamente adolescentes e jovens pretos e pardos com condutas homo ou bissexuais).

Havia nas festas *de menor* dois tensores que operavam em intensidades distintas a depender das atrações e interações entre seus frequentadores. Refiro-me a erotismo e violência, que, embora não possam ser dissociados em função de ocorrerem intrincados um no/pelo outro, a título de realização da análise podem ser observados tanto em conjunto quanto separadamente.

Ao mencionar erotismo eu aludo à dinâmica de flertes e interações eróticas – sobretudo beijos – entre os frequentadores dessas festas. Muitas pessoas estimulavam e eram estimuladas a *ficar* com pessoas do mesmo sexo. Esse estímulo era perceptível nas intervenções que organizadores e convidados faziam durante os eventos utilizando microfone e, ainda, em seus materiais de divulgação impressos ou digitais.

A violência como um tensor diz respeito à possibilidade de agressões verbais e confrontos físicos, o que geralmente ocorria nesses eventos. Em se tratando de festas *de menor*, parte considerável dos seus frequentadores também coproduziam espaços como a *Vieira*, a *Augusta* e o *Tatuapé*. Conflitos que surgissem nesses espaços poderiam culminar em rusga na Exilium, por exemplo. Furtos também eram comuns e inclusive previsíveis nesses eventos.

A entrada em boates não implicava em isenção de violência para seus frequentadores, pois ela era permeável às paredes dos edifícios. O que poderia diferenciar a experiência de violência em meio à Praça Coronel Sandoval de Figueiredo em relação à experiência de violência no mezanino de uma das boates eram as pessoas envolvidas. Enquanto no *Tatuapé* meus interlocutores poderiam sofrer agressão física por parte de diversos atores (os *skinheads*, os *noia*, os policiais militares), nas festas *de menor* os adolescentes e jovens pretos e pardos com condutas homo ou bissexuais eram os atores que sofriam e promoviam diferentes modalidades de violência entre si.

Em algumas ocasiões os conflitos poderiam ocasionar afastamento de pessoas que estivessem engajadas em alguma interação erótica. Em outras situações os flertes ocasionavam brigas que poderiam envolver confronto físico. O erotismo e a violência como tensores acompanhavam meus interlocutores em seus trânsitos pelo espaço e não cessavam ou diminuía nas boates, mas eram incidiam em intensidades distintas nos contextos das festas *de menor*.

Estive com a Vallentyne Lawiny em mais de uma edição da Exilium. Em diferentes festas tomei conhecimento de focos de tensão envolvendo os membros da *família* e outros frequentadores. Se eu estava com a Vallentyne Lawiny era importante que eu soubesse o que se passava com esta rede, pois no contexto das festas *de menor* eu poderia ser demandado tanto a amparar algum membro que precisasse de auxílio quanto recorrer ao auxílio da *família* na eventualidade de ser alvo de alguma tentativa de agressão física ou furto.

A violência como tensor demandava que frequentadores das festas *de menor* estivessem muito atentos à possibilidade de algum conflito enquanto paralelamente experimentavam música, flerte, danças e bebidas. As informações que circulavam relativas a possíveis ameaças e tensões eram diversas e seria prudente considerá-las, visto que não havia possibilidade de apurar se realmente procediam.

Em uma edição da Exilium, por exemplo, um membro da Vallentyne Lawiny me informou que eu estava correndo risco ao estar presente na festa naquela noite. Eu perguntei sobre qual seria a ameaça direcionada a mim, mas o interlocutor não foi preciso. Ele insistiu na recomendação de que eu saísse da boate dizendo *Vai sobrar pra você*. Eu então fui embora.

Em outra noite em mais uma Exilium havia grande tensão envolvendo um de meus interlocutores de uma *família LGBT* e outra pessoa também presente na festa. A boate estava lotada, sendo que dentre centenas de adolescentes e jovens constavam cerca de vinte membros dessa *família*. Enquanto várias pessoas se esforçavam para conseguir espaço na pista de dança para alguma coreografia ao som de *funk*, em um rompante meu interlocutor passou a trocar socos com outro jovem que era seu desafeto. Vários membros da *família* intervieram rapidamente a fim de separar as pessoas que brigavam e mantê-las distantes uma da outra após a troca de socos.

Ainda que a violência nas festas *de menor* pudesse em alguns momentos se tornar explícita por meio de tapas, chutes e socos, ela parecia ao menos não ser letal como poderia ocorrer nas vias públicas contíguas às boates. Cabe lembrar que Kaique dos Santos, assim como mencionado no capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*”, foi assassinado em janeiro de 2014 aos 17 anos de idade logo após ter saído sozinho de uma Exilium no Centro de São Paulo.

A relação entre erotismo e violência nos contextos das festas *de menor* eram temas que compunham preocupações de alguns de meus interlocutores, sobretudo *pais* das *famílias LGBT*. Enquanto reconheciam que muitos adolescentes e jovens com condutas

homo ou bissexuais talvez não pudessem acessar outros espaços para interações eróticas ou mesmo onde pudessem ter visíveis suas relações sem que sofressem represália, eles também destacavam a precariedade da segurança e a vulnerabilidade dos frequentadores desses eventos.

A preocupação de alguns de meus interlocutores em relação a festas *de menor* sinalizava uma tensão entre denunciar estes eventos (e, com isso, eventualmente ameaçar sua continuidade) e silenciarem-se a fim de invisibilizar estrategicamente os problemas das festas (o que estimularia a manutenção de tais eventos).

O que prevaleceu dentre meus interlocutores durante meu trabalho de campo foi o segundo posicionamento. O silêncio e invisibilidade estratégica eram possíveis em função da ausência ou precariedade de fiscalização por parte de agentes estatais sobre as festas *de menor*. Um eventual alarde em relação ao que se passava nesses eventos poderia gerar sua interdição e, por conseguinte, adolescentes teriam reduzidas suas margens de possibilidades em acessar espaços que demandavam e frequentavam.

Em uma discussão sobre marcos legais e políticas públicas para crianças e adolescentes no Brasil, Vanessa Leite (2013) indica uma transformação no entendimento de gestores públicos, parlamentares e atores de movimentos sociais sobre crianças e adolescentes que ocorreu entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990 e que pode ser observada no processo de elaboração e promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Nesse período tornou-se mais evidente uma transição, sendo que crianças e adolescentes deixaram de ser entendidos na legislação brasileira como vítimas ou algozes e passaram a ser reconhecidos como “sujeitos de direitos”⁸⁷.

Gabriel Feltran (2011) indica que o ECA representou uma ruptura em relação ao paradigma legal que existia no país. O marco legal anterior era reconhecido como o Código de Menores⁸⁸ e estava relacionado ao paradigma da “situação irregular”, o que sinalizava que crianças e adolescentes que cometessem atos infracionais “seriam desviantes da ordem social normativa” (FELTRAN, 2011, p. 191). O ECA foi produzido pelo paradigma da “proteção integral”, o que indicava que crianças e adolescentes eram indivíduos que precisavam ter proteção especial do Estado e cujos direitos deveriam ser assegurados e, quando necessário, restituídos (FELTRAN, 2011).

⁸⁷ Nesse processo de mudança indicado por Leite (2013), a sexualidade como um direito também emergiu como um tema em meio aos debates e controvérsias relativas a adolescentes.

⁸⁸ O primeiro Código de Menores foi promulgado pelo decreto 17943-A de 12 de outubro de 1927. Houve uma segunda edição desse código promulgada pela lei 6.697, de 10 de outubro de 1979, que vigorou até quando o ECA foi promulgado pela lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

O estímulo oferecido a adolescentes para que se engajassem em relações afetivo-sexuais nas festas *de menor* poderiam ser entendidos como infrações considerando o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente. A venda de bebidas alcoólicas e autorização de seu consumo dentro das boates também poderiam ser consideradas como elementos problemáticos desses eventos considerando a legislação brasileira.

A existência de espaços de encontro e convivência que possibilitassem experimentações relativas à dança, consumo de bebidas, flerte e, eventualmente, práticas eróticas estimulava que centenas de adolescentes e jovens recorressem às festas *de menor*. As pessoas envolvidas na organização e divulgação desses eventos poderiam explorar comercialmente esse nicho de mercado tendo em vista a omissão de agentes estatais de fiscalização e de segurança pública. Essa fissura entre legislação e o que meus interlocutores experimentavam em seu cotidiano permitia que as festas *de menor* se tornassem espaços aos quais eles poderiam recorrer.

Algumas das principais demandas dos adolescentes e jovens com quem convivi em São Paulo e em Barretos eram relativas à produção e manutenção de espaços de encontro e convivência. Ainda que em São Paulo houvesse espaços como a *Vieira* e a *Augusta*, não seria estratégico que fossem extintos demais espaços que eventualmente pudessem ser coelaborados por meus interlocutores.

O silêncio e invisibilidade estratégica sobre eventuais infrações legais que ocorressem nas festas *de menor* e, principalmente, sobre problemas relativos à segurança de frequentadores destes eventos não devem ser entendidos como omissão por parte de meus interlocutores (sobretudo os *pais de famílias LGBT*). Havia constante atenção sobre as festas, de modo que informações sobre seus organizadores e possíveis denúncias eram compartilhadas e apuradas em redes compostas por membros de *famílias* e *militantes*.

O não acionamento de canais formais de denúncia e investigação correspondia a uma maneira de evitar intervenção de agentes estatais (de segurança pública, por exemplo) e intensa exposição desses eventos e de seus frequentadores (em veículos de comunicação diversos). O silêncio e a invisibilidade estratégica estavam então relacionados a um modo de oferecer assistência aos frequentadores das festas *de menor* independente do Estado⁸⁹.

⁸⁹ Outras medidas eram acionadas pelos *pais de famílias LGBT* para reduzir a vulnerabilidade de seus *filhos* nas festas *de menor*. Além da recomendação de que membros dessas redes comparecessem juntos a esses eventos, alguns *pais* estipulavam como regra que seus *filhos* não poderiam consumir bebidas alcoólicas.

Uma denúncia formal a esses eventos fundamentada no argumento da precariedade da segurança oferecida a seus frequentadores poderia ser frágil em si. Em São Paulo e região metropolitana as políticas de segurança pública poderiam também ser precárias ou mesmo inexistentes.

Não por acaso as *famílias LGBT* foram constituídas por adolescentes e jovens pretos e pardos tais como meus interlocutores. Assim como discuto no capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*”, os adolescentes e jovens que acompanhei durante o trabalho de campo apresentavam uma explícita demanda por suporte e proteção nos espaços de encontro e de convivência que coproduziam em São Paulo.

Ao menos desde a década de 2000 há referências socioantropológicas produzidas no Brasil relacionadas aos campos de estudos sobre gênero e sexualidade indicando ruas, largos, praças e parques como espaços pelos quais adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais de estratos populares têm produzido encontros⁹⁰. Nas diferentes etnografias que pude consultar, esses encontros em logradouros públicos produzem e são produzidos por conflitos entre jovens e outros atores sociais, incluindo agentes de segurança pública.

Ainda que também possa haver violência dentro de boates, adolescentes e jovens poderiam estar menos desprotegidos dentro delas em comparação a ameaças e violências que poderiam experimentar nas ruas. As festas *de menor* que identifiquei em meu trabalho de campo não são novidades para adolescentes e jovens a fim de que componham espaços menos inseguros. Regina Facchini (2008) indica, por exemplo, que durante o trabalho de campo em sua pesquisa de doutoramento (realizada na cidade de São Paulo entre 2003 e 2007) ela identificou matinês realizadas aos domingos em boates na região da República cujo público era majoritariamente composto por adolescentes e jovens de estratos populares.

As festas *de menor* que identifiquei em meu trabalho de campo não eram novidades, mas, como indiquei anteriormente, se diferenciavam das matinês porque não restringiam a seus frequentadores a possibilidade de experimentar o que adultos poderiam acessar em boates. O silêncio e invisibilidade estratégica de alguns *pais* das *famílias LGBT* e demais interlocutores engajados em *militância* eram então acionados para garantir a existência das festas *de menor*, onde adolescentes e jovens pudessem

⁹⁰ Destaco os trabalhos de Bruno Puccinelli (2013); Isadora Lins França (2010); Marcelo Perilo (2014) e Regina Facchini (2008).

experimentalizar outras oportunidades e trânsitos sem que houvesse a presunção de que em qualquer espaço estariam irrestrita e plenamente seguros, pois não estavam.

Outra eventual presunção a partir do debate sobre as festas *de menor* seria supor que órgãos e agentes estatais estariam engajados em reconhecer adolescentes e jovens pretos e pardos com condutas homo ou bissexuais de estratos populares moradores de periferias como “sujeitos de direitos”, inclusive organizando-se para assegurar e restituir seus direitos. O público majoritário das festas *de menor* coincide com a população que é exterminada cotidianamente nas periferias, inclusive pelos agentes e instituições estatais de segurança pública.

Ainda que houvesse denúncia formal sobre esses eventos (e independente da necessidade de denúncia formal sobre infrações que neles ocorriam) pode-se aventar que a ausência ou precariedade na fiscalização tem relação com seus frequentadores. Considerando que classe, raça, sexualidade e gênero se entrecruzam produzindo certo público para essas festas, o termo *menor* deveria ser entendido assim como observei sua aplicação em campo: não como adjetivo, mas substantivo.

Mariza Corrêa (1982) indica que desde o Código de Menores de 1927 o termo “menor” foi sendo construído como um sinônimo de delinquente. A transformação de “crianças” em “menores” corresponde a uma das implicações de políticas de Estado e produção acadêmica fundamentados em ideologias fascistas em voga na primeira metade do século 20 que convertiam aqueles que eventualmente infringissem marcos legais em potenciais “criminosos” (CORRÊA, 1982).

Os referenciais que fundamentaram o Código de Menores não foram sepultados junto a esse marco legal quando da emergência do Estatuto da Criança e do Adolescente. A mudança do paradigma da “situação irregular” para o paradigma da “proteção integral”, assim como indicado por Feltran (2011), provavelmente não alcança meus interlocutores, que continuam sendo produzidos e entendidos como *menores* a despeito do ECA.

Ao operarem silêncio e invisibilidade estratégica, os *pais de famílias LGBT e militantes* não apelavam apenas à garantia de existência de espaços de encontro e convivência demandados por adolescentes e jovens pretos e pardos com condutas homo ou bissexuais de estratos populares moradores de periferias. Essa postura, no limite, corresponde à tentativa de garantir a existência dessas pessoas.

4.2.2. Festa do Peão

No capítulo “Introdução” indico minhas motivações e objetivos a fim da realização do trabalho de campo em outra cidade além de São Paulo e também indico as condições que eu dispunha para realizar tal trabalho em Barretos. Minha intenção era identificar uma rede de interlocutores em potencial em alguma cidade diferente de São Paulo em termos de escala e com configurações diversas em termos de regimes de visibilidade da homossexualidade.

A fim de me organizar para as primeiras incursões a campo em Barretos consultei pesquisadores que destacaram a Festa do Peão de Boiadeiro como um evento importante a ser considerado para que eu pensasse sobre a cidade. Contudo, antes de minhas incursões a campo eu não sabia em que medida deveria considerar essa festa.

Observei durante o trabalho de campo que Barretos é insistente e cotidianamente construída em associação à Festa do Peão. Alguns dos atores que protagonizam esse movimento são os organizadores do evento⁹¹, a Secretaria Municipal de Turismo⁹² e os inúmeros empresários, sobretudo aqueles que trabalham em setores relativos à hotelaria.

Eu não tinha intenção de reforçar a associação entre Barretos e a Festa do Peão e tampouco desejava comparecer ao evento como se eu o pensasse de antemão como um elemento importante para a tese. Fui demandado por meus interlocutores a considerar esse evento porque eles o narravam como elemento fundamental para se pensar a cidade e porque alguns deles me levaram ao evento.

A Festa do Peão de Boiadeiro ocorre anualmente e geralmente ocorre no mês de agosto⁹³. A programação desse evento inclui shows, rodeios, festas temáticas e feira comercial em onze dias de atividades. As atrações ocorrem no Parque do Peão⁹⁴, um espaço de exposições com área estimada em dois milhões de metros quadrados⁹⁵.

⁹¹ O grupo que fundou a Festa do Peão e que a organiza a cada edição é autodenominado Os Independentes e é composto por um conjunto de empresários.

⁹² A Festa do Peão compõe o calendário oficial de eventos de Barretos e a Secretaria Municipal de Turismo divulga esta festa como uma atração da cidade.

⁹³ A fundação da cidade de Barretos ocorreu em 25 de agosto de 1854. A Festa do Peão ocorre em agosto desde quando foi fundada (em 1956) porque tem sido relacionada às atividades de comemoração da fundação da própria cidade.

⁹⁴ Em 1985 esse parque se tornou o espaço onde a Festa do Peão passou a ser promovida. Antes disso o evento era realizado dentro do perímetro urbano de Barretos. O grupo Os Independentes é proprietário do Parque do Peão.

⁹⁵ A área desse parque além daquela onde ocorrem as atrações referentes à Festa do Peão é utilizada para estacionamento e camping (INDEPENDENTES, 2016).

As pessoas interessadas em participar de alguma atração da festa precisam pagar pelo acesso ao Parque do Peão. Há vários espaços no parque e há diferentes preços para os ingressos: os mais baratos permitem acesso a alguns espaços e os ingressos mais caros permitem que se acessem muitos deles. Os preços dos ingressos também variam a depender do dia da semana e da programação do evento⁹⁶.

As bandas, duplas, cantores e DJ⁹⁷ que se apresentam nesse evento conformam um conjunto de atrações com repertório variado. Ainda que os organizadores da Festa do Peão destaquem em sua programação os artistas associados a estilos musicais como sertanejo e *country*, há atrações associadas a estilos diversos de música eletrônica, *funk*, *rock* e *pop*.

O sertanejo e o *country* estão associados a um referencial estilístico que incluem roupas produzidas com jeans ou tecidos de algodão com estampas em xadrez; calçados específicos, como botas de cano médio ou alto; e acessórios, como chapéus e cintos com fivelas grandes. Durante os dias da festa muitas pessoas comparecem ao Parque do Peão utilizando alguns desses itens ou todos ao mesmo tempo.

Ainda que as atividades promovidas pelos organizadores da Festa do Peão ocorram exclusivamente no Parque do Peão, seus impactos incidem de diversas maneiras e em intensidades variadas sobre toda Barretos. Quem não comparece ao evento pode identificar na cidade – ao menos em sua região central – uma movimentação excepcional de pessoas. Os hotéis trabalham com sua capacidade máxima e cobram diárias cujos preços são consideravelmente maiores que aqueles cobrados no restante do ano.

Há interrupção no período letivo das escolas e faculdades, o que faz com que crianças, adolescentes e jovens sejam diretamente afetados durante os dias do evento. Surgem diversas vagas de empregos temporários no mercado de serviços da cidade e especialmente no Parque do Peão.

O referencial estilístico envolvendo chapéus, fivelas, botas e estampas em xadrez ganha ampla visibilidade em Barretos durante a Festa do Peão. Esse estilo sertanejo ou *country* na cidade parece excepcional e relativo ao evento em questão, pois contrasta com o que observei em todas as incursões a campo em períodos em que a festa não estava

⁹⁶ No período de segunda a quinta-feira os ingressos são em geral mais baratos. Em 2016, na 61ª edição da festa, por exemplo, os ingressos para esse período eram vendidos com preços a partir de 10 reais. No período de sexta-feira a domingo os ingressos são mais caros e também nestes dias ocorrem shows de artistas mais famosos. Os ingressos para esses dias na 61ª edição da festa eram vendidos a preços a partir de 110 reais.

⁹⁷ Esse acrônimo corresponde à expressão *disc jockey*. O termo *disc* pode ser traduzido como disco e o termo *jockey* pode ser entendido como manobrista, o que permite que DJ seja entendido como um manobrista de discos (MIRANDA, 2006).

sendo realizada. Meus interlocutores que residiam em Barretos inclusive destacavam seu estranhamento frente a esse estilo, pois o uso dos acessórios e roupas mencionadas não era generalizado na cidade.

Enquanto o peão é celebrado em um evento com onze dias de duração, transborda em outras regiões de Barretos um referencial de estilo de vida associado ao sertanejo e o *country*. No período do evento há situações em que homens andam a cavalo em grupo pelas ruas da região central, por exemplo. Os adolescentes e jovens com quem convivi a partir de Barretos estranhavam esse tipo de acontecimento sinalizando que não correspondia ao que experimentavam em seu cotidiano.

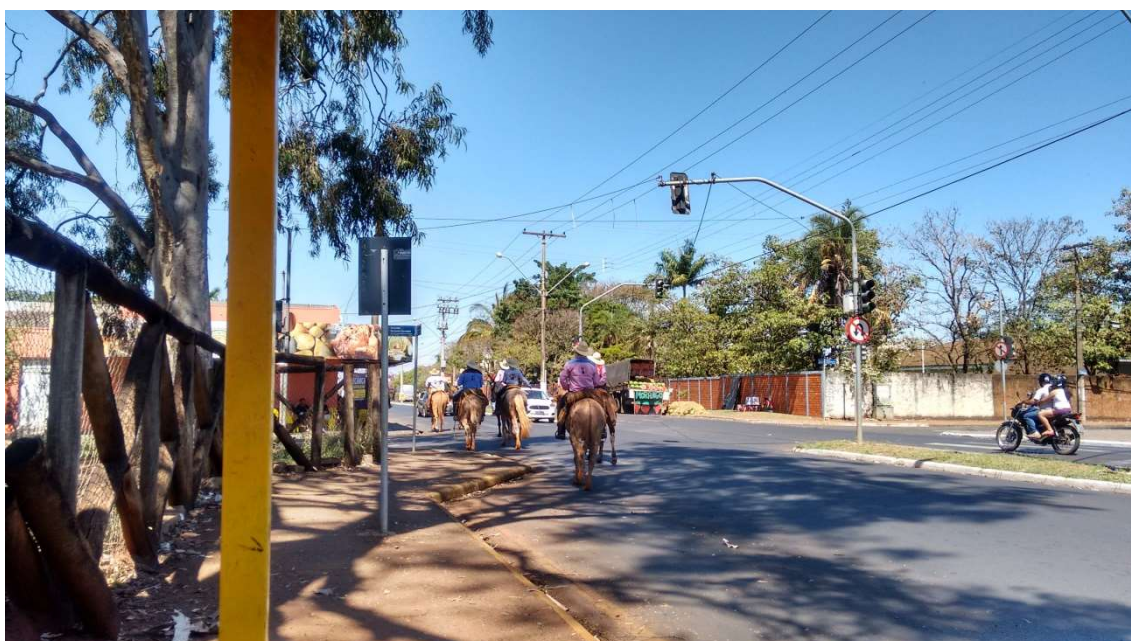


Imagem 13. Pessoas andando a cavalo em Barretos durante a Festa do Peão. Fonte da imagem: fotografia de minha autoria para o acervo da pesquisa.

Compareci a algumas atrações da Festa do Peão de Boiadeiro em suas 59^a e 61^a edições ocorridas em 2014 e 2016, respectivamente. Houve ocasiões em que fui ao Parque do Peão na companhia de alguns interlocutores e em outras ocasiões eu os encontrei diretamente no parque. Compareci ao evento em algumas noites e madrugadas, pois eram os períodos nos quais meus interlocutores desfrutavam do evento.

O interesse na Festa do Peão não era generalizado entre os adolescentes e jovens que acompanhei a partir de Barretos. Havia alguns que desejavam comparecer, mas não tinham condições de pagar por ingressos e pelo consumo de alimentos no parque.

Havia outros interlocutores que compareciam ao Parque do Peão a fim de trabalhar aproveitando a oferta de vagas temporárias. Se trabalhassem no evento não precisariam

pagar ingresso, então alguns interlocutores eventualmente continuavam no parque para experimentar atrações da festa ao final da jornada de trabalho.

Era excepcional que algum interlocutor se interessasse pelo evento e dispusesse de condições para pagar o ingresso e os itens que consumisse no parque. Janos era um dos entusiastas da festa e tinha condições de pagar para ter acesso ao parque, além de consumir comidas e bebidas. Ele acompanhou atrações em quase todos os dias das edições que ocorreram no período em que realizei trabalho de campo.

Em um dos dias em que esse interlocutor compareceu ao evento em sua 59ª edição – que ocorreu em 2014 – eu o acompanhei desde o momento em que ele se deslocou do Centro de Barretos até o Parque do Peão e, posteriormente, no caminho de volta. Utilizamos uma linha especial de ônibus para a ida ao evento em noite de quarta-feira e para retornarmos ao perímetro urbano da cidade na madrugada de quinta-feira⁹⁸.

Quando Janos e eu entramos no ônibus havia muitas pessoas sentadas ou em pé que utilizavam camisas com estampa em xadrez, chapéu e bota. Várias pessoas cantaram músicas em estilo sertanejo ou *country* em todo o trajeto até o parque. Aliás, em todas as ocasiões em que fui à festa utilizando esse ônibus eu notei a prevalência desse estilo corporal e de canções desse estilo musical.

Janos nessa noite também utilizava peças de roupas e acessórios similares àquelas que a maioria das pessoas no ônibus trajava, ainda que em seu cotidiano em Barretos ele não utilizasse esses itens. Enquanto o ônibus seguia pela estrada, Janos me contou sobre seus relacionamentos com homens – tanto os *namorados* quanto os *ficantes*.

Eu o escutava e ocasionalmente fazia perguntas, mas em algumas ocasiões ele pediu para que eu falasse em voz baixa e fosse discreto. Não lhe interessava ser identificado por qualquer pessoa naquele ônibus como um homem interessado em manter relações afetivo-sexuais com outros homens.

Como indicado anteriormente, Janos se afirmava como *gay* para seus amigos e familiares e, inclusive, em seus perfis em redes sociais *online*. Contudo, ele não tinha interesse que suas relações se tornassem visíveis em Barretos.

Janos vivia em uma cidade na qual tinha poucas possibilidades de transitar sem que fosse reconhecido, sem que suas ações não fossem noticiadas e sem que elas repercutissem nas redes em que estava envolvido. Em uma conversa, tratamos desse tema.

⁹⁸ A linha de ônibus mencionada opera 24 horas por dia durante a festa. O caminho entre o Centro e o Parque do Peão tem 9 quilômetros de extensão.

Janos: *O foda de ficar com gente aqui em Barretos é isso, o povo tudo vê.*

Eu: *Mas você não é assumido?*

Janos: *É que o povo comenta demais.*

(Diário de campo em 26/8/2014)

Uma das motivações para esse posicionamento de Janos diz respeito a sua intenção de manter em segredo algumas de suas relações afetivo-sexuais com outros homens, o que era necessário para que ele pudesse ocultar informações que viessem a comprometê-lo na administração de relacionamentos simultâneos.

Continuamos em diálogo enquanto seguíamos para a festa e logo chegamos ao Parque do Peão. Essa foi a primeira ocasião em que eu estive no evento e por conta disso Janos se incumbiu de me apresentar os diferentes espaços relativos à festa. Caminhamos por uma feira, passamos por lojas de souvenirs e assistimos a trechos de shows em diferentes palcos instalados no parque.

Nos momentos em que andávamos ou nas situações em que assistíamos a shows Janos cumprimentou diversas pessoas e ocasionalmente dialogou com algumas delas. Ele sugeria a cada um desses conhecidos que ainda naquela noite os reencontraria e então se despedia para que ele e eu seguissemos nosso caminho.

Janos também me levou até a arena⁹⁹ do Parque do Peão, um dos espaços destinados a algumas das atrações que recebem grande destaque na divulgação da festa, como shows e rodeios. O encerramento dessa caminhada de reconhecimento foi o bosque contíguo à arena e também situado dentro do perímetro do parque.

Ao entrarmos no bosque Janos me indicou que aquele espaço é usado como atalho para o trânsito de pessoas que seguem a pé entre regiões do Parque do Peão. O terreno nessa região do parque é cortado por algumas trilhas pavimentadas com pedras, mas mesmo quem deseja andar além desses caminhos demarcados pode fazê-lo facilmente porque a grama e arbustos são em geral podados.

Há alguns bancos longos com capacidade para acolhimento de três pessoas sentadas simultaneamente, o que estimula que o bosque também seja um espaço de permanência. Mesmo quem não busca assentos pode ficar de pé com algum conforto nesse espaço, inclusive escorando em troncos de algumas das árvores ali existentes.

No período noturno o bosque conta com uma iluminação artificial. Não há pontos intensamente iluminados ou completamente escuros, sendo que as lâmpadas ali instaladas

⁹⁹ Essa arena foi projetada por Oscar Niemeyer e tem capacidade para 35 mil pessoas sentadas (INDEPENDENTES, 2016).

geram incidência suficiente para que objetos, pessoas e árvores sejam identificadas. Os pontos mais claros são aqueles por onde passam as trilhas de pedras e os pontos mais escuros são aqueles onde há grama ou mesmo terra sem vegetação.

Nessa noite em que Janos me introduziu ao bosque nós caminhamos pelas trilhas de pedra e além delas. Ele comentou que várias pessoas faziam *pegação*¹⁰⁰ naquele espaço, incluindo casais compostos por um homem e uma mulher, mas era mais comum observar homens interagindo entre si.

Em certo momento em nossa caminhada pelo bosque nos aproximamos de alguns pontos mais escuros. Ele sugeriu que parássemos por um instante e ficou em silêncio. Próximos a nós estavam outros homens também em pontos escuros. Janos olhou atentamente a sua volta, sendo que naquele momento ninguém se aproximava de nós. Ele então baixou o zíper de sua calça, retirou o pênis e o exibiu aos outros homens que estavam parados à espreita. Eu me mantive em postura de observação e em silêncio. Passados alguns segundos nenhum homem se aproximou de Janos, que expunha seu pênis como um indicativo de que desejava ejacular. Surgiram ruídos de passos vindos da direção dos pontos mais claros e então Janos recolheu seu pênis, fechou o zíper de sua calça e sugeriu que saíssemos do bosque a fim de que não fôssemos flagrados por seguranças ou por pessoas conhecidas que também estavam na Festa do Peão naquele dia.

Janos frequentava banheiros públicos e demais espaços em Barretos onde homens comparecem na expectativa de que façam *pegação*¹⁰¹. Contudo, ele se sentia limitado na oportunidade de estabelecer interações sexuais quando outros homens que lhe são conhecidos comparecem aos mesmos espaços também intencionados em fazer sexo.

Uma vez encerrada a caminhada de reconhecimento, Janos se despediu de mim indicando que iria conversar com outras pessoas e então sugeriu que nos encontrássemos posteriormente para que saíssemos juntos do parque rumo à região Central de Barretos.

No intervalo em que perdi Janos de vista eu caminhei pelo parque tendo oportunidade de observar mais atentamente o que mencionei anteriormente referente a um estilo de vista associado ao sertanejo e o *country*.

Os espaços no Parque do Peão (arena, palcos, salões) e as atrações da Festa do Peão (rodeios, shows, discotecagens) compõem uma série de elementos estrategicamente

¹⁰⁰ Esse termo alude a práticas sexuais geralmente fortuitas entre parceiros não necessariamente desconhecidos. Conferir Sester (2017).

¹⁰¹ Ainda que nos últimos anos alguns dos banheiros públicos na região central de Barretos tenham sido interditados, ainda havia alguns desses banheiros onde era possível fazer *pegação*.

acionados para que haja a emergência de uma espécie de ruralidade estilizada a partir de Barretos. Esse intento recebe financiamento de inúmeras empresas e órgãos públicos em um espaço milimetricamente organizado e limpo sob atenção constante de um complexo expediente de segurança privada onde há infraestrutura¹⁰² que suporta milhares de visitantes diários.

A Festa do Peão enquanto um megaevento de entretenimento tem a ruralidade estilizada como seu elemento fundante. Em meio a esses elementos constam shows com artistas de distintas nacionalidades e rodeios, que estão conectados a um circuito internacional de competições composto por pessoas, animais e premiações.

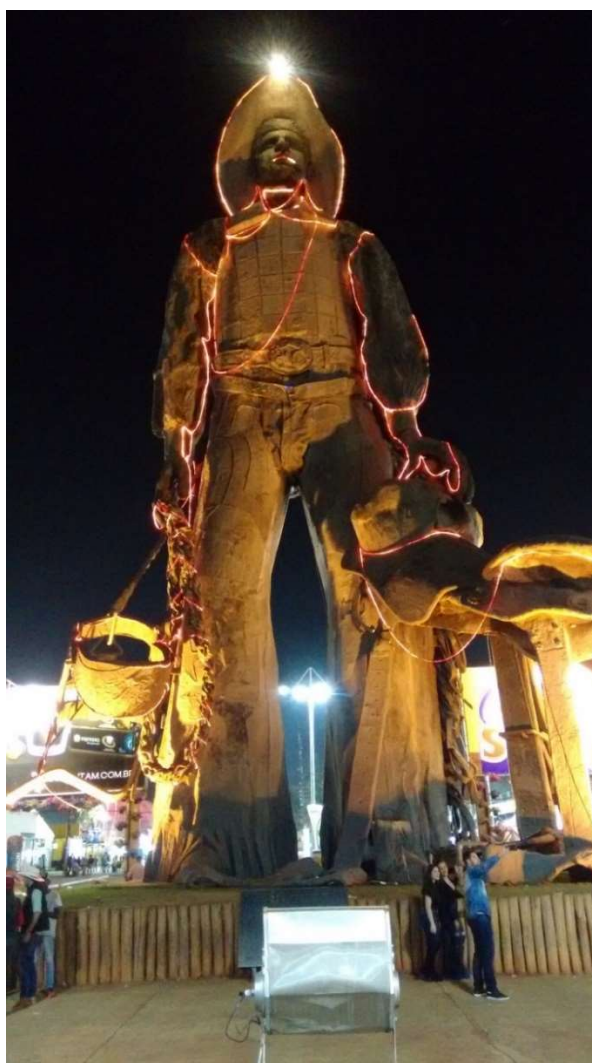


Imagem 14. Monumento no Parque do Peão. Fonte da imagem: fotografia de minha autoria para o acervo da pesquisa.

¹⁰² Há uma subestação de energia elétrica da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) dentro do Parque do Peão (INDEPENDENTES, 2016).

A ode ao peão materializada em um monumento de 27 metros de altura corresponde a um flagrante do rural estilizado que é produzido no/a partir do evento e que extravasa a festa. Se o parque é o epicentro dessa estilização, ela irradia sobre Barretos e região. Contudo, a Festa do Peão dura onze dias.

Essa estilização do rural não cessa com o término de cada edição do evento, mas torna-se bastante diluída em algumas ações dos próprios organizadores da festa ou em ações de empresários que comercializam bens e serviços também associados a esta estilização. Lojas que vendem roupas estampadas em xadrez, botas, chapéus, cintos, fivelas, berrantes e selas para cavalo – inclusive os pontos de distribuição oficial da Festa do Peão – alimentam-se do rural estilizado e simultaneamente o alimentam o ano todo.

Enquanto Janos era um apreciador dessa estilização, da Festa do Peão e do Parque do Peão, outros interlocutores não se entusiasmavam com nenhum desses elementos.

Santiago¹⁰³ era o interlocutor de Barretos que mais explicitou desapeço pelo evento. O maior incômodo desse jovem diz respeito ao fato de ele ter sua experiência na Festa do Peão relacionada a trabalho. Nas edições do evento que ocorreram no período de minha pesquisa, Santiago concorreu a vagas temporárias e foi admitido. Ele se queixava das condições de trabalho e da remuneração que recebia, pois as considerava precárias tendo em vista as funções que exercia.

A oportunidade de receber algum montante de dinheiro era, contudo, importante. Em sua carreira como bailarino ele não tinha fonte de renda fixa e ganhava cachês baixos nas situações em que tinha chance de realizar apresentações remuneradas.

Quando Santiago estava dentro do parque em função de trabalho ele poderia continuar na festa após seu expediente e acompanhar a programação. Na 61ª edição do evento ele trabalhou na recepção de um hotel dentro do parque.

Pude acompanhá-lo no evento em uma das noites em que ele havia encerrado seu trabalho. Era sábado e o Parque do Peão estava com uma grande movimentação de pessoas. Naquela noite haveria algumas das atrações mais divulgadas pela organização do evento, dentre elas o show da dupla Zezé Di Camargo & Luciano.

Santiago e eu caminhamos pelo parque quando ele destacou que em algum momento precisaria se despedir de mim, pois ele havia flertado com um funcionário que compunha a equipe da dupla mencionada. Essa era uma das poucas oportunidades que os

¹⁰³ Faço uma apresentação desse interlocutor no capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*”, especialmente na seção “Na cadência da estrada”.

dois dispunham para ficar juntos, pois o rapaz com quem Santiago havia flertado logo iria embora de Barretos.

Enquanto aguardava o sinal para seu encontro, Santiago me contou que em outra noite daquela mesma semana ele havia beijado um homem nas arquibancadas da arena do Parque do Peão. O beijo ocorreu em um momento em que inúmeras pessoas estavam a sua volta durante um show.

Conversamos sobre essa demonstração de afeto e o contexto em que ela ocorreu. Foi então que Santiago teceu o seguinte comentário.

Não esperava beijar na Festa do Peão. É uma festa hétero. As pessoas acabam não esperando, mas aconteceu. Eu beijei uma pessoa em público na arena. Não houve reações violentas.

(Diário de campo em 27/8/2016)

Assim como indicado anteriormente, a arena está localizada ao lado do bosque. Enquanto no bosque predomina penumbra e pequenas aglomerações de pessoas, na arena predomina uma intensa incidência de luz proveniente de holofotes poderosos que iluminam dezenas de milhares de pessoas durante shows e rodeios. Enquanto o bosque é utilizado mais como espaço de trânsito do que de permanência, na arena muitas pessoas aglomeram-se em arquibancadas.

Na arena bem iluminada e abarrotada de pessoas Santiago beijou outro homem ainda que tivesse a concepção do evento como uma *festa hétero*. Ele comentou então que tanto em seu cotidiano em Barretos quanto na Festa do Peão há possibilidade de reprovação e de represália quando anda de mãos dadas ou quando beija outros homens.

Continuamos dialogando naquela mesma noite sobre espaços e visibilidades na cidade de Barretos.

Santiago: Barretos é uma cidade muito xucra por ser uma cidade rural ainda. Agora a gente tá fazendo uma quebra disso. De pouquinho em pouquinho estão surgindo as pessoas tentando se manifestar estando presentes aqui em Barretos, mas é muito complicado ainda. Você sair na cidade de mãos dadas é anormal ainda. Na Festa do Peão é anormal, mas as pessoas tentam não te julgar abertamente. As pessoas abominam isso. As pessoas têm medo de se expor e preferem ir para algum lugar um pouco mais escuro para poder fazer essas coisas. Eu não vejo esse problema. Eu tento ser uma pessoa corajosa. E tento

encontrar alguém corajoso também a ponto de ter essa mesma intenção. Não é me mostrar, não é fazer com que as pessoas engulam que eu sou gay e tenham que respeitar. Quero simplesmente ser normal como todo mundo é. Eu sou normal, não sou diferente de ninguém.

Eu: *E você faz?*

Santiago: *Não acontece, pois as pessoas não topam. As pessoas preferem um lugar mais reservado. Não é uma forma de me manifestar, mas é pra mostrar que isso é possível. Por mim eu faria, eu não tenho vergonha. As pessoas têm vergonha.*

(Diário de campo em 27/8/2016)

Ainda que entenda Barretos como uma cidade *xucra*, a possibilidade de sentir *medo* e *vergonha* não eram impeditivos para que Santiago expusesse suas relações afetivo-sexuais. O beijo em público em outro homem foi excepcional para esse interlocutor, pois em seu cotidiano em Barretos dificilmente há outras pessoas que também tenham disposição para fazê-lo.

Ainda que a estilização do rural e o incômodo relativo às condições de trabalho correspondam a elementos desinteressantes para Santiago, a excepcionalidade da Festa do Peão pode ser interessante para situações como as que ele experimentou. Houve encontros com homens que não eram moradores da cidade, que viajaram a Barretos justamente por conta da festa. E houve possibilidade de demonstração de afeto em público, algo que Santiago faria em contextos ordinários, mas que se concretizou na excepcionalidade do evento.

4.3. Bloco na rua

No capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*” apresentei a *família* Stronger, uma das redes de interlocutores com as quais tive maior proximidade durante o trabalho de campo em São Paulo. Neste capítulo faço novamente menção à Stronger para discutir sobre regimes de visibilidade e produção de pessoas em meio aos trânsitos dos membros desta *família* pelo espaço urbano.

Uma manifestação contra a *homofobia* organizada pela Stronger em julho de 2014 corresponde a um dos marcos do processo de promoção de *militância* na *família*. Essa

atividade foi divulgada por meio de redes sociais *online* e teve como ponto de partida o vão do Museu de Arte de São Paulo (MASP), na Avenida Paulista.

Alguns membros da Stronger e outros convidados compareceram à manifestação. Esse chamado para o ato na Paulista agregou cerca de vinte pessoas, fato que inclusive recebeu destaque na repercussão da atividade¹⁰⁴.

As pessoas que se reuniram no vão do Masp saíram em marcha pela Avenida Paulista e percorreram um trajeto pela região central passando pela rua Augusta até que finalmente chegaram ao Largo do Arouche, onde a manifestação foi encerrada. O trajeto foi realizado a passos pouco apressados, o que resultou em duas horas de caminhada.

Um carro de som acompanhou as pessoas e um manifestante fazia discursos para chamar atenção ao tema da marcha, *Homofobia não faz sentido*. Em alguns momentos nada se falava ao microfone para que fosse possível escutar um coro de manifestantes que bradava palavras de ordem¹⁰⁵.

Ainda que houvesse no máximo 20 pessoas e um pequeno carro de som, uma das faixas da Avenida Paulista foi integralmente interditada pela Polícia Militar a fim de que manifestação pudesse seguir com segurança. No momento em que essa faixa da via pública foi interditada, um dos *pais da família* gritou com explícito entusiasmo *Olha só a Stronger parando a Paulista!*

Essa frase é de Sandro, um de meus principais interlocutores de pesquisa. Eu o conheci na *Vieira* em 2014, quando ele tinha 28 anos, e seguimos em contato até 2017. Ele se apresentava como *pardo* e mantinha relacionamentos afetivo-sexuais exclusivamente com homens. Nasceu em São Paulo e no período da pesquisa ele morava em uma *favela* na região de Interlagos, como dizia. Coabitava com sua mãe, pai e um irmão mais novo. Durante os anos em que o acompanhei ele sempre foi um entusiasta da pesquisa e colaborou enormemente com sua realização ao me apresentar jovens que se tornaram meus interlocutores e ao me conduzir a vários espaços que se tornaram importantes para a discussão que realizo na tese.

A baixa adesão à manifestação não se tornou um problema para Sandro ou para outros membros da Stronger, visto que ali se efetivava uma das propostas da *família*: a

¹⁰⁴ Uma matéria do jornal Folha de S. Paulo enfatiza o número de pessoas que aderiu à manifestação. Consultar o link [www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/07/1485169-protesto-anti-homofobia-reune-
apenas-16-pessoas-na-avenida-paulista.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/07/1485169-protesto-anti-homofobia-reune-apenas-16-pessoas-na-avenida-paulista.shtml)

¹⁰⁵ Algumas das palavras de ordem nessa manifestação eram “*Eu amo homem / Eu sou mulher / Tenho direito de amar quem eu quiser*” e “*As gay, as bi, as trava, as sapatão / Estão todos organizados pra fazer revolução*”.

ocupação do espaço público a fim de visibilizar essa rede e suas pautas. Os membros da *família* inclusive discutiram durante o ato sobre a possibilidade realizarem outras manifestações nas quais pudessem novamente *parar a Paulista*.

No período de meu trabalho de campo acompanhei diversas manifestações realizadas pela Stronger, inclusive em parceria com outras *famílias LGBT*. Com tais iniciativas essas redes de adolescentes e jovens puderam ensejar outras alianças e atividades para além de promoção de encontros em contexto de lazer ou proteção de seus membros contra agressões.

Como mencionado no capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*”, o ato em função da morte de Kaique foi organizado em conjunto por algumas *famílias*, inclusive por algumas que não buscavam promover esse tipo de atividade. Essas parcerias entre *famílias* renderam a algumas destas redes a possibilidade de promoverem atividades que não lhe eram cotidianas ou previstas, como cursos de formação de *militantes*.

Outras situações junto à Stronger me permitiram observar iniciativas pelas quais a *família* obteve ampla visibilidade e também promoveu a formação de seus membros para pautarem *combate à homofobia*. Destaco abaixo uma dessas iniciativas observando processos de produção de pessoas relacionados a diferentes regimes de visibilidade.

Durante o Carnaval de 2014, a Stronger desfilou junto à escola de samba *Em cima da hora paulistana*¹⁰⁶. Em se tratando de uma atividade excepcional para *família*, cerca de 40 de seus membros estiveram presentes, inclusive aqueles que geralmente não compareciam a festas *de menor* ou a encontros na *Vieira*.

A rede de pessoas vinculadas a essa *família* é consideravelmente maior que o conjunto de pessoas a ela relacionada e que se encontram semanalmente em espaços de encontro e de convivência, como a *Vieira*. Vários membros da Stronger comparecem a atividades da *família* apenas quando são explicitamente chamados para auxiliarem a demonstrar seu potencial de mobilização enquanto rede.

Os *pais* da Stronger chamaram vários de seus *filhos* para o desfile de carnaval com a intenção de oferecer ampla visibilidade à *família*. Eles também encomendaram

¹⁰⁶ Essa escola, também conhecida como “*Coruja do Samba*”, compõe o quarto grupo dentre aquelas que se apresentam na cidade e seu desfile ocorreu na Avenida Radial Leste no trecho que margeia uma estação de metrô na zona leste de São Paulo. O samba-enredo deste ano, intitulado “*Homofobia é crime, amai-vos uns aos outros como vos amei*”, alude à Parada do Orgulho LGBT e roga por respeito a essa população.

camisetas com o nome dessa rede para que seus membros desfilassem explicitando que eram parte da Stronger¹⁰⁷.

As camisetas foram distribuídas a cada membro antes do desfile no ponto de encontro indicado, a estação de metrô Vila Matilde, zona leste de São Paulo. Quando cheguei a esse ponto de encontro havia alguns membros da *família* aguardando outros tantos chegarem.

Quando estávamos em uma aglomeração de cerca de 30 pessoas, os *pais* abriram dois grandes sacos onde constavam as camisetas e entregaram uma para cada pessoa ali presente. Sandro me entregou uma das camisetas dizendo que aquela era do meu tamanho e que tal peça de roupa teria sido feita para mim. Eu então a vesti a camiseta e assim também fizeram todos ali presentes.

No ato de vestir a camiseta, produziram-se pessoas. Naquele momento a *família* demandou que os participantes da atividade prestes a entrar no desfile mudassem de *status* ao menos temporariamente, como foi o meu caso. Naquele instante transformaram-me em um dos membros da Stronger e fui acolhido como tal por toda a *família*.

Segui como Stronger e com a Stronger durante o desfile. Nessa ocasião éramos cerca de 30 pessoas e nos somamos às centenas de membros da escola de samba para meia hora de caminhada por uma grande avenida transformada em sambódromo no período do carnaval. Desfilamos carregando a várias mãos uma grande Bandeira do Orgulho enquanto acenávamos à plateia nas arquibancadas lotadas.

Após o desfile, saímos juntos da avenida como se fôssemos uma matilha. A fim de ir embora, desvinculei-me da *família* retirando minha camiseta. Nesse momento Sandro me disse que essa peça de roupa era minha e eu não poderia devolvê-la. Eu tampouco poderia utilizá-la em outra ocasião sem autorização da *família* ou sem ter em conta consequências de seu uso perante os membros de outras *famílias*.

Esse processo relativo à camiseta ocorre análogo à *adoção* nas *famílias*, sendo que a *adoção* é tanto implicação quanto estímulo à produção de pessoas.

Depois que um *pai* identifica que alguém pode ingressar em sua rede, o novo integrante recebe autorização para utilizar em seu sobrenome o nome da *família*. Essa mudança de nome ocorre tanto para momentos em que os membros das *famílias* se

¹⁰⁷ Essas peças de roupa foram patrocinadas por uma empresa do ramo de cosméticos, que entrou em contato com Sandro e um de seus parceiros de *militância*. A empresa desejava divulgar o lançamento de sua primeira loja no Brasil e então buscou financiar projetos como a confecção da camiseta da Stronger.

apresentam presencialmente quanto em momentos em que há interação *online* por meio de perfis em redes sociais (PERILO; PUCCINELLI, 2017, s/p).

Quem era antes apenas Sandro, após a *adoção* torna-se Sandro Stronger, por exemplo. Produziu-se uma nova pessoa. Por conseguinte, quando esse integrante deseja sair de alguma *família* ou é expulso por outros integrantes, Sandro Stronger torna-se apenas Sandro e não mais tem autorização para utilizar o nome da *família* da qual era membro. Produziu-se uma nova pessoa.

Quem tem vínculo com mais de uma *família* usa o sobrenome de cada uma delas. Essa mudança de nome não é banal nos espaços de encontro onde há membros de *famílias*. Uma vez que alguém se torna integrante de algumas dessas redes, imediatamente essa informação torna-se pública e faz com que se alterem as relações dessa pessoa com integrantes de todas as *famílias*.

Caso alguém provoque Sandro, apenas Sandro responde por si. Caso alguém provoque Sandro Stronger, ele e mais algumas dezenas de pessoas da mesma *família* responderão juntos a tal provocação.

Ainda que os nomes e sobrenomes daqueles que compõem as *famílias* sejam extensamente divulgados em espaços de encontro ou em redes sociais *online*, é possível que alguém desconheça o pertencimento familiar outrem. Isso pode gerar diferentes modalidades e intensidades de conflitos, pois reportar-se a alguém da Stronger é diferente de reportar-se a alguém da Vallentyne Lawiny, por exemplo¹⁰⁸.

4.5. Epílogo

Uma vez que em minha tese busco observar meus interlocutores em seus *rolês* pelo espaço e entre espaços, a reflexão sobre produção de pessoas a partir do que identifiquei em trabalho de campo levou em conta a produção de diferentes visibilidades da homossexualidade. Neste capítulo eu então me ative a diferentes regimes de visibilidade em distintos contextos urbanos, o que favoreceu a caracterização dos processos observados.

As situações indicadas neste capítulo estimularam a reflexão sobre as trajetórias de meus interlocutores em relação a distintas visibilidades de si e de suas relações. Havia

¹⁰⁸ Há *famílias* diplomáticas e há aquelas que resolvem as tensões com outras pessoas e redes lançando mão de agressão física. Interagir com alguém de alguma *família* sem saber sobre as peculiaridades de tal rede pode ocasionar consequências graves.

aqueles que se afirmavam e se faziam visíveis enquanto *gays*; e havia outros que evitavam fazê-lo. Havia alguns que demonstravam afeto em público junto a seus *namorados*; e havia outros que evitavam fazê-lo. Cada postura era estimulada e gerava implicações a partir dos espaços e dos trânsitos que esses adolescentes e jovens compunham.

A produção de pessoas é relacionada às distintas maneiras pelas quais meus interlocutores se rearranjavam ou eram rearranjados a depender dos espaços e das relações nas quais estavam vinculados e de sua capacidade de manejar os recursos que tinham à disposição. Os diferentes regimes de visibilidade articulam-se então à produção de pessoas como consequência e como estímulos a esse processo.

Utilizar ou não um anel permitia que Flávio acionasse alguma margem de manejo da visibilidade de seu *namoro* com Janos e, por conseguinte, da visibilidade de si como *gay*. Utilizar ou não uma camiseta oferecida durante um desfile de carnaval poderia estar na margem de possibilidades de algum membro da *família* Stronger para se tornar visível (ou não) considerando as implicações desta escolha.

Outras situações não permitiam margens muito amplas ou mesmo escolha para que meus interlocutores intervissem nos rearranjos que eles se tornavam. Túlio era entendido como *dragzinha* em Barretos mesmo que não desejasse. Naquele contexto as roupas e acessórios que utilizava o faziam ser entendido como feminino. Ele progressivamente abdicou dos trajes e cortes de cabelo que lhe pareciam comuns às pessoas de companhias e coletivos de teatro. Contudo, mesmo depois desse processo ele continuou com dificuldades para ser lido como *homenzinho* em seus *rolês* em Barretos.

As situações em destaque a partir das trajetórias de meus interlocutores favorecem a identificação de implicações e condições de produção de pessoas e de visibilidades para a mesma coorte geracional. A fim de destacar a relevância da reflexão sobre esses temas, no capítulo Considerações finais indico como tal discussão se articula às demais apresentadas ao longo da tese.

5. Considerações finais

Nesta tese eu discuto sobre mudanças em regimes de visibilidade da homossexualidade no Brasil contemporâneo a partir de trabalho de campo realizado nas cidades de São Paulo e de Barretos. Apresento cenas e situações que observei junto a interlocutores considerando um referencial analítico que me permite entender espaços, relações e pessoas como processos que se constituem mutuamente.

Ainda que não seja possível dissociar esses processos, elaborei capítulos para refletir especificamente sobre cada um deles. Discuti sobre espaço no capítulo “Nos espaços e *rolês* com adolescentes e jovens”; sobre relações no capítulo “Nas redes dos *xaxos* e *amizades*” e sobre pessoas no capítulo “Nos trânsitos entre o *close* e o *respeito*”.

Espaços, relações e pessoas surgem então como temas específicos para cada capítulo da tese. Uma vantagem dessa estratégia narrativa é a possibilidade de análise detida sobre cada um desses processos e sobre suas implicações.

Como cada um dos temas foi observado em diferentes capítulos, nestas considerações finais realizo outro exercício. Busco retomar aqui os temas tratados nos demais capítulos explicitando articulações entre eles. Realizo esse movimento para apresentar de outras maneiras as questões que discuti na tese.

O trabalho de campo que desenvolvi a partir de São Paulo e de Barretos permitiu que eu observasse modos pelos quais meus interlocutores experimentavam espaços, relações e visibilidades de si e de suas relações em diferentes escalas de cidade.

Alguns adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais que acompanhei em Barretos afirmavam-se como *gays* para distintas pessoas com quem compunham redes diversas, como famílias e amigos. Esse era o caso de Janos, que inclusive em seus perfis de redes sociais *online* falava sobre orgulho de ser *gay* e compartilhava conteúdos relativos à defesa de direitos da população LGBT.

Outros interlocutores se afirmavam como *gays* apenas para um conjunto restrito de pessoas em suas redes, como alguns amigos. Esse era o caso de Túlio. Contudo, mesmo não falando abertamente sobre sua sexualidade esse jovem era interpelado como *gay* por conta de seu estilo corporal *dragzinha* e por conta do modo como caminhava.

Ainda que meus interlocutores em Barretos acionassem distintos modos e intensidades para exposição de si, eles não demonstravam afeto em público junto a outras pessoas do mesmo sexo. Eu acompanhei esses adolescentes e jovens em diferentes

situações e contextos, mas em nenhum momento em que estavam em logradouros públicos eles beijavam, acariciavam ou andavam de mãos dadas com seus *namorados*.

Havia situações em praças, ruas e parques nas quais meus interlocutores em Barretos se sentiam menos ameaçados ou desconfortáveis para demonstração de afeto. Quando a Praça Francisco Barreto estava erma durante as madrugadas, por exemplo, poderia haver beijos e carícias entre homens. Ninguém observaria.

A falta de segurança e de conforto indicada por esses adolescentes e jovens para demonstração de afeto dizia menos sobre possibilidade de sofrerem agressão física que sobre o incômodo de serem reconhecidos e apontados.

Janos indicava que em Barretos *o povo comenta demais*. Ele evitava demonstração de afeto nessa cidade quando queria manter ocultas algumas de suas relações afetivo-sexuais. Ao evitar carícias e beijos em público Janos teria mais chances de manejar a visibilidade de seus *namoros*.

Havia ao menos uma exceção à invisibilidade das demonstrações de afeto vivenciada por meus interlocutores em Barretos. Havia uma mudança durante a Festa do Peão de Boiadeiro, pois em meio a multidões de desconhecidos meus interlocutores teriam condições para demonstração afeto com ampla possibilidade de não serem identificados como moradores de Barretos ou por moradores de Barretos.

No Parque do Peão Santiago se sentia à vontade para beijar outros homens, inclusive durante os shows na arena lotada com milhares de pessoas. Em seu turno, Janos arriscava fazer *pegação* no bosque do parque ainda que pudesse ser flagrado por conhecidos ou desconhecidos durante interações sexuais com outros homens.

Observei que as redes compostas por meus interlocutores em Barretos não tinham como propósito oferecer segurança e conforto para que eles pudessem demonstrar afeto em público. Esses interlocutores tampouco se organizavam para reagir coletivamente a eventuais agressões por conta de sua visibilidade como *gays*.

As redes de adolescentes e jovens que acompanhei em Barretos se articulavam mais em função de ampliar suas possibilidades de deslocamentos pelo espaço, como nos casos em que desejavam viajar para outras cidades. Essas redes também surgiam e se mantinham para auxiliar as carreiras artísticas de alguns desses adolescentes e jovens, como era o caso de Santiago em seu trabalho como bailarino e o caso de Túlio em sua trajetória como ator.

Ao acompanhar meus interlocutores em seus *rolês* pela cidade de São Paulo eu pude identificar diferentes modos pelos quais eles visibilizavam a si e a suas relações.

Estive em trânsito com adolescentes e jovens entre diferentes espaços em São Paulo onde muitas pessoas afirmavam-se *gays* e demonstravam afeto junto a outras pessoas do mesmo sexo, como ocorria na *Vieira* e na *Augusta*. Também realizei trabalho de campo em espaços como o *Tatuapé*, onde as possibilidades de represália por conta de demonstrações de afeto entre homens eram altas.

A visibilidade de meus interlocutores nessa cidade era bastante diversa a depender da região onde estavam. O contraste mais expressivo entre permitirem-se visíveis e evitarem exposição de si pode ser observado na relação entre regiões de moradia nas periferias e espaços de encontro e de convivência na região central de São Paulo. Darci, por exemplo, evitava utilizar em seu bairro as roupas, maquiagens e acessórios que utilizava na *Vieira*.

A relação entre centro e periferia a que me refiro foi matizada ao longo da tese. Não era em qualquer espaço ou em qualquer momento que meus interlocutores se permitiam mais visíveis na região central. E tampouco meus interlocutores estavam destinados a evitarem ações que os visibilizassem como *gays* nas periferias onde moravam. As possibilidades de serem mais ou menos visíveis diziam respeito a uma série de variáveis: o espaço, o contexto, suas companhias, seus estilos corporais, os modos como demonstravam afeto e os modos como transitavam pelo espaço.

Um dos motivadores para a articulação de redes de adolescentes e jovens em São Paulo era a busca por proteção e suporte tendo em vista agressões que poderiam sofrer. As *famílias LGBT* foram criadas com esse propósito, sendo que o pertencimento a tais redes se tornava inclusive um incentivo à ampliação dos *rolês* de seus membros por distintas regiões da cidade.

Algumas dessas redes de interlocutores estimulavam a formação de seus membros para que atuassem como *militantes*. A *família Stronger*, por exemplo, realizava cursos para que seus membros pudessem ampliar seu repertório a fim de reivindicarem políticas e direitos para a população LGBT. Além de formação de *militantes*, algumas famílias promoviam manifestações públicas pautando o *combate à homofobia* e exigindo apuração de crimes contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

As trajetórias e trânsitos de meus interlocutores a partir de São Paulo e de Barretos me estimularam a discutir nesta tese sobre os modos pelos quais eles experimentavam diferentes escalas de cidade. O que eles poderiam tornar visível – e os modos como tornavam visível – dizia respeito às condições que dispunham para a produção de espaços e para a produção de relações.

Também pude identificar como esses adolescentes e jovens experimentaram alguns processos de mudança que têm ocorrido no país, sobretudo em relação a regimes de visibilidade da homossexualidade. As pessoas, os espaços e as relações indicadas permitiram-me colocar em perspectiva as causas e os efeitos das visibilidades em cada contexto analisado.

Os *rolês* de meus interlocutores favoreceram que eu observasse como eles transitavam entre espaços e em espaços tendo em vista seus diferentes *closes*.

A extensão desses *rolês* e o que eles ocasionavam a cada interlocutor poderia ser modificado em função dos *xaxos* que sofriam ou promoviam.

Um *close* poderia gerar um *xaxo* a depender de onde e como fosse o *rolê*. Contudo, meus interlocutores se organizavam de diversas maneiras para que a ameaça do *xaxo* não impedisse os *rolês* e tampouco os *closes*.

Os modos como eu desenvolvi essa reflexão e minhas estratégias de escrita permitiram-me então alcançar o título desta tese: “*Rolês, closes e xaxos: uma etnografia sobre juventude, (homo)sexualidades e cidades*”.

* * *

A proposição de um projeto, a realização da pesquisa e os modos como seus resultados são apresentados correspondem a processos distintos, mas conectados. O que se conta sobre uma pesquisa contamina e é contaminado pelo modo pelo qual se conta.

Identifiquei na antropologia vários modos de narrar, mas um deles em específico me parece mais poderoso para que se desvele processos e relações. Refiro-me à estratégia narrativa que destaca um detalhe, uma sutileza, um fragmento qualquer para que, a partir dele, seja possível refletir não apenas sobre o detalhe, mas sobre o mundo ao redor.

Aprecio quando antropólogos se propõem a aplicar lupas sobre algo bastante específico (até microscópico) e, pinçando tal elemento, conseguem revelar um emaranhado complexo. Seria algo análogo a observar uma linha saliente em um casaco de lã que, ao ser puxada, permite que se revele a roupa, a técnica, o tecelão.

Esse movimento de narrar a partir do ínfimo para, então, expor processos e suas vísceras foi o que eu tentei realizar nesta tese de doutorado.

6. Referências

- ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- BARBOSA DA SILVA, José. *O homossexualismo em São Paulo: um estudo de um grupo minoritário*. Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Filosofia: Universidade de São Paulo, 1960.
- BARNES, John. As redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- BRASIL. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 16 mar. 2015.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz...* Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Tese de Doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. 1ª ed. 1ª reimp. Buenos Aires, Paidós, 2002.
- CARRARA, Sérgio. O Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o "lugar" da homossexualidade. In: GROSSI, Miriam Pillar [et al.] (orgs). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 17-24.
- CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *Cadernos Pagu*. Jan./June, no. 28. 2007.
- CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- CORRÊA, Mariza. "Antropologia & medicina legal: variações em torno de um mito". In EULALIO, Alexandre et al. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Brasiliense. 1982.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FACCHINI, Regina; FRANCA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 42, p. 99-140, June 2014.
- FELTRAN, Gabriel. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp: CEM: Cebrap, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: movimento GLBT e mercado GLS na cidade de São Paulo*. Universidade de São Paulo: Dissertação de mestrado, 2006.

FRANÇA, Isadora. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

FRÚGOLI Jr., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 48, n. 1, junho, 2005.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 87-115.

GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GROSSI, Miriam. Gênero, Sexualidade e Reprodução. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias (orgs.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil*. Antropologia. São Paulo: Editora Barcarolla e Discurso Editorial, 2010, p. 293-340.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da "cultura": espaço, identidade e política da diferença. In ARANTES, Antonio A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

IBGE. *Atlas do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

IBGE. Departamento de População e Indicadores Sociais. *População jovem no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

INDEPENDENTES. Festa do Peão. Disponível em: <<http://www.independentes.com.br/festadopeao/>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

LACOMBE, Andrea. "Tu é ruim de transa!" ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

LEITE, Vanessa. *Sexualidade adolescente como direito? A visão de formuladores de políticas públicas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LOW, Setha; SMITH, Neil. Introduction: the imperative of public space. In: LOW, Setha; SMITH, Neil. *The politics of public space*. New York: Routledge, 2006, p. 1-16.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005 [1983], p. 291-308.

MAGNANI, J.G. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, J.G e Lilia de Lucca Torres (org.). *Na Metrópole - textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2003.

MARQUES, Roberto. *O Cariri do forró eletrônico*. Tese de doutorado: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

MARQUES, Roberto; PERILO, Marcelo. O "rural" e o "urbano" em estudos de gênero e sexualidade: etnografia, mediação e agência. *Anais do VII Congresso Internacional de*

Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura: Práticas, pedagogias e políticas públicas. Rio Grande: Editora da FURG, 2014.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *GEOgraphia*. Niterói, v.6, n.12, p.7-23, jul./dez. 2004.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales: sociología de la homosexualidad y la gaycidad.* Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

MELLO, Luiz [et al.]. *Políticas Públicas para a população LGBT no Brasil: um mapeamento crítico preliminar.* Relatório de pesquisa. Goiânia: UFG, Faculdade de Ciências Sociais, Ser-Tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade, 2010, p. 21-60.

MIRANDA, Jorge. Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip-Hop. *Cadernos do CEAS*, v. 223, p. 47-58, 2006.

MITCHELL, J. Clyde. Social networks. *Annual Review of Anthropology*, v 3, pp. 279-299, 1974.

NEWTON, Esther. My best informant's dress: the erotic equation in fieldwork. *Cultural Anthropology*, Vol. 8, No. 1 (Feb.), 1993, pp. 3-23.

PARREIRAS, Carolina. *Sexualidade no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line.* Dissertação de mestrado: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

PASSAMANI, Guilherme. Batalha de confete no "Mar de Xarayés": condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UNICMAP, 2015.

PERILO, Marcelo. *Área fértil: jovens e espaços de sociabilidades juvenis.* Goiânia: Editora UFG, 2014.

PERILO, Marcelo; PEDROSA, Cláudio; MELLO, Luiz; BRAZ; Camilo. "Entre a aids e a integralidade: travestis, transexuais, bissexuais, lésbicas e gays nas políticas públicas de saúde no Brasil". In: MELLO, Luiz (org.). *Políticas Públicas para a população LGBT no Brasil: um mapeamento crítico preliminar.* Relatório de pesquisa. Goiânia: UFG, Faculdade de Ciências Sociais, Ser-Tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade, 2010, p. 213-256.

PERILO, Marcelo; PUCCINELLI, Bruno. *Eu não sou gay, sou Stronger: trânsitos, visibilidade e parentalidade entre jovens em São Paulo.* No prelo.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo.* São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008 [1987].

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José (orgs.). *Diferenças, igualdade.* São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009b.

PISCITELLI, Adriana. Prefácio. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres Dissidentes.* Rio de Janeiro: Garamond, 2009a, p. 11-20.

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. Apresentação. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 9-35.

PRDC. Associação da Parada GLBT e CADS firmam acordo com Shopping Tatuapé para coibir discriminação. Disponível em: <<http://www.prsp.mpf.mp.br/prdc/prdc/prdc-informa/informativo-no4/associacao-da-parada-glbt-e-cads-firmam-acordo-com-shopping-tatuape-para-coibir-discriminacao>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

PUCCINELLI, Bruno. *Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de São Paulo*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de São Paulo, 2013.

ROCHA, Ane Talita. *Construindo desejos e diferenças: uma etnografia da cena indie rock paulistana*. Dissertação de mestrado - FFLCH/USP. São Paulo, 2013.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole. (comp.). *Placer y peligro*. Explorando la sexualidad femenina. Madrid: Revolución, 1989, p. 113-190.

SESTER, Eros. Um grito chamado silêncio: uma errância etnográfica da pegação à produção social dos parques Ibirapueras. Campinas, SP: 2017.

SESTER, Eros; CALIXTO, Maria Eugênia Perez. O que compra alguém no largo: identidades e homossociabilidades no Largo do Arouche domingo à noite. *Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura*. Salvador, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*. São Paulo. Editora UNESP, 309-336, 2005.

SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cad. Pagu*. Campinas, n. 35, Dec. 2010, pp. 37-78.

STRATHERN, Marilyn. *Kinship, law and the unexpected - relatives are always a surprise*. Cambridge University Press, 2005.

VEGA, Alexandre. *Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo*. Dissertação de mestrado: Universidade de São Paulo, 2008.

WESTON, Kate. *Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship*. Columbia University Press, New York, 1990.